

As reflexões
de um sonho
que não tem fim



AS REFLEXÕES DE UM SONHO QUE NÃO TEM FIM

Uma antologia da
Organização não-governamental
projetos sociais meu sonho não tem fim

Esta obra não tem nenhuma finalidade comercial. Partes do seu conteúdo são dotadas de direitos autorais, ficando claro que a cópia parcial ou integral, seja ela qual for e independente da finalidade, sem prévia autorização, é punível pelas leis de direitos autorais em vigor.

Copyright © 2009 ONG “Projetos sociais meu sonho não tem fim”

Todos os direitos reservados.

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de realizar este sonho, pela boa terra por onde trilho os meus caminhos e pela luz que ilumina meu horizonte. Aos “grandes sonhadores” pela inspiração, exemplo de vida e legado. A minha querida e amada família - especialmente a minha esposa - pelo apoio, colaboração e compreensão da importância deste sonho em minha vida. E finalmente, mas não menos importante, a todos os amigos desta “comunidade sonhadora”, que, com suas palavras de incentivo, orações, sugestões, elogios, críticas construtivas, tornam o dia-a-dia desta organização em um adorável sonho que não tem fim.

Alex Cardoso de Melo

SUMÁRIO

Introdução	7
Meu sonho não tem fim	10
A águia e a galinha	13
A balança	14
A bolsa com batatas	16
A carroça vazia	17
A força de um gesto de carinho	18
A grandeza de um pequeno gesto	20
A importância do horizonte	22
A inveja e a competência	23
A janela	25
A lenda do monge e do escorpião	27
A lição do jardineiro	28
A menina e o cão	29
A panela de sopa	31
A pedra no caminho	32
A porta mais larga do mundo	34
A porta negra	36
A princesa Nola	37

A verdadeira riqueza	39
A vida é um espelho	40
Amor em uma lata de leite	42
Aquilo que o coração carrega	43
As cicatrizes do descontrole	44
As lições de um lápis	46
As pequenas dádivas	48
As quatro estações	51
As três peneiras	52
Auxílio mútuo	53
Cenouras, ovos e café	55
Construindo pontes	57
Dando o melhor	58
Deficiências	59
Duas crianças	60
Duvidando da existência de Deus	61
Eco ou vida	62
Enfrentando os obstáculos	64
Esopo e a língua	65
Estrela do mar	67
Eu ouvi um não	68
Flores na estrada	69
Francisco e o lobo	71
Gratidão	73
Lençóis sujos	75
Lição de criatividade	76

Mais cinco minutos	77
Matando uma criança	78
Mundo virtual	79
O amor	81
O amor de uma mãe no inferno	83
O barqueiro	85
O cavalo e o fazendeiro	86
O céu e o inferno íntimos	87
O estranho homem tatuado	88
O furo no barco	91
O garoto e a flor	92
O homem triste	94
O lenhador e a raposa	95
O monge e a prostituta	96
O naufrago	98
O pacote de biscoito	99
O plantador de árvores	100
O poder da gentileza	101
O presente mais especial	103
O rei e a camisa	105
O reino a que você pertence	107
O sorriso de Deus	109
O último dos mortais	110
O vendedor de balões	111
O veredicto	112
O zelador da fonte	114

Pare, por favor!	116
Pedaço de carvão	118
Persistência e fé	120
Pés grandes, coração enorme	122
Quando a bondade se expressa	123
Reconhecimento	125
Reconstruindo o mundo	127
Riqueza e pobreza	128
Sem julgamentos	130
Ser feliz é uma decisão	132
Telha de vidro	133
Trabalhar com alegria	135
Três dias para ver	137
Um certo homem	139
Um coração de ouro	141
Um presente valioso	143
Uma casa no caminho	145
Uma lição de amor	148
Uma lição de perdão na escravidão	149
Uma oferta caridosa	151
Uma sólida amizade	153
Uma taça de sorvete	155
Uma virtude valiosa	156

INTRODUÇÃO

O que buscamos nesta vida?

O que realmente é importante para nós?

Certamente a essência de nossa existência, não é apenas a busca de nossa satisfação individual, buscando aproveitar ao máximo todos os nossos dias. A vida tem que ser muito mais do que isso.

Obviamente, existe um sentido melhor e muito maior para vivermos. Certamente, estamos nesta vida por diversos motivos, alguns essenciais, como evoluirmos como indivíduo.

O crescimento material e econômico é natural e não é pecado algum vivermos bem, com conforto. Porém, devemos ter consciência de que todos os nossos bens, na verdade, não são nossos, são empréstimos. Jamais devemos desperdiçar as oportunidades que a vida nos dá para nos aprimorarmos e evoluirmos como pessoas.

Muitas vezes, nossos fracassos são nossos melhores professores e são nestes momentos mais difíceis, que necessitamos encontrar uma razão maior para continuarmos em frente, em nossa luta. Nossa superação, em certos momentos com suor e lágrimas, faz com que nos tornemos pessoas melhores. A capacidade de resistir ao desânimo, as tentações, privações e tristezas, continuando em nosso caminho evolutivo, é o que nos torna pessoas especiais.

Os “grandes sonhadores”, a essência de nosso trabalho de conscientização e motivação - cujos pensamentos vocês conhecerão um pouco mais, expressos nas frases que encerram cada reflexão incluída nesta obra - não vieram entre nós apenas com a missão de juntar dinheiro e comer do bom e do melhor. Alguns deles até tiveram este privilégio, no entanto, esta não era a razão de suas vidas.

É muito difícil imaginar pessoas como Martin Luther King, Mahatma Gandhi, Madre Teresa, Albert Schweitzer, Irmã Dulce, Betinho, Bezerra de Menezes, Chico Xavier e tantas outras, que constam neste livro ou milhares de outras anônimas, que lutaram e lutam para melhorar a vida dos mais fracos, motivadas pela idéia de ganhar dinheiro.

O que moveu essas pessoas, tão generosas a trabalhar, diariamente, por toda suas vidas pelos menos favorecidos e pelo bem comum, sem jamais desistir, foi a busca de seus sonhos, de um mundo

melhor, mais justo e fraterno. Quando você tem sonhos com essa magnitude, essa grandeza de espírito, você desenvolve uma força extra, capaz de levá-lo à lugares inimagináveis.

Infelizmente, muitos de nós se perdem nesta viagem e acabam distorcendo o sentido de sua existência. Focando todos os seus esforços apenas para acumular bens materiais durante toda a sua vida. Entretanto, quando suas histórias chegam ao fim, percebem que não poderão levar daqui suas riquezas e que a única coisa que se leva dessa vida, é o bem que fazemos ao próximo.

Espero que, além dos pensamentos de nossos “grandes sonhadores”, as reflexões e parábolas de domínio público, contidas neste livro e selecionadas entre milhares de textos utilizados por esta organização em mais de duas décadas de existência, faça-os refletir ainda mais sobre a realidade de nossos irmãos excluídos, esquecidos e infelizes.

Uma situação que, infelizmente, em diversas ocasiões, passa despercebida, pois, muitas vezes, a triste realidade de nossos semelhantes é uma tragédia a conta-gotas, dispersa, silenciosa, escondida, desde os humildes rincões e majestosas fazendas das áreas rurais até as periferias e condomínios de luxo das grandes cidades. Fica lá, tão escondida e esquecida, que aqueles que têm condições dignas de sobrevivência, liberdade, paz e principalmente, são felizes, não enxergam seus irmãos famintos, enclausurados e infelizes. Para muitos de nós, estes males se transformaram em números, estatísticas, como se não trouxessem juntos histórias, nomes e seus dramas.

Agora é o tempo para transformarmos em realidade nossas promessas de melhorarmos como seres humanos e filhos de Deus, de subirmos do vale das trevas da intolerância, injustiça e indiferença para com nosso semelhante, ao caminho iluminado pelo sol da justiça, compreensão, bondade e fraternidade.

Enquanto você lê a introdução desta obra, o mundo contabiliza mais algumas centenas de mortes, vítimas da fome, da pobreza, da opressão e da infelicidade. Para muitas famílias mais um luto, mais uma perda irreparável, para nós, como humanidade, um pouco mais de nosso maior tesouro se perdendo, pela indiferença, ganância e crueldade dos mais poderosos e abastados, e principalmente, pela conformidade e descaso, pois, como já dizia o saudoso e inesquecível Martin Luther King, “nós não lamentamos tanto os crimes dos perversos, quanto o estarrecedor silêncio dos bondosos”.

Ninguém jamais poderá ser plenamente feliz e realizado, vindo o sofrimento de seu semelhante.

Boa leitura.

Alex Cardoso de Melo
ONG Projetos sociais meu sonho não tem fim

MEU SONHO NÃO TEM FIM...

A ONG projetos sociais meu sonho não tem fim, é uma organização pequena, praticamente uma ação individual. Não possui nenhum vínculo financeiro, ideológico, político, étnico ou religioso, não tem associação com nenhuma marca e não aceita doações de qualquer espécie.

O principal objetivo da organização, é a conscientização e motivação, pois, acredita existir uma enorme necessidade de motivarmos as pessoas à fazerem o bem, se envolverem e auxiliarem o próximo. Conscientizando em seus projetos de que ninguém, jamais poderá ser plenamente feliz e realizado, vendo o sofrimento de seu semelhante. Esta é sua principal missão, a qual realiza disponibilizando, gratuitamente, ferramentas de conscientização e motivação, para serem utilizadas por formadores de opinião, líderes comunitários, associações, fundações, institutos, ONG's e pelo público em geral, criando assim, uma "corrente do bem" cada vez mais ampla, sincronizada e eficiente.

A organização nasceu em agosto de 1997 de uma pequena homenagem a Ayrton Senna da Silva. No início, foram criados textos com foco no aspecto humano de Senna e distribuídos para um grupo de, aproximadamente, cinquenta pessoas. Ainda em 1997, iniciou-se a compilação de materiais (imagens e pequenos arquivos de áudio e vídeo) para a criação de um CD ROM, que seria, distribuído gratuitamente, junto à direção de escolas em comunidades carentes, difundindo o legado e exemplo de vida deixado por Senna entre crianças destas localidades. Nos anos seguintes surgiram outros três títulos em CD ROM, mais completos e com novos aspectos visuais, porém, mantendo a mesma finalidade e características de distribuição do CD ROM inicial.

No final de 2002, a ONG iniciou as "exposições meu sonho não tem fim", hoje denominadas "grandes sonhadores", que levavam diversas opções - principalmente para crianças de comunidades carentes - de conhecerem o maravilhoso legado e exemplo de vida deixado por Senna, focando em seis pilares que eram a base de sustentação do projeto e fortes características na personalidade de Senna. Essas exposições foram levadas à unidades dos CEU's, FEBEM's e

escolas, alcançando aproximadamente 200.000 crianças e adolescentes.

Ainda no final de 2002 a ONG passou por uma grande reformulação, mudando seu foco principal e associando seu trabalho aos exemplos de vida e legado de vinte e um “grandes sonhadores”, que são hoje, a fonte de inspiração do trabalho da organização.

Em outubro de 2003 surgiram as palestras motivacionais “acreditando e concretizando seus sonhos”, tendo como objetivo principal, transmitir informação, reflexão, conscientização e motivação.

No ano de 2004 nasceu o projeto social, “amor em cena”, e posteriormente, foram criados outros dois novos projetos: o “passageiros da esperança” e a “pirâmide do bem”.

A ONG também desenvolve estudos e pesquisas sobre temas polêmicos e importantes como a discriminação racial, a violência, a fome, a pobreza, a importância de investimentos nas áreas periféricas das grandes metrópoles, dentre outros enfoques, para a conscientização de formadores de opinião e também da população de uma forma geral.

A organização não tem sede própria, na verdade – sem busca de méritos pessoais, apenas como esclarecimento e transparência – trata-se de um trabalho basicamente individual. Até pouco tempo atrás, a organização não mencionava esta característica de seu trabalho, no entanto, hoje acredita que, de uma forma clara, humilde e serena, isso deve ser colocado para as pessoas, pois, tornou-se um exemplo de que é possível buscarmos nossos sonhos e principalmente, a concretização de trabalhos que buscam o “bem comum”, independentemente, das dificuldades e limitações financeiras que possuímos.

Muitas vezes, ao analisarem seus materiais e projetos, as pessoas imaginam uma organização rica e grandiosa, quando na verdade, um único indivíduo realiza, praticamente, todas as suas atividades, dividindo ainda seu tempo com sua amada e extremamente compreensível família e suas atividades profissionais, que por ser um profissional liberal, tem flexibilidade em seus horários.

Com este histórico, a organização tornou-se um exemplo de que é possível construirmos algo, mesmo sozinhos e sem recursos. O idealizador deste trabalho não é uma pessoa rica, porém, há vinte e dois anos, quando surgiu este sonho, iniciou uma pequena poupança,

onde se comprometeu a guardar mensalmente de 20% a 30% de seu salário para viabilizar sua concretização, algo que cumpriu religiosamente por mais de 180 meses. Era como uma poupança para a aquisição de seu “sonho de consumo”.

Seu segredo foi exatamente isso. E se, em sua humilde existência, ele pode dar um conselho para alguém que deseja fazer algo pelos nossos irmãos menos favorecidos, esquecidos e infelizes e em busca do “bem comum”, essas são algumas das “palavras mágicas” para a concretização deste sonho: muito amor, humildade, ética, disciplina e perseverança.

A ÁGUIA E A GALINHA

Um camponês criou um filhote de águia junto com suas galinhas, tratando-a da mesma maneira que tratava as galinhas, de modo que ela pensasse que também era uma galinha.

Dava a mesma comida jogada no chão, a mesma água num bebedouro rente ao solo, e fazendo-a ciscar para complementar a alimentação, como se fosse uma galinha.

E a águia passou a se portar como se galinha fosse.

Certo dia, passou por sua casa um naturalista, que vendo a águia ciscando no chão, foi falar com o camponês:

– Isto não é uma galinha, é uma águia!

O camponês retrucou:

– Agora ela não é mais uma águia, agora ela é uma galinha!

O naturalista disse:

– Não, uma águia é sempre uma águia, vamos ver uma coisa.

Levou-a para cima da casa, elevou-a nos braços e disse:

– Voa, você é uma águia, assuma sua natureza!

– Mas a águia não voou, e o camponês disse:

– Eu não falei que ela agora era uma galinha!

O naturalista disse: amanhã veremos.

No dia seguinte, logo de manhã, eles subiram até o alto de uma montanha. O naturalista levantou a águia e disse:

– Águia, veja este horizonte, veja o sol lá em cima e os campos verdes lá em baixo, veja, todas estas nuvens podem ser suas. Desperte para sua natureza, e voe como águia que és.

A águia começou a ver tudo aquilo e ficou maravilhada com a beleza das coisas que nunca tinha visto, ficou também confusa no início, sem entender o porquê tinha ficado tanto tempo alienada.

Então, ela sentiu seu sangue de águia correr nas veias, perfilou, devagar, suas asas e partiu num vôo lindo, até que desapareceu no horizonte azul.

“Nunca se deve engatinhar quando o impulso é voar.”

Helen Keller

A BALANÇA

Uma pobre senhora, com visível ar de derrota estampado no rosto, entrou num armazém, se aproximou do proprietário, conhecido pelo seu jeito grosseiro e lhe pediu fiado alguns mantimentos.

Ela explicou que o seu marido estava muito doente e não podia trabalhar e que ela tinha sete filhos para alimentar.

O dono do armazém zombou dela e pediu que se retirasse do seu estabelecimento.

Pensando na necessidade da sua família ela implorou:

– Por favor, eu lhe darei o dinheiro assim que eu tiver.

Ao que ele lhe respondeu que ela não tinha crédito e nem conta na sua loja.

Em pé, no balcão ao lado, um freguês que assistia a conversa entre os dois, se aproximou do dono do armazém e lhe disse que ele deveria dar o que aquela mulher necessitava para a sua família por sua conta.

Então o comerciante falou meio relutante para a pobre mulher:

– Você tem uma lista de mantimentos?

– Sim, respondeu ela.

– Muito bem, coloque a sua lista na balança e o quanto ela pesar, eu lhe darei em mantimentos!

A pobre mulher hesitou por uns instantes e com a cabeça curvada, retirou da bolsa um pedaço de papel, escreveu alguma coisa e o depositou suavemente na balança.

Os três ficaram admirados, quando o prato da balança com o papel desceu e permaneceu embaixo.

Completamente pasmo com o marcador da balança, o comerciante virou-se lentamente para o seu freguês e comentou contrariado:

– Eu não posso acreditar!

O freguês sorriu e o homem começou a colocar os mantimentos no outro prato da balança.

Como a escala da balança não equilibrava, ele continuou colocando mais e mais mantimentos até não caber mais nada.

O comerciante ficou parado ali por uns instantes olhando para a balança, tentando entender o que havia acontecido.

Finalmente, ele pegou o pedaço de papel da balança e ficou

espantado, pois, não era uma lista de compras e sim uma oração que dizia:

“Meu Senhor, o senhor conhece as minhas necessidades e eu estou deixando isto em suas mãos”.

O homem deu as mercadorias para a pobre mulher no mais completo silêncio, que agradeceu e deixou o armazém.

O freguês pagou a conta e disse:

– Valeu cada centavo.

Só mais tarde, o comerciante pôde reparar que a balança havia quebrado. Entretanto, só Deus sabe o quanto pesa uma oração.

“O homem mais rico é o que tem menos necessidades.”

Chico Xavier

A BOLSA COM BATATAS

O professor pediu para que os alunos levassem batatas e uma bolsa de plástico para a aula.

Ele pediu também para que separassem uma batata para cada pessoa de quem sentiam mágoas, escrevessem os seus nomes nas batatas e as colocassem dentro da bolsa. Algumas das bolsas ficaram muito pesadas.

A tarefa consistia em, durante uma semana, levar a todos os lados a bolsa com batatas. Naturalmente a condição das batatas foi se deteriorando com o tempo. O incômodo de carregar a bolsa, a cada momento, mostrava-lhes o tamanho do peso espiritual diário que a mágoa ocasiona, bem como o fato de que, ao colocar a atenção na bolsa, para não esquecê-la em nenhum lugar, os alunos deixavam de prestar atenção em outras coisas que eram importantes para eles.

Esta é uma grande metáfora do preço que se paga, todos os dias, para manter a dor, a insatisfação, a intolerância e a negatividade.

Quando damos importância aos problemas não resolvidos ou às promessas não cumpridas, nossos pensamentos enchem-se de mágoa, aumentando o stress e roubando nossa alegria.

Perdoar e deixar estes sentimentos irem embora, é a única forma de trazer de volta a paz e a serenidade.

Jogue fora suas “batatas”!

*“As pessoas te pesam?
Não as carregues nos ombros.
Leve-as no coração.”*

Dom Hélder Câmara

A CARROÇA VAZIA

Certa manhã, meu pai, muito sábio, convidou-me a dar um passeio no bosque e eu aceitei com prazer. Ele se deteve numa clareira e depois de um pequeno silêncio me perguntou:

– Além do cantar dos pássaros, você está ouvindo mais alguma coisa?

Apurei os ouvidos alguns segundos e respondi:

– Estou ouvindo um barulho de carroça.

– Isso mesmo - disse meu pai - é uma carroça vazia.

Perguntei ao meu pai:

– Como pode saber que a carroça está vazia, se ainda não a vimos?

– Ora - respondeu meu pai - é muito fácil saber que uma carroça está vazia por causa do barulho. Quanto mais vazia a carroça, maior é o barulho que faz.

Tornei-me adulto e até hoje, quando vejo uma pessoa falando demais, gritando (no sentido de intimidar), tratando o próximo com grossura inoportuna, prepotente, interrompendo a conversa de todo mundo e querendo demonstrar que é a dona da razão e da verdade absoluta, tenho a impressão de ouvir a voz do meu pai dizendo:

“Quanto mais vazia a carroça, mais barulho ela faz”.

“Vivemos numa época perigosa. O homem domina a natureza antes que tenha aprendido a dominar-se a si mesmo.”

Albert Schweitzer

A FORÇA DE UM GESTO DE CARINHO

Certa vez, doutor Bezerra de Menezes, um renomado médico brasileiro da segunda metade do século XIX, saía de uma reunião de uma das entidades de que fazia parte na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil, quando localizou um “irmão em sofrimento”, de seus 45 anos, cabelos em desalinho, com a roupa suja e amarrotada. Os dois se olharam e doutor Bezerra compreendeu logo que ali estava um caso todo particular para resolver. Bendito os que têm olhos no coração! E ele sempre os teve.

Ele levou o desconhecido para um canto e lhe ouviu, com atenção, o desabafo, o pedido:

– Doutor Bezerra, estou sem emprego, com a mulher e dois filhos doentes e famintos. E eu mesmo, como vê, estou sem alimento e febril!

Doutor Bezerra, apiedado, verificou se ainda tinha algum dinheiro. Nada encontrou nos bolsos. Apenas a passagem do bonde. Devido a situação e não tendo condições de auxiliá-lo, tornou-se mais apiedado e apreensivo. Levantou os olhos já molhados de pranto para o alto e, numa prece muda, pediu inspiração para solucionar mais este problema. Depois, virando-se disse:

– Meu filho, você tem fé em Deus?

– Tenho e muita doutor Bezerra!

– Pois, então, receba este abraço.

E o abraçou envolvente e demoradamente. E, despedindo-se, disse:

– Vá com Deus meu filho. E, em seu lar, faça o mesmo com todos os seus familiares, abraçando-os, afagando-os. E confie em Deus, que seu caso há de ser resolvido.

Doutor Bezerra partira. A caminho do lar, meditava: teria cumprido seu dever, será que possibilitara ajuda ao irmão em prova, faminto e doente? E arrependia-se por não lhe haver dado senão um abraço. Não possuía nenhum dinheiro. O próprio anel de grau já não estava mais em seu dedo. Tudo havia dado. Não tendo dinheiro, dera algo de si mesmo ao irmão sofredor, boas vibrações, bom ânimo, moeda da alma, mas, não tinha certeza de que isso lhe bastara. E, neste estado de espírito, preocupado pela sorte de seu semelhante,

chegou ao lar.

Uma semana passara-se. Doutor Bezerra praticamente não se recordava mais do sucedido. Muitos eram os problemas a serem resolvidos. Após uma reunião, no mesmo prédio em que encontrara o “irmão em sofrimento” na semana anterior, descia as escadas quando alguém, trazendo na fisionomia toda a emoção do agradecimento, toca-lhe o braço e lhe diz:

– Venho agradecer-lhe, doutor Bezerra, o abraço milagroso que me deu na semana passada, neste local e nesta mesma hora. Daqui saí logo sentindo-me melhor. Em casa, cumpri seu pedido e abracei minha mulher e meus filhos. Na linguagem do coração, oramos todos a Deus. Na água que bebemos e demos aos familiares, parece, continha alimento, pois, dormimos todos bem. No dia seguinte, estávamos sem febre e como que alimentados. E veio-me a inspiração, guiando-me a uma porta, que se abriu e alguém por ela saiu, ouviu meu problema, condoeu-se de mim e me deu um emprego. Venho lhe agradecer a grande dádiva que o senhor me deu, arrancada de si mesmo, maior e melhor do que dinheiro!

O ambiente era tocante. Lágrimas caíam tanto dos olhos de doutor Bezerra como do irmão beneficiado e desconhecido. E uma prece muda, de dois corações unidos numa mesma força, subiu aos céus.

*“Soletremos antes de tudo o alfabeto da bondade.
Sem as primeiras letras do amor e da caridade,
jamais entenderemos o sagrado poema da vida.”*

Bezerra de Menezes

A GRANDEZA DE UM PEQUENO GESTO

Logo após o término da Segunda Grande Guerra, a Europa começou a ajuntar os cacos do que restara.

Grande parte da Inglaterra estava destruída. As ruínas estavam por todo lugar. E, possivelmente, o lado mais triste da guerra tenha sido assistir as criancinhas órfãs morrendo de fome, nas ruas das cidades devastadas.

Certa manhã, de muito frio na capital londrina, um soldado americano estava retornando ao acampamento. Numa esquina, ele viu, do seu jipe, um menino com o nariz pressionado contra o vidro de uma confeitaria.

Parou o veículo, desceu e se aproximou do garoto. Lá dentro, o confeitoiro sovava a massa para uma fornada de rosquinhas.

Os olhos arregalados do menino, falava da fome que lhe devorava as entranhas. Ele observava todos os movimentos do confeitoiro, sem perder nenhum.

Através do vidro embaçado pela fumaça, o soldado viu as rosquinhas quentes, de dar água na boca, sendo retiradas do forno. Logo mais, o confeitoiro as colocou no balcão de vidro com todo o cuidado.

O soldado ouviu o gemido do menino e percebeu como ele salivava. Em pé, ao lado dele, comoveu-se diante daquele órfão desconhecido.

– Filho, você gostaria de comer algumas rosquinhas?

O menino se assustou. Nem percebera a presença do homem a observá-lo, tão absorto estava na sua contemplação.

– Sim, respondeu. Eu gostaria.

O soldado entrou na confeitaria e comprou uma dúzia de rosquinhas. Colocou-as dentro de um saco de papel e se dirigiu ao local onde o menino se encontrava, na gélida e nevoenta manhã de Londres. Sorriu e lhe entregou as rosquinhas, dizendo de forma descontráida:

– Aqui estão as rosquinhas.

Virou-se para se afastar. Entretanto, sentiu um puxão em sua farda. Olhou para trás e ouviu o menino perguntar, baixinho:

– Moço, você é Deus?

Em diversas situações, pequenos gestos significam muito para algumas vidas.

*“Jamais subestime o poder de suas ações.
Com um pequeno gesto você pode mudar a vida
de uma pessoa. Para melhor ou para pior.”*

Alex Cardoso de Melo

A IMPORTÂNCIA DO HORIZONTE

Certa vez, uma pessoa chegou no céu e queria falar com Deus, porque segundo o seu ponto de vista, havia uma coisa na criação que não tinha nenhum sentido. Deus o atendeu de imediato, curioso por saber qual era a falha na criação.

– Senhor Deus, sua criação é muito bonita, muito funcional, cada coisa tem sua razão de ser, mas, no meu ponto de vista, tem uma coisa que não serve para nada, disse aquela pessoa para Deus.

– E que coisa é essa que não serve para nada? Perguntou Deus.

– É o horizonte. Para que serve o horizonte? Se eu caminho um passo em direção ao horizonte, ele se afasta um passo de mim. Se caminho dez passos ele se afasta outros dez passos. Se caminho quilômetros em direção ao horizonte, ele se afasta os mesmos quilômetros de mim. Isso não tem sentido. O horizonte não serve para nada.

Deus olhou para aquela pessoa, sorriu e disse:

– É justamente para isso que serve o horizonte meu filho, para fazê-lo caminhar!

“Toda grande caminhada começa com um simples passo.”

Buda

A INVEJA E A COMPETÊNCIA

Marcos era um funcionário extremamente insatisfeito com a empresa em que trabalhava e seu patrão. Trabalhava há 20 anos na companhia, era sério, dedicado e cumpridor de suas obrigações.

Um belo dia, ele foi ao dono da empresa para fazer uma reclamação. Disse que trabalhava ali há 20 anos com toda dedicação, mas, se sentia injustiçado. O Alexandre, seu colega de departamento, que havia começado há apenas três anos, estava ganhando muito mais do que ele.

O patrão fingiu não ouvir e lhe pediu que fosse até a barraca de frutas da esquina. Ele estava pensando em oferecer frutas como sobremesa ao pessoal, após o almoço daquele dia, e queria que ele verificasse se na barraca havia abacaxi.

Marcos não entendeu direito, mas obedeceu. Voltando, muito rápido, informou que o moço da barraca tinha abacaxi.

Quando o dono da empresa lhe perguntou o preço ele disse que não havia perguntado. Como também não sabia responder se o rapaz tinha quantidade suficiente para atender todos os funcionários da empresa. Muito menos, se ele tinha outra fruta para substituir o abacaxi, neste caso.

O patrão pediu a Marcos que se sentasse em sua sala e chamou o Alexandre. Deu a ele a mesma missão que dera para Marcos:

– Estou querendo dar frutas como sobremesa ao nosso pessoal hoje. Aqui na esquina tem uma barraca. Vá até lá e verifique se eles têm abacaxi.

Poucos minutos depois, Alexandre voltou com a seguinte resposta:

– Eles têm abacaxi e em quantidade suficiente para todo o nosso pessoal. Se o senhor preferir, têm também laranja, banana, melão e mamão. O abacaxi está R\$ 1,50 cada, a banana e o mamão a R\$ 1,00 o quilo, o melão R\$ 1,20 a unidade e a laranja R\$ 20,00 o cento, já descascada.

Como falei que a compra seria em grande quantidade, ele dará um desconto de 15%. Deixei reservado. Conforme o senhor decidir, volto lá e confirmo.

Agradecendo pelas informações, o patrão dispensou Alexan-

dre. Voltou-se para Marcos e perguntou:

– O que você estava querendo falar comigo antes?

Marcos se levantou e se encaminhando para a porta, falou:

– Nada sério, patrão. Esqueça. Com sua licença.

*“A causa real da maioria dos nossos grandes problemas
está entre a ignorância e a negligência.”*

Goethe

A JANELA

Dois homens, ambos gravemente doentes, estavam no mesmo quarto de hospital.

Um deles podia sentar-se na sua cama durante uma hora, todas as tardes, para que os fluidos circulassem nos seus pulmões.

A sua cama estava junto da única janela do quarto.

O outro homem tinha de ficar sempre deitado de costas.

Os homens conversavam horas a fio.

Falavam das suas mulheres e famílias, das suas casas, dos seus empregos, onde tinham passado as férias.

E todas as tardes, quando o homem da cama perto da janela se sentava, ele passava o tempo a descrever ao seu companheiro de quarto, todas as coisas que ele conseguia ver do lado de fora da janela.

O homem da cama ao lado começou a viver à espera desses períodos de uma hora, em que o seu mundo era alargado e animado por toda a atividade e cor do mundo do lado de fora da janela.

A janela dava para um parque com um lindo lago. Patos e cisnes chapinhavam na água enquanto as crianças brincavam com os seus barquinhos. Jovens namorados caminhavam de braços dados por entre as flores de todas as cores do arco-íris. Árvores velhas e enormes acariciavam a paisagem, e a tênue vista da silhueta da cidade, podia ser vista no horizonte.

Enquanto o homem da cama perto da janela descrevia isto tudo com extraordinário pormenor, o homem no outro lado do quarto fechava os seus olhos e imaginava a pitoresca cena.

Um dia, o homem perto da janela descreveu um desfile que ia a passar.

Embora o outro homem não conseguisse ouvir a banda, ele conseguia vê-la e ouvi-la na sua mente, enquanto o outro senhor a refratava através de palavras bastante descritivas.

Dias e semanas passaram.

Uma manhã, a enfermeira chegou ao quarto trazendo água para os seus banhos e encontrou o corpo sem vida do homem perto da janela, que tinha falecido calmamente enquanto dormia.

Ela ficou muito triste e chamou os funcionários do hospital

para que levassem o corpo.

Logo que lhe pareceu apropriado, o outro homem perguntou se podia ser colocado na cama perto da janela.

A enfermeira disse logo que sim e fez a troca.

Depois de se certificar de que o homem estava bem instalado, a enfermeira deixou o quarto.

Lentamente e cheio de dores, o homem ergueu-se, apoiado no cotovelo, para contemplar o mundo lá fora.

Fez um grande esforço e lentamente olhou para o lado de fora da janela, que dava, afinal, para uma parede de tijolo!

O homem perguntou à enfermeira o que teria feito com que o seu falecido companheiro de quarto, lhe tivesse descrito coisas tão maravilhosas do lado de fora da janela.

A enfermeira respondeu que o homem era cego e nem sequer conseguia ver a parede. “Talvez ele quisesse apenas dar-lhe coragem”.

“Coração feliz é resultado de um coração repleto de amor.”

Madre Teresa de Calcutá

A LENDA DO MONGE E DO ESCORPIÃO

Um monge e seus discípulos iam por uma estrada; quando passavam por uma ponte, viram um escorpião sendo arrastado pelas águas. Imediatamente, o monge correu pela margem do rio, entrou na água e tomou o bichinho na mão. Quando o trazia para fora, o escorpião o picou.

Devido à dor, o homem deixou-o cair novamente no rio. Foi então que o monge pegou um ramo de árvore, adiantou-se outra vez a correr pela margem, entrou no rio, mais uma vez, colheu o escorpião e o salvou.

Satisfeito, o monge voltou à ponte e juntou-se a seus discípulos. Eles, que haviam assistido à cena, o receberam perplexos e penalizados. Um deles, então falou:

– Mestre, deve estar doendo muito! Mas, porque foi salvar esse bicho ruim e venenoso? Que se afogasse! Seria um a menos. Veja como ele retribuiu à sua ajuda. Picou a mão que o salvava. Não merecia a sua compaixão!

O monge ouviu tranquilamente os comentários e respondeu sereno:

– Ele agiu conforme a sua natureza e eu de acordo com a minha.

“Nós devemos ser a mudança que queremos ver no mundo.”

Mahatma Gandhi

A LIÇÃO DO JARDINEIRO

Certo dia, um executivo contratou, pelo telefone, um jardineiro autônomo para fazer a manutenção do seu jardim.

Chegando em casa, o executivo viu que estava contratando um garoto de apenas 16 anos de idade. Contudo, como já estava contratado, ele pediu para que o garoto executasse o serviço.

Quando terminou, o garoto solicitou ao dono da casa permissão para utilizar o telefone e o executivo não pôde deixar de ouvir a conversa.

O garoto ligou para uma mulher e perguntou:

– A senhora está precisando de um jardineiro?

– Não. Eu já tenho um, foi sua resposta.

– Mas, além de aparar a grama, frisou o garoto, eu também tiro o lixo.

– Nada demais, retrucou a senhora, do outro lado da linha. O meu jardineiro também faz isso.

O garoto insistiu:

– Eu limpo e lubrifico todas as ferramentas no final do serviço.

– O meu jardineiro também, tornou a falar a senhora.

– Eu programo seu atendimento, o mais rápido possível.

– Bom, o meu jardineiro também me atende prontamente.

Nunca me deixa esperando. Nunca se atrasa.

Numa última tentativa, o menino arriscou:

– O meu preço é um dos melhores.

– Não, disse firme a voz ao telefone. Muito obrigada! O preço do meu jardineiro também é muito bom.

Desligado o telefone, o executivo disse ao jardineiro:

– Meu rapaz, você perdeu um cliente.

– Claro que não, respondeu rápido. Eu sou o jardineiro dela.

Fiz isto apenas para medir o quanto ela estava satisfeita comigo.

*“A câmera fotográfica nos retrata por fora,
mas, o trabalho nos retrata por dentro.”*

A MENINA E O CÃO

Uma menina entra na lojinha de animais e pergunta o preço dos filhotes à venda.

– Entre cem e trezentos reais, respondeu o dono.

A menina puxou uns trocados do bolso e disse:

– Mas, eu só tenho dez reais. Poderia ver os filhotes?

O dono da loja sorriu e chamou Duquesa, a mãe dos cachorrinhos, que veio correndo, seguida de cinco bolinhas de pêlo.

Um dos cachorrinhos vinha mais atrás, com dificuldade, mancando de forma visível.

A menina apontou aquele cachorrinho e perguntou:

– O que é que há com ele?

O dono da loja explicou que o veterinário tinha examinado e descoberto que ele tinha um problema na junta do quadril, mancaria e andaria devagar para sempre.

A menina se animou e disse com enorme alegria no olhar:

– Esse é o cachorrinho que eu quero comprar!

O dono da loja respondeu:

– Não, você não vai querer comprar esse.

Se quiser realmente ficar com ele, eu lhe dou de presente.

A menina emudeceu e, com os olhos marejados de lágrimas, olhou firme para o dono da loja e falou:

– Eu não quero que você o dê para mim. Aquele cachorrinho vale tanto quanto qualquer um dos outros e eu vou pagar tudo.

Na verdade, eu lhe dou dez reais agora e mais dez reais por mês, até completar o preço total.

Surpreso, o dono da loja contestou:

– Você não pode querer realmente comprar este cachorrinho.

Ele nunca vai poder correr, pular e brincar com você e com os outros cachorrinhos.

A menina ficou muito séria, acocorou-se e levantou lentamente a perna esquerda da calça, deixando à mostra a prótese que usava para andar. Olhou bem para o dono da loja e respondeu:

– Veja, não tenho uma perna, eu não corro muito bem e o cachorrinho vai precisar de alguém que entenda isso.

O homem estava agora envergonhado e seus olhos se enche-

ram de lágrimas.

Ele sorriu e disse:

– Filha, só espero e oro para que cada um destes cachorrinhos tenha uma dona como você.

“Minhas expectativas foram reduzidas a zero quando eu tinha 21 anos. Tudo, desde então, tem sido um bônus.”

Stephen Hawking

A PANELA DE SOPA

Uma antiga lenda judaica diz que certo dia, Deus convidou um rabino para conhecer o céu e o inferno.

Ao abrirem a porta do inferno, viram uma sala em cujo centro havia um caldeirão, no qual se cozinhava uma suculenta sopa.

Em volta dele, estavam sentadas pessoas famintas e desesperadas. Cada uma delas segurava uma colher de cabo tão comprido que lhe permitia alcançar o caldeirão, mas, não suas próprias bocas. O sofrimento era imenso.

Em seguida, Deus levou o rabino para conhecer o céu. Entraram em uma sala idêntica à primeira, onde havia o mesmo caldeirão com as pessoas à sua volta e colheres de cabo comprido. A diferença é que todos estavam saciados.

Eu não compreendo disse o rabino, por que aqui as pessoas estão felizes, enquanto na outra sala morrem de aflição, se é tudo igual?

Deus sorriu e respondeu:

– É por que aqui elas aprenderam a dar comida umas às outras.

“Democracia serve para todos ou não serve para nada.”

Betinho

A PEDRA NO CAMINHO

Conta-se a lenda de um rei que viveu num país além-mar há muito anos. Ele era muito sábio e não poupava esforços para ensinar bons hábitos ao seu povo. Frequentemente fazia coisas que pareciam estranhas e inúteis; mas tudo que fazia era para ensinar o povo a ser trabalhador e cauteloso.

– Nada de bom pode vir à uma nação – dizia ele – cujo povo reclama e espera que outros resolvam seus problemas. Deus dá as coisas boas da vida à quem lida com os problemas por conta própria.

Uma noite, enquanto todos dormiam, ele pôs uma enorme pedra na estrada que passava pelo palácio. Depois foi se esconder atrás de uma cerca e esperou para ver o que acontecia.

Primeiro veio um fazendeiro com uma carroça carregada de sementes que ele levava para moagem na usina.

– Quem já viu tamanho descuido? – disse ele contrariadamente, enquanto desviava sua parelha e contornava a pedra.

– Por que esses preguiçosos não mandam retirar essa pedra da estrada? E continuou reclamando da inutilidade dos outros, mas, sem ao menos tocar, ele próprio, na pedra.

Logo depois, um jovem soldado veio cantando pela estrada. A longa pluma de seu quepe ondulava na brisa e uma espada reluzente pendia à sua cintura. Ele pensava na maravilhosa coragem que mostraria na guerra.

O soldado não viu a pedra, tropeçou nela e se estatelou no chão poeirento. Ergueu-se, sacudiu a poeira da roupa, pegou a espada e enfureceu-se com os preguiçosos que insensatamente haviam largado uma pedra imensa na estrada. Então, ele também se afastou, sem pensar uma única vez que ele próprio poderia retirar a pedra.

Assim correu o dia. Todos que por ali passavam reclamavam e resmungavam por causa da pedra colocada na estrada, mas, ninguém a tocava.

Finalmente, ao cair da noite, a filha do moleiro por lá passou. Era muito trabalhadora e estava cansada, pois, desde cedo andava ocupada no moinho.

Mas, disse a si mesma:

– Já que esta quase escurecendo, alguém pode tropeçar nesta

pedra à noite e se ferir gravemente. Vou tirá-la do caminho.

E tentou arrastar dali a pedra. Era muito pesada, mas, a moça empurrou e empurrou, e puxou, e inclinou, até que conseguiu tirá-la do lugar. Para a sua surpresa encontrou uma caixa debaixo da pedra.

Ergueu a caixa. Era pesada, pois, estava cheia de alguma coisa. Havia na tampa os seguintes dizeres:

– Esta caixa pertence a quem retirar a pedra.

Ela abriu a caixa e descobriu que estava cheia de ouro.

A filha do moleiro foi para casa com o coração feliz. Quando o fazendeiro, o soldado e todos os outros que ouviram o que havia ocorrido, juntaram-se em torno do local na estrada onde a pedra estava. Revolveram o pó da estrada com os pés, na esperança de encontrar um pedaço de ouro.

– Meus amigos - disse o rei - com frequência encontramos obstáculos e fardos no caminho. Podemos reclamar em alto e bom som, enquanto nos desviamos deles se assim preferirmos, ou podemos erguê-los e descobrir o que eles significam. A decepção é normalmente o preço da preguiça.

Então, o sábio rei montou em seu cavalo e com um delicado boa noite retirou-se.

“No meio de toda dificuldade existe sempre uma oportunidade.”

Albert Einstein

A PORTA MAIS LARGA DO MUNDO

Conta-se que, um dia, um homem parou na frente de um pequeno bar, tirou do bolso um metro, mediu a porta e falou em voz alta:

– Dois metros de altura, por oitenta centímetros de largura. Admirado mediu-a de novo.

Como se duvidasse das medidas que obteve, mediu-a pela terceira vez. E assim, tornou a medi-la diversas vezes.

Curiosas, as pessoas que por ali passavam, começaram a parar.

Primeiro, um pequeno grupo, depois, um grupo maior, por fim, uma multidão.

Voltando-se para os curiosos, o homem exclamou, visivelmente impressionado:

– Parece mentira! Esta porta mede apenas dois metros de altura e oitenta centímetros de largura, no entanto, por ela passou todo o meu dinheiro, meu carro, o pão dos meus filhos, passaram os meus móveis e a minha casa. E não foram só os bens materiais. Por ela também passou a minha saúde, passaram as esperanças de minha esposa, passou toda a felicidade e prosperidade do meu lar. Além disso, passaram também a minha dignidade, minha honra, meus sonhos e meus planos. Sim, senhores, todos os meus planos de construir uma família feliz, passaram por esta porta, dia após dia, gole por gole. Hoje, eu não tenho absolutamente mais nada. Nem família, nem saúde, nem esperança. Mas, quando passo pela frente desta porta, ainda ouço o chamado daquela que é a responsável pela minha desgraça. Ela ainda me chama insistentemente: Só mais um trago! Só hoje! Uma dose, apenas! Sim, essa era a senha. Essa era a isca. E mais uma vez eu caía na armadilha, dizendo comigo mesmo: “quando eu quiser, eu paro”. Isso é o que muita gente pensa, mas, somente pensa. Hoje, eu sou um trapo humano. A bebida, bem, a bebida continua fazendo as suas vítimas. Por isso é que eu lhes digo, senhores: esta porta é a porta mais larga do mundo! Ela tem enganado muita gente. Por esta porta, que pode ser chamada de porta do vício, de aparência tão estreita, simples e inofensiva pode passar tudo o que se tem de mais valioso na vida.

Visivelmente amargurado, aquele homem se afastou, a passos

lentos, deixando a cada uma das pessoas que o ouviram, motivos para profundas reflexões.

“Todo vício tende a justificar-se.”

Friedrich Nietzsche

A PORTA NEGRA

Há algumas gerações atrás, durante uma das mais turbulentas guerras no Oriente Médio, um general persa capturou um espião e o condenou à morte.

O general, um homem de grande inteligência e compaixão havia adotado um estranho costume em tais casos. Ele permitia ao condenado que escolhesse. O prisioneiro podia enfrentar um pelotão de fuzilamento ou podia atravessar a “porta negra”.

Um pouco antes da execução, o general ordenava que trouxessem o espião à sua presença para uma breve e final entrevista, sendo seu principal objetivo saber qual seria sua resposta: o pelotão de fuzilamento ou a “porta negra”.

Esta não era uma decisão fácil e o prisioneiro vacilava e preferia, invariavelmente, o pelotão ao desconhecido e aos espantosos horrores que poderiam estar por detrás da tenebrosa e misteriosa “porta negra”. Momentos após, se escutava o rajar das balas que davam cumprimento à sentença. O general, com os olhos fixos em suas bem polidas botas, voltava-se para o seu ajudante de ordens e dizia:

– Eis ali o que é o homem, prefere o mal conhecido ao desconhecido. É uma característica dos humanos temer o incerto. Você vê, eu disse a ele para escolher.

– Afinal, o que existe atrás da “porta negra? Perguntou seu ajudante de ordens.

– A liberdade – respondeu o general – e poucos têm sido os homens que tiveram o valor de decidir-se por ela.

*“Aquilo que pedimos aos céus, muitas vezes
se encontra em nossas mãos.”*

William Shakespeare

A PRINCESA NOLA

Havia uma linda princesa chamada Nola. Todos os dias, quando o sol estava para se pôr, ela cantava em gratidão por mais um dia. E todo o reino silenciava para ouvir sua linda canção. Todos sentiam uma grande paz.

As crianças amavam a voz de Nola. A sua voz era um símbolo de amor dentro do reino.

Um dia, a voz de Nola silenciou. Nola não conseguia falar e nem cantar e ninguém sabia o porquê.

O rei muito preocupado, pediu ajuda a todos os sábios do reino na tentativa de recuperar a voz de Nola.

Alguns traziam receitas caseiras, ervas consideradas milagrosas, outros oravam. Mas nada surtia efeito e, assim, o reino caiu em profunda tristeza. As tardes já não eram tão especiais sem o canto de Nola.

E o tempo foi passando...

Nola não era mais vista ao entardecer, e o rei estava em prantos pela dor de sua filha.

Numa noite fria, o rei ouviu batidas na porta do castelo e ele próprio foi abri-la. Quando viu um mendigo a pedir por comida:

– Senhor dá-me de comer, tenho muita fome.

O rei, vendo o pobre homem, ordenou que dessem de comer ao mendigo.

E então o mendigo disse ao rei:

– És um homem tão bondoso! Deste-me de comer quando eu mais precisava. Como posso retribuir tamanha generosidade?

E o rei, tristonho, olhou para a noite fria e disse:

– Não há nada que possas fazer. O meu maior desejo, ninguém pode realizar. Vá com Deus.

E assim, o mendigo saiu do castelo muito agradecido.

No dia seguinte o Rei ouviu sua filha chamá-lo. Subiu às pressas a escadaria do castelo e não acreditou ao ver que Nola havia recuperado sua voz.

O reino inteiro festejou pelo milagre ocorrido com Nola. Poderiam ouvir sua voz ao entardecer e os dias seriam felizes novamente.

E o rei, em sua tamanha alegria, começou a questionar quem

teria feito tal milagre. Foi quando lembrou-se do mendigo que havia estado em seu castelo na noite anterior. Ele tinha um olhar diferente quando falou em retribuir ao rei pela comida dada.

Sim, procurem aquele homem, por que, se foi ele quem fez tal milagre, devo agradecer-lhe.

E então, saíram em busca do mendigo e o encontraram na floresta:

– És o mendigo que o rei procura?

E o mendigo falou:

– Como está o rei?

Então, és tu quem realizou o milagre? Como conseguiste?

– Nada fiz senhor. Apenas pedi a Deus com amor, que desse ao rei o que lhe faltava. E quando pedimos com amor, nem mesmo Deus pode nos negar, pois, sendo Ele o amor, como poderia contrariar o Seu próprio pedido?

“Escreva suas mágoas em areia, sua gratidão em mármore.”

Benjamin Franklin

A VERDADEIRA RIQUEZA

Um dia, um rico pai de família levou seu filho para viajar para o interior com o firme propósito de mostrar o quanto as pessoas podem ser pobres.

Eles passaram um dia e uma noite no sítio de uma família muito pobre. Quando retornaram da viagem o pai perguntou ao filho:

– Como foi a viagem?

– Muito boa papai!

– Você viu como as pessoas pobres podem ser? - o pai perguntou.

– Sim.

– E o que você aprendeu? - o pai perguntou.

O filho respondeu:

– Eu vi que nós temos um cachorro em casa, e eles têm quatro. Nós temos uma piscina que alcança o meio do jardim, eles têm um riacho que não tem fim. Nós temos uma varanda coberta e iluminada com luz, eles têm as estrelas e a lua. Nosso quintal vai até o portão de entrada, eles têm uma floresta inteira.

Quando o pequeno garoto estava acabando de responder, seu pai já estava estupefato, e seu filho acrescentou:

– Obrigado pai por me mostrar quanto “pobre” nós somos!

“A verdadeira riqueza não consiste em termos grandes posses, mas, em termos poucas necessidades.”

Alex Cardoso de Melo

A VIDA É UM ESPELHO

Ele quase não viu a senhora, com o carro parado no acostamento. Chovia forte e já era noite. Mas, percebeu que ela precisava de ajuda. Assim parou seu carro e se aproximou.

O carro dela cheirava a tinta, de tão novinho. Mesmo com o sorriso que ele estampava na face, ela ficou preocupada. Ninguém tinha parado para ajudar. Ele iria aprontar alguma?

Ele não parecia seguro, parecia pobre e faminto. Ele pode ver que ela estava com muito medo e disse:

– Eu estou aqui para ajudar madame, não se preocupe. Por que não espera no carro onde está quentinho? A propósito, meu nome é Rodrigo.

Bem, tudo que ela tinha era um pneu furado, mas, para uma senhora de idade avançada era ruim o bastante.

Rodrigo abaixou-se, colocou o macaco e levantou o carro. Ele já estava trocando o pneu. Mas, ficou um tanto sujo e feriu uma das mãos. Enquanto fixava a roda ela abriu a janela e começou a conversar com ele. Contou que era de São Paulo e que só estava de passagem por ali e que não sabia como agradecer pela preciosa ajuda.

Rodrigo apenas sorriu enquanto se levantava.

Ela perguntou quanto devia. Qualquer quantia teria sido muito pouco para ela. Já tinha imaginado todos as terríveis coisas que poderiam ter acontecido, se Rodrigo não tivesse parado e ajudado.

Rodrigo não pensava em dinheiro, aquilo não era um trabalho para ele. Gostava de ajudar quando alguém tinha necessidade e Deus já lhe havia ajudado bastante. Este era seu modo de viver e nunca lhe ocorreu agir de outro modo. E respondeu:

– Se realmente quiser me pagar, da próxima vez que encontrar alguém que precise de ajuda, dê para aquela pessoa a ajuda de que ela precisar. E acrescentou: e lembre-se de mim.

Esperou até que ela saísse com o carro e também se foi.

Tinha sido um dia frio e deprimente, mas, ele se sentia bem, indo para casa, desaparecendo no crepúsculo.

Alguns quilômetros abaixo, a senhora parou seu carro num pequeno restaurante e entrou para comer alguma coisa.

Era um restaurante muito simples. A garçonete veio até ela e

trouxe-lhe uma toalha limpa para que pudesse esfregar e secar o cabelo molhado e lhe dirigiu um doce sorriso, um sorriso que mesmo os pés doendo por um dia inteiro de trabalho, não pode apagar.

A senhora notou que a garçonete estava com oito meses de gravidez, mas, ela não deixou a tensão e as dores mudarem a sua atitude. Ela ficou curiosa em saber como alguém que tinha tão pouco, podia tratar tão bem a um estranho. Então, lembrou-se de Rodrigo.

Depois que terminou a sua refeição, enquanto a garçonete buscava troco para a nota de cem reais, a senhora se retirou.

Já tinha partido quando a garçonete voltou. Ela queria saber onde a senhora poderia ter ido, quando notou algo escrito no guardanapo, sob o qual tinha mais quatro notas de cem reais.

Existiam lágrimas em seus olhos quando leu o que a senhora escreveu. Dizia:

– Você não me deve nada, eu já tenho o bastante. Alguém me ajudou hoje e da mesma forma estou lhe ajudando. Se você realmente quiser me reembolsar por este dinheiro, não deixe este círculo de amor terminar com você, ajude alguém.

Bem, haviam mesas para limpar, açucareiros para encher, e pessoas para servir, e a garçonete voltou ao trabalho.

Aquela noite, quando foi para casa cansada e deitou-se na cama, seu marido já estava dormindo e ela ficou pensando no dinheiro e no que a senhora deixou escrito.

Como pôde aquela senhora saber o quanto ela e o marido precisavam disto? Com o bebê que estava para nascer no próximo mês, como estava difícil!

Ficou pensando na bênção que havia recebido, deu um grande sorriso, agradeceu a Deus e virou-se para o preocupado marido que dormia ao lado, deu-lhe um beijo macio e sussurrou:

– Tudo ficará bem; eu te amo Rodrigo!

A vida é assim, um espelho. Tudo o que você transmite volta para você, e geralmente em dobro.

“Se os seus sonhos estiverem nas nuvens, não se preocupe, pois eles estão no lugar certo. Agora, construa os alicerces.”

William Shakespeare

AMOR EM UMA LATA DE LEITE

Dois irmãozinhos maltrapilhos, provenientes de uma favela - um deles de cinco anos e o outro de dez - iam pedindo um pouco de comida pelas casas de uma das ruas de São Paulo.

– Estavam famintos!

– Vai trabalhar e não amole, ouvia-se detrás da porta.

– Aqui não tem nada neguinho, dizia outro.

As múltiplas tentativas frustradas entristeciam as crianças.

Por fim, uma senhora muito atenta disse-lhes:

– Vou ver se tenho alguma coisa para vocês garotinhos! E voltou com uma latinha de leite.

Que festa! Ambos se sentaram na calçada.

O menorzinho disse para o de dez anos:

– Você é mais velho, tome primeiro. E olhava para ele com seus dentes brancos, a boca semi-aberta, mexendo a ponta da língua.

O irmão mais velho leva a lata à boca e, fazendo gesto de beber, aperta fortemente os lábios para que por eles não penetre uma só gota de leite. Depois, estendendo a lata, diz ao irmão:

– Agora é sua vez. Só um pouco. E o irmãozinho, dando um grande gole exclama: como está gostoso!

– Agora eu, diz o mais velho. E levando a latinha, já meio vazia, à boca, não bebe nada.

Agora você, agora eu, agora você, agora eu... E, depois de três, quatro ou cinco goles, o menorzinho, de cabelo encaracolado, barrigudinho, com a camisa de fora, esgota o leite todo, ele sozinho.

E então, aconteceu algo extraordinário. O mais velho começou a cantar, a dançar, a jogar futebol com a lata de leite vazia.

Estava radiante, o estômago vazio, mas, o coração trasbordante de alegria. Pulava, com a naturalidade de quem não fez nada de extraordinário, ou melhor, com a naturalidade de quem está habituado a fazer coisas extraordinárias, sem dar-lhes maior importância.

“A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte.”

Mahatma Gandhi

AQUILO QUE O CORAÇÃO CARREGA

Conta uma popular lenda do Oriente Próximo, que um jovem chegou a beira de um oásis junto a um povoado e aproximando-se de um velho perguntou-lhe:

– Que tipo de pessoa vive neste lugar?

Por sua vez perguntou o ancião:

– Que tipo de pessoa vivia no lugar de onde você vem?

– Oh, um grupo de egoístas e malvados - replicou o rapaz - estou satisfeito de haver saído de lá.

A isso o velho replicou:

– A mesma coisa você haverá de encontrar por aqui.

No mesmo dia, um outro jovem se acercou do oásis para beber água e vendo o ancião perguntou-lhe:

– Que tipo de pessoa vive por aqui?

O velho respondeu com a mesma pergunta:

– Que tipo de pessoa vive no lugar de onde você vem?

O rapaz respondeu:

– Um magnífico grupo de pessoas, amigas, honestas, hospitaleiras. Fiquei muito triste por ter de deixá-las.

– O mesmo encontrará por aqui, respondeu o ancião.

Um homem que havia escutado as duas conversas perguntou:

– Como é possível responder tão diferente à mesma pergunta?

Ao que o velho respondeu:

– Cada um carrega no seu coração o meio ambiente em que vive. Aquele que nada encontrou de bom nos lugares por onde passou, não poderá encontrar outra coisa por aqui. Aquele que encontrou amigos ali, também os encontrará aqui porque, na verdade, a nossa atitude mental é a única coisa na nossa vida sobre a qual podemos manter controle absoluto.

“Sempre temos a possibilidade de mudarmos as nossas vidas e as atitudes de todos àqueles que nos cercam, simplesmente mudando a nós mesmos.”

Alex Cardoso de Melo

AS CICATRIZES DO DESCONTROLE

Naquele dia de sol, Antônio chegou feliz e estacionou o reluzente caminhão em frente à porta de sua casa. Após 20 anos de muita economia e intenso trabalho, sacrificando dias de repouso e lazer, ele conseguiu: comprou um caminhão.

Orgulhoso, entrou em casa e chamou a esposa para ver a sua aquisição. A partir de agora, seria seu próprio patrão.

Ao chegar próximo do caminhão, uma cena o deixou descontrolado. Seu filho de apenas seis anos estava martelando alegremente a lataria do caminhão.

Irritado e aos berros, ele investiu contra o pequeno filho. Tomou o martelo das mãos dele e, totalmente fora de controle, martelou as mãozinhas do garoto.

Sem entender o que estava acontecendo, o menino se pôs a chorar de dor, enquanto a mãe interferiu e retirou o pequeno da cena.

Na seqüência, ela trouxe o marido de volta à realidade e juntos levaram o filho ao hospital, para fazer curativos.

O que imaginavam, no entanto, fosse simples, descobriram ser muito grave. As marteladas nas frágeis mãozinhas tinham feito tal estrago que o garoto foi encaminhado para cirurgia imediata.

Passadas várias horas, o cirurgião veio ao encontro dos pais e lhes informou que as dilacerações tinham sido de grande extensão e os dedinhos tiveram que ser amputados.

De resto, falou o médico, a criança era forte e tinha resistido bem ao ato cirúrgico. Os pais poderiam aguardá-lo no quarto, para onde logo mais seria conduzido.

Com um aperto no coração, os pais esperaram que a criança despertasse. Quando, finalmente, abriu os olhos e viu o pai o menino abriu um sorriso e falou:

– Papai, me desculpe, eu só queria consertar o seu caminhão, como você me ensinou outro dia. Não fique bravo comigo.

O pai, com lágrimas a escorrer pela face, se aproximou do pequeno inocente e disse que não tinha a menor importância o que ele havia feito. Mesmo porque, a lataria do caminhão nem tinha sido estragada.

O menino insistiu:

- Quer dizer que não está mais bravo comigo?
- Não, mesmo, falou o pai.
- Então, perguntou o garoto, se estou perdoado, quando é que meus dedinhos vão nascer novamente?

*“Quando um país deixa maltratar e matar crianças,
é porque começou seu suicídio como sociedade.”*

Betinho

AS LIÇÕES DE UM LÁPIS

O pequeno menino olhava atentamente a sua avó escrevendo uma carta.

A certa altura perguntou:

– Você está escrevendo uma história que aconteceu conosco?

É uma história sobre mim?

A avó parou a carta, sorriu, e comentou com o neto:

– Estou escrevendo sobre você, é verdade. Entretanto, muito mais importante do que as palavras é o lápis que estou usando. Eu gostaria que você fosse como ele, quando crescesse e se torna-se um belo rapaz.

O menino olhou para o lápis, extremamente intrigado e não viu nada de especial.

– Mas vovó, ele é igual a todos os lápis que eu já vi em minha vida!

– Tudo depende do modo como você olha as coisas. Há cinco qualidades nele que, se você conseguir mantê-las, será sempre uma pessoa em paz com o mundo.

– Primeira qualidade: você pode fazer grandes coisas, mas, não deve esquecer nunca que existe uma mão que guia seus passos. Esta mão nós chamamos de Deus, e Ele deve sempre conduzi-lo em direção à Sua vontade.

– Segunda qualidade: de vez em quando eu preciso parar o que estou escrevendo e usar o apontador. Isso faz com que o lápis sofra um pouco, mas no final, ele está mais afiado e com uma nova ponta. Portanto, saiba suportar algumas dores, porque elas o farão ser uma pessoa melhor.

– Terceira qualidade: o lápis permite que usemos uma borracha para apagar aquilo que estava errado. Entenda que corrigir uma coisa que fizemos não é necessariamente algo mau, muito pelo contrário, é algo importante para sempre nos manter no caminho da justiça.

– Quarta qualidade: o que realmente importa no lápis não é a madeira ou sua forma exterior, mas, a grafite que está dentro. É ela que o faz escrever e desenhar. Portanto, sempre cuide daquilo que acontece dentro de você.

– Finalmente, a quinta qualidade do lápis: ele sempre deixa uma marca por onde passa. Da mesma maneira, saiba que tudo que você fizer em sua vida irá deixar traços, e procure ser consciente de cada ação.

*“Ajudemos a criança!
O berço é o ponto vivo em que a educação começa a brilhar.”*

Bezerra de Menezes

AS PEQUENAS DÁDIVAS

A família, constituída do pai e um filho menor era pobre, vivendo com os poucos recursos financeiros que o pai ganhava no trabalho de vigília noturna.

Certo dia, o pai adoeceu, ficando acamado por tempo mais longo do que podiam suportar suas economias.

Com falta do que comer em casa, o filho pequeno saiu às ruas pedindo comida para ele e para o pai doente.

Escondendo as lágrimas pela tristeza e pela preocupação, passou o primeiro dia sem nada conseguir.

No segundo dia, quase ao anoitecer, enquanto revirava um saco com lixo residencial em frente a uma loja que estava encerrando o expediente, viu se aproximar um senhor de meia idade, sorridente, com ar bondoso, que trazia nas mãos uma pequena marmita, bem quentinha, que lhe ofereceu.

Meio receoso, o menino segurou a marmita ouvindo a recomendação do seu benfeitor:

– Coma enquanto está quente!

– Muito obrigado senhor, mas, gostaria de ir comê-la em casa, para repartir com meu pai. Disse o menino.

Sorridente e paternal, o lojista perguntou-lhe:

– O que o seu pai faz em casa, enquanto você sai por aí procurando o que comer? Ele não trabalha?

– Trabalha sim, e muito. Mas, há dias está acamado. Como acabou o dinheiro para comprar comida, fui obrigado a sair pedindo um pedaço de pão. Só que não tenho recebido quase nada. Respondeu o pequeno andarilho.

– Você mora muito longe daqui? Continuou o bom senhor.

– Não, não. Em pouco tempo eu chego lá. E sei que a comida ainda estará bem quentinha. Apressou-se em dizer o menino, com olhos um pouco mais alegres.

– Quer saber, meu pequeno, eu vou até lá com você, se você deixar. Assim, aprendo onde você mora e aproveito para conhecer seu pai. Que tal? Acrescentou o jovem senhor.

O menino concordou e lá se foram os dois.

O quadro, com que se deparou o dadivoso lojista, ao entrar no

barraco, era de lastimar.

No entanto, pai e filho sorriam diante do alimento, que o menino rapidamente dividiu em dois pratos e serviu logo ao chegar em casa.

Depois que os dois terminaram a rápida refeição, a primeira nos últimos dois dias, o nobre comerciante despediu-se e retornou ao seu lar, prometendo voltar em breve.

Alguns dias se passaram, quando, também num final de tarde, entram na loja o menino e seu pai, este um pouco mais disposto, procurando pelo dono.

Vieram para agradecer, disseram à jovem senhora que estava atendendo no balcão, ao tempo que queriam saber o que poderiam fazer para retribuir a dádiva da comida limpa e quentinha, que haviam recebido dele.

Enquanto seu pai falava com a atendente, o menino começou a juntar pedaços de papel que estavam no chão, quando chegou o dono da loja, marido da senhora que os atendia.

Alegria, abraços e boa conversa. Ao se despedirem, o lojista olha demoradamente para o menino e lhe diz:

– Meu pequeno, você não tem o que me agradecer, eu apenas fiz o que faria por um filho meu. Fico feliz de ter podido ajudar. No entanto, se você quiser, poderá vir trabalhar comigo, ajudando-me na loja, assim, não será preciso você sair por aí pedindo comida, caso o seu pai volte a adoecer. Que tal?

O menino timidamente olhou para o seu pai, como a perguntar com o olhar: e aí, o que eu digo?

O pai, discretamente lhe fez um sinal afirmativo com a cabeça, sem nada falar.

A partir daí, o menino começou trabalhar. Passado um tempo, voltou para a escola, e continuou trabalhando.

Cresceu, tornou-se adulto e, na loja continuava a trabalhar. Sempre com muita seriedade, responsabilidade e espírito de gratidão.

Seu pai veio a falecer, devido a idade avançada.

O casal de lojistas não tinha filhos. Com o tempo, chegou a velhice dos dois. Logo mais, a esposa também falecera.

E aquele pequeno menino, agora já um homem, foi quem ficou cuidando da loja e também do bondoso lojista, amparando-o na velhice, auxiliando-o na enfermidade, acompanhando-o no dia-a-dia, como devotado filho.

E pensar que tudo começou com um prato de comida!

Uma pequena dádiva, modificando destinos.

Um sorriso, um gesto de carinho, um telefonema, um abraço, um beijo, uma palavra de apoio e de incentivo, uma flor, um bilhete, um aceno, um bombom, um copo com água, um pedaço de pão.

Nós podemos fazer muito, com tão pouco...

“Nós não podemos criar uma outra alma, mas podemos despertar a alma que está adormecida.”

Janusz Korczak

AS QUATRO ESTAÇÕES

Um homem tinha quatro filhos. Ele queria que seus filhos aprendessem a não julgar as coisas de modo apressado, por isso, ele mandou cada um em uma viagem, para observar uma parreira que estava plantada em um distante local.

O primeiro filho foi lá no inverno, o segundo na primavera, o terceiro no verão e o quarto e mais jovem, no outono.

Todos eles partiram e quando retornaram, o pai os reuniu, e pediu que cada um descrevesse o que tinham visto.

O primeiro filho disse que a árvore era feia, torta e retorcida.

O segundo filho disse que não, que ela era recoberta de botões verdes e cheia de promessas.

O terceiro filho discordou; disse que ela estava coberta de flores, que tinham um cheiro tão doce e eram tão bonitas, que ele arriscaria dizer que eram a coisa mais graciosa que ele jamais tinha visto.

O último filho discordou de todos eles; ele disse que a árvore estava carregada e arqueada, cheia de frutas, vida e promessas.

O homem então explicou a seus filhos que todos eles estavam certos, porque eles haviam visto apenas uma estação da vida da árvore.

Ele falou que não se pode julgar uma árvore, ou uma pessoa, por apenas uma estação, e que a essência de quem ela é, o prazer, a alegria e o amor que vêm daquela vida podem apenas ser medidos ao final, quando todas as estações estão completas.

Se você desistir quando for inverno, você perderá a promessa da primavera, a beleza de seu verão, a expectativa do outono.

Não permita que a dor de uma estação destrua a alegria de todas as outras. Não julgue a vida apenas por uma estação difícil. Persevere através dos caminhos difíceis, e melhores tempos certamente virão de uma hora para a outra.

“A verdade jamais se torna erro pelo fato de ninguém a ver.”

Mahatma Gandhi

AS TRÊS PENEIRAS

Um homem foi ao encontro de Sócrates, levando ao filósofo uma informação que julgava de seu interesse:

– Quero contar-te uma coisa a respeito de um amigo teu!

– Espera - disse o sábio - antes de contar-me, quero saber se fizeste passar essa informação pelas três peneiras.

– Três peneiras? Que queres dizer?

– Devemos sempre usar as três peneiras. Se não as conheces, preste bastante atenção.

– A primeira é a peneira da verdade. Tens certeza de que isso que queres dizer-me é verdade?

– Bem, foi o que ouvi outros contarem. Não sei exatamente se é verdade.

– A segunda peneira é a da bondade. Com certeza, debes ter passado a informação pela peneira da bondade. Ou não?

Envergonhado, o homem respondeu:

– Devo confessar que não.

– A terceira peneira é a da utilidade. Pensaste bem se é útil o que vieste falar a respeito do meu amigo?

– Útil? Na verdade, não.

– Então - disse-lhe o sábio - se o que queres contar-me não é verdadeiro, nem bom, nem útil, então é melhor que o guardes apenas para ti.

*“Antes de começar a criticar os defeitos dos outros,
enumere ao menos dez dos teus.”*

Abraham Lincoln

AUXÍLIO MÚTUO

Em zona montanhosa, através de região deserta, caminhavam dois velhos amigos, ambos enfermos, cada qual a defender-se quanto possível contra os golpes do ar gelado e de intensa tempestade, quando foram surpreendidos por uma criança semi-morta na estrada, ao sabor da ventania de inverno.

Um deles, fíxo o singular achado e exclamou, irritadiço:

– Não perderei tempo! A hora exige cuidado para comigo mesmo. Sigamos à frente.

O outro, porém, mais piedoso, considerou:

– Amigo, salvemos o pequenino. É nosso irmão em humanidade.

– Não posso, disse o companheiro endurecido. Sinto-me cansado e doente. Este desconhecido seria um peso insuportável. Precisamos chegar à aldeia próxima sem perda de minutos. E avançou para adiante em largas passadas.

O viajante de bom sentimento, contudo, inclinou-se para o menino estendido, demorou-se alguns minutos, colando-o paternalmente ao próprio peito, e aconchegando-o ainda mais, marchou adiante, embora mais lentamente.

A chuva gelada caiu metódica pela noite adentro, mas ele, amparando o valioso fardo, depois de muito tempo, atingiu a hospedaria do povoado que buscava.

Com enorme surpresa, porém, não encontrou o colega que havia seguido na frente.

Somente no dia seguinte, depois de minuciosa procura, foi o infeliz viajante encontrado já sem vida numa vala do caminho completamente alagado.

Seguindo a pressa e a sós, com a idéia egoísta de preservar-se, não resistiu a onda de frio que se fizera violenta e com o aumento da intensidade da chuva, tombou encharcado, sem recursos com que pudesse fazer face ao congelamento.

Enquanto que o bondoso companheiro, recebendo em troca o suave calor da criança que sustentava junto do próprio coração, superou os obstáculos da noite frígida, salvando-se de semelhante desastre.

Descobriria a sublimidade do auxílio mútuo. Ajudando o menino abandonado, ajudara a si mesmo. Avançando com sacrifício para ser útil a outrem, conseguira triunfar dos percalços do caminho, alcançando as bênçãos da salvação recíproca.

“As atitudes são muito mais importantes do que os fatos.”

Alexander Fleming

CENOURAS, OVOS E CAFÉ

Uma filha se queixou a seu pai sobre sua vida e de como as coisas estavam difíceis para ela.

Ela já não sabia mais o que fazer e queria desistir. Estava cansada de lutar e combater. Parecia que assim que um problema estava resolvido um outro surgia.

Seu pai, um “chef”, levou-a até a cozinha dele. Encheu três panelas com água e colocou cada uma delas em fogo alto.

Logo, as panelas começaram a ferver. Numa ele colocou cenouras, noutra colocou ovos e na última, pó de café. Deixou que tudo fervesse, sem dizer uma palavra.

A filha deu um suspiro e esperou impacientemente, imaginando o que ele estaria fazendo.

Cerca de vinte minutos depois, ele apagou as bocas de gás. Pescou as cenouras e colocou-as numa tigela. Retirou os ovos e colocou-os em outra tigela. Então pegou o café com uma concha e colocou-o numa xícara.

Virando-se para ela, perguntou:

– Querida, o que você está vendo?

– Cenouras, ovos e café - ela respondeu.

Ele a trouxe para mais perto e pediu-lhe para experimentar as cenouras. Ela obedeceu e notou que as cenouras estavam macias.

Então, pediu-lhe que pegasse um ovo e o quebrasse. Ela obedeceu e depois de retirar a casca verificou que o ovo endurecera com a fervura.

Finalmente, ele lhe pediu que tomasse um gole do café. Ela sorriu ao provar seu aroma delicioso.

Então, ela perguntou humildemente:

– O que isto significa, pai?

Ele explicou que cada um deles havia enfrentado a mesma adversidade, água fervendo, mas, que cada um reagira de maneira diferente.

A cenoura entrara forte, firme e inflexível. Mas, depois de ter sido submetida à água fervendo, ela amolecera e se tornara frágil.

Os ovos eram frágeis. Sua casca fina havia protegido o líquido interior. Mas depois de terem sido colocados na água fervendo, seu

interior se tornou mais rijo.

O pó de café, contudo, era incomparável. Depois que fora colocado na água fervente, ele havia mudado a água.

– Qual deles é você? - ele perguntou à sua filha.

Quando a adversidade bate à sua porta, como você responde?

Você é uma cenoura, um ovo ou um pó de café?

“Só há duas maneiras de viver a vida: a primeira é vivê-la como se os milagres não existissem. A segunda é vivê-la como se tudo fosse um milagre.”

Albert Einstein

CONSTRUINDO PONTES

Dois irmãos, que moravam em fazendas vizinhas, separadas apenas por um riacho, entraram em conflito. Foi a primeira desavença em toda uma vida de trabalho lado a lado. Mas, agora tudo havia mudado. O que começou com um pequeno mal entendido, explodiu numa troca de palavras ríspidas, seguidas por semanas de silêncio.

Numa manhã, o irmão mais velho ouviu baterem na sua porta. Ao abri-la, notou um homem com ferramentas de carpinteiro.

– Estou procurando trabalho - disse ele - talvez você tenha algum serviço para mim.

– Sim, claro! - disse o fazendeiro - vê aquela fazenda ali, além do riacho? É do meu vizinho. Na realidade do meu irmão mais novo. Nós brigamos e não posso mais suportá-lo. Vê aquela pilha de madeira ali no celeiro? Pois a use para construir uma cerca bem alta.

– Acho que entendo a situação - disse o carpinteiro.

O irmão mais velho entregou o material necessário para a obra e foi para a cidade. O homem ficou ali trabalhando o dia inteiro. Quando o fazendeiro chegou, não acreditou no que viu: em vez da cerca, uma ponte fora construída, ligando as duas margens do riacho. Era um belo trabalho, mas, o fazendeiro ficou enfurecido e falou:

– Você foi atrevido construindo essa ponte depois de tudo que lhe contei.

Mas, as surpresas não pararam aí. Ao olhar novamente para a ponte viu seu irmão se aproximando de braços abertos. Por um instante permaneceu imóvel do seu lado do rio. Mas, de repente, num só impulso, correu na direção do outro e abraçaram-se no meio da ponte. Enquanto isso, o carpinteiro que fez o trabalho ia partindo.

– Espere, fique conosco! Disse o irmão mais velho.

E o carpinteiro respondeu:

– Eu adoraria, mas tenho outras pontes para construir.

“Não se deve interromper o diálogo, porque muitas vezes, o silêncio, envenena as relações.”

DANDO O MELHOR

Muitas coisas se falam a respeito de Beethoven. O fato de ter composto extraordinárias sinfonias, mesmo após a total surdez, é sempre recordado.

Exatamente por causa de sua surdez, ele era pouco sociável. Enquanto pôde, escondeu o fato de sua audição estar comprometida. Evitava as pessoas, porque a conversa se lhe tornara uma prática difícil e humilhante. Era o atestado público da sua deficiência auditiva.

Certo dia, um amigo de Beethoven foi surpreendido pela morte súbita de seu filho. Assim que soube, o músico correu para a casa dele, pleno de sofrimento.

Beethoven não tinha palavras de conforto para oferecer. Não sabia o que dizer. Percebeu, contudo, que num canto da sala havia um piano.

Durante 30 minutos, ele extravasou suas emoções da maneira mais eloqüente que podia. Tocou piano. Ao contato dos seus dedos, as teclas acionadas emitiram lamentos e melodiosa harmonia de consolo.

Assim que terminou, ele foi embora. Mais tarde, o amigo comentou que nenhuma outra visita havia sido tão significativa quanto aquela.

Na ausência de palavras, Beethoven deixou que falassem os seus mais sinceros sentimentos.

“Não existe verdadeira inteligência sem bondade.”

Ludwig van Beethoven

DEFICIÊNCIAS

Você realmente sabe o que é uma pessoa deficiente?

Pois, aqui vão algumas definições interessantes:

Deficiente - É aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.

Louco - É quem não procura ser feliz com o que possui.

Cego - É aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, na miséria, infeliz e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

Surdo - É aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo ou o apelo de um irmão, pois, está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.

Mudo - É aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

Paralítico - É quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

Diabético - É quem não consegue ser doce.

Anão - É quem não sabe deixar o amor crescer.

E, finalmente, a pior das deficiências é ser miserável, pois:

Miseráveis - São todos aqueles que não conseguem estender a mão aos mais necessitados, abandonados e infelizes.

“Falando ou silenciando, sempre é possível fazer algum bem.”

Chico Xavier

DUAS CRIANÇAS

Conta certa lenda, que estavam duas crianças patinando num lago congelado. Era uma tarde nublada e fria, e as crianças brincavam despreocupadas.

De repente, o gelo se quebrou e uma delas caiu, ficando presa na fenda que se formou. A outra, vendo seu amigo preso e se congelando, tirou um dos patins e começou a golpear o gelo com todas as suas forças, conseguindo por fim, quebrá-lo e libertar o amigo.

Quando os bombeiros chegaram, e viram o que havia acontecido, perguntaram ao menino:

– Como você conseguiu fazer isso? É impossível que tenha conseguido quebrar o gelo, sendo tão pequeno e com mãos tão frágeis!

Nesse instante, um ancião que passava pelo local comentou:

– Eu sei como ele conseguiu.

Todos perguntaram:

– Pode nos dizer como?

E respondeu o idoso:

– É simples, não havia ninguém ao seu redor para lhe dizer que não seria capaz.

“Não há barreiras que o ser humano não possa transpor.”

Helen Keller

DUVIDANDO DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Um homem foi cortar o cabelo e a barba. Como sempre acontece, ele e o barbeiro ficaram conversando sobre várias coisas, até que – por causa de uma notícia de jornal sobre meninos abandonados – o barbeiro afirmou:

– Como o senhor pode ver, esta tragédia mostra que Deus não existe.

– Como? Indagou o cliente.

– O senhor não lê jornais? Temos tanta gente sofrendo, crianças abandonadas, crimes de todo tipo. Se Deus existisse, não haveria sofrimento.

O cliente ficou pensando, mas, o corte estava quase no fim, e resolveu não prolongar a conversa. Voltaram a discutir temas mais amenos, o serviço foi terminado, o cliente pagou e saiu.

Entretanto, a primeira coisa que viu foi um mendigo, com barba de muitos dias e longos cabelos desgrenhados. Imediatamente, voltou para a barbearia e falou para o barbeiro que o atendera:

– Sabe de uma coisa? Os barbeiros não existem.

– Como não existem? Eu estou aqui e sou barbeiro.

– Não existem! Insistiu o homem. Porque, se existissem, não haveria pessoas com barba tão grande e cabelo tão desgrenhado como o que acabo de ver na esquina.

– Posso garantir que os barbeiros existem. Acontece que este homem nunca veio até aqui.

– Exatamente! Então, para responder sua pergunta, Deus também existe. O que acontece é que as pessoas não vão até Ele. Se O buscassem, seriam mais solidárias e não haveria tanta miséria e infelicidade no mundo.

*“Herege não é aquele que arde na fogueira,
e sim aquele que a acende.”*

William Shakespeare

ECO OU VIDA

Um filho e seu pai caminhavam pelas montanhas. De repente seu filho, cai, se machuca e grita:

– Ai!

Para sua surpresa escuta a voz se repetir, em algum lugar da montanha:

– Ai!

Curioso, pergunta:

– Quem é você?

Recebe como resposta:

– Quem é você?

Contrariado, grita:

– Seu covarde!

Escuta como resposta:

– Seu covarde!

Olha para o pai e pergunta aflito:

– O que é isso?

O pai sorri e fala:

– Meu filho, preste atenção. Então o pai grita em direção a montanha:

– Eu admiro você!

A voz responde:

– Eu admiro você!

De novo, o homem grita:

– Você é um campeão!

A voz responde:

– Você é um campeão!

O menino fica espantado, não entende.

Então, o pai explica:

– As pessoas chamam isso de eco, mas, na verdade isso é a vida. Ela lhe dá de volta tudo o que você diz ou faz.

Nossa vida é simplesmente o reflexo das nossas ações. Se você quer mais amor no mundo, crie mais amor no seu coração.

Se você quer mais competência da sua equipe, desenvolva a sua competência.

O mundo é somente a prova da nossa capacidade. Tanto no

plano pessoal quanto no profissional, a vida vai lhe dar de volta o que você deu à ela.

Sua vida não é uma coincidência, é a consequência das suas ações!

“Transformem em jardins os campos de batalha.”

São Francisco de Assis

ENFRENTANDO OS OBSTÁCULOS

Durante anos, um velho fazendeiro tinha arado ao redor de uma grande pedra, que ficava no centro de um de seus campos de cultivo. Ele já havia quebrado várias lâminas do arado devido aquela pedra e tinha cultivado um ódio mórbido por ela.

Um dia, depois de quebrar outro arado e se lembrando de toda a dificuldade que a pedra lhe tinha causado durante anos, ele decidiu finalmente fazer algo que resolvesse o problema definitivamente.

Quando pôs uma alavanca debaixo da pedra, foi pego de surpresa ao descobrir que a pedra tinha apenas poucos centímetros de espessura, e que ele poderia, facilmente, quebrá-la com uma marreta.

Quando estava carregando os pedaços da pedra ele não se conteve e começou a rir sozinho, enquanto se lembrava de toda a dificuldade que a pedra tinha lhe causado durante anos e como teria sido melhor se tivesse enfrentado o obstáculo inicialmente e quebrado a pedra mais cedo.

*“Obstáculos são aquelas coisas medonhas que você vê,
quando tira os olhos de seu objetivo.”*

Henry Ford

ESOPO E A LÍNGUA

Esopo era um escravo de rara inteligência que servia à casa de um conhecido chefe militar da antiga Grécia.

Certo dia, em que seu patrão conversava com outro companheiro sobre os males e as virtudes do mundo, Esopo foi chamado a dar sua opinião sobre o assunto, ao que respondeu seguramente:

– Tenho a mais absoluta certeza de que a maior virtude da Terra está à venda no mercado.

– Como? Perguntou o amo surpreso. Tens certeza do que está falando? Como podes afirmar tal coisa?

– Não só afirmo, como, se meu amo permitir, irei até lá e trarei a maior virtude da Terra.

Com a devida autorização do amo, saiu Esopo e, dali a alguns minutos, voltou carregando um pequeno embrulho.

Ao abrir o pacote, o velho chefe encontrou vários pedaços de língua, e, enfurecido, deu ao escravo uma chance para explicar-se.

– Meu amo, não vos enganei, retrucou Esopo. A língua é, realmente, a maior das virtudes. Com ela podemos consolar, ensinar, esclarecer, aliviar e conduzir. Pela língua os ensinamentos dos filósofos são divulgados, os conceitos religiosos são espalhados, as obras dos poetas se tornam conhecidas de todos. Por acaso podeis negar essas verdades, meu amo?

– Boa, meu caro, retrucou o amigo do amo. Já que és desembaraçado, que tal trazer-me agora o pior vício do mundo.

– É perfeitamente possível, senhor, e com nova autorização de meu amo, irei novamente ao mercado e de lá trarei o pior vício de toda terra.

Concedida a permissão, Esopo saiu novamente e dali a alguns minutos voltava com outro pacote semelhante ao primeiro.

Ao abri-lo, os amigos encontraram novamente pedaços de língua. Desapontados, interrogaram o escravo e obtiveram dele surpreendente resposta:

– Por que vos admirais de minha escolha? Do mesmo modo que a língua, bem utilizada, se converte numa sublime virtude, quando relegada a planos inferiores se transforma no pior dos vícios. Através dela tecem-se as intrigas e as violências verbais. Através dela,

as verdades mais santas, por ela mesma ensinadas, podem ser corrompidas e apresentadas como anedotas vulgares e sem sentido. Através da língua, estabelecem-se as discussões infrutíferas, os desentendimentos prolongados e as confusões populares que levam ao desequilíbrio social. Por acaso podeis refutar o que digo? Indagou Esopo.

Impressionados com a inteligência invulgar do serviçal, ambos os senhores calaram-se, comovidos e o velho chefe, no mesmo instante, reconhecendo o disparate que era ter um homem tão sábio como escravo, deu-lhe a liberdade.

Esopo aceitou a libertação e tornou-se, mais tarde, um contador de fábulas muito conhecido da Antigüidade e cujas histórias até hoje se espalham por todo mundo.

*“O tempo que você for levar para falar mal de alguém,
use-o para falar bem de quem merece.”*

Manoel de Nóbrega

ESTRELA DO MAR

Era uma vez, um escritor que morava em uma tranqüila praia, junto de uma colônia de pescadores.

Todas as manhãs, ele caminhava à beira do mar para se inspirar e à tarde ficava em casa escrevendo.

Certo dia, caminhando na praia, ele viu um vulto que parecia dançar.

Ao chegar perto, ele reparou que se tratava de um jovem que recolhia estrelas-do-mar da areia para, uma por uma, jogá-las novamente de volta ao oceano.

– Por que está fazendo isso?, perguntou o escritor.

– Você não vê!, explicou o jovem: a maré está baixa e o sol está brilhando. Elas irão secar e morrer se ficarem aqui na areia.

O escritor espantou-se.

– Meu jovem, existem milhares de quilômetros de praias por este mundo afora e centenas de milhares de estrelas-do-mar espalhadas pela praia. Que diferença faz? Você joga umas poucas de volta ao oceano. A maioria vai perecer de qualquer forma.

O jovem pegou mais uma estrela na praia, jogou de volta ao oceano, olhou para o escritor e disse:

– Para essa aqui eu fiz a diferença.

Naquela noite o escritor não conseguiu escrever sequer uma linha, nem conseguiu adormecer. Pela manhã, voltou à praia, procurou o jovem e uniu-se a ele, juntos, começaram a jogar estrelas-do-mar de volta ao oceano.

Sejamos, portanto, mais um dos que querem fazer do mundo um lugar melhor.

Sejamos a diferença!

“Não importa o quanto fazemos, mas, quanto amor colocamos naquilo que fazemos.”

Madre Teresa de Calcutá

EU OUVI UM NÃO

Desde pequena Julia tinha uma paixão: dançar. Ela sonhava em ser uma grande bailarina do Ballet Bolshoi.

Um dia, Julia teve sua grande chance. Conseguira uma audiência com um dos maiores mestres do Bolshoi, que estava selecionando aspirantes para a companhia.

Dançou como se fosse seu último dia na Terra. Colocou tudo que sentia e que aprendera em cada movimento. Ao final, aproximou-se do mestre e lhe perguntou:

– Então, o senhor acha que eu posso me tornar uma grande bailarina?

Na viagem de volta à sua aldeia, Julia, em meio às lágrimas, imaginou que nunca mais aquele “não” sairia de sua mente.

Dez anos mais tarde Julia, já uma estimada professora de ballet, criou coragem de ir à performance anual do Bolshoi em sua região. Sentou-se bem à frente e notou que aquele mesmo senhor ainda era o mestre.

Após o concerto, aproximou-se do cavalheiro e lhe contou o quanto doera, anos atrás, ouvir-lhe dizer que não seria capaz de participar do Bolshoi.

– Mas, minha filha, eu digo isso a todas as aspirantes, respondeu o mestre.

– Como o senhor poderia cometer uma injustiça dessas? Eu dediquei toda minha vida! Todos diziam que eu tinha o dom. Eu poderia ter sido um sucesso se não fosse o descaso com que o senhor me avaliou!

Havia solidariedade e compreensão na voz do mestre, mas, ele não hesitou ao responder:

– Perdoe-me, minha filha, mas, você nunca poderia ter sido grande o suficiente, se você foi capaz de abandonar seu sonho ao ouvir o primeiro não.

“A persistência é o caminho do êxito.”

Charles Chaplin

FLORES NA ESTRADA

Um certo homem morava numa cidade grande e trabalhava numa fábrica, na região periférica desta metrópole. Todos os dias, ele pegava o ônibus pela manhã e viajava cinqüenta minutos até o trabalho. À tardinha fazia a mesma coisa voltando para a casa.

No ponto seguinte ao que o homem subia, entrava uma velhinha, que procurava sempre sentar próxima à janela. Abria a bolsa, tirava um pacotinho e passava a viagem toda jogando alguma coisa para fora do ônibus.

Um dia, o homem reparou na cena e ficou muito curioso. No dia seguinte, a mesma coisa.

Certa vez, o homem sentou-se ao lado da velhinha e não resistiu:

– Bom dia, desculpe a curiosidade, mas, o que a senhora está jogando pela janela?

– Bom dia, respondeu a velhinha. Jogo sementes.

– Sementes? Sementes de que?

– De flor. É que eu viajo neste ônibus todos os dias. Olho para fora e a estrada é tão vazia. Gostaria de poder viajar vendo flores coloridas por todo o caminho. Imagine como seria bom.

– Mas, a senhora não vê que as sementes caem no asfalto, são esmagadas pelos pneus dos carros, devoradas pelos passarinhos. A senhora acha que essas flores vão nascer aí, na beira da estrada?

– Acho, meu filho. Mesmo que muitas sejam perdidas, algumas certamente acabam caindo na terra e com o tempo vão brotar.

– Mesmo assim, demoram a crescer, precisam de água.

– Ah, eu faço minha parte. Sempre há dias de chuva. Além disso, apesar da demora, se eu não jogar as sementes, as flores nunca vão nascer.

Dizendo isso, a velhinha virou-se para a janela aberta e recomendou seu “trabalho”. O homem desceu logo adiante, achando que a velhinha já estava meio caduca.

O tempo passou...

Um certo dia, no mesmo ônibus, sentado próximo à janela, o homem levou um susto. Olhou para fora e viu margaridas na beira da estrada, hortênsias azuis, rosas, cravos, dalias. A paisagem estava

colorida, perfumada e linda.

O homem lembrou-se da velhinha, procurou-a no ônibus e acabou perguntando para o cobrador, que conhecia todo mundo.

– A velhinha das sementes? Pois é, morreu de pneumonia no mês passado.

O homem voltou para o seu lugar e continuou olhando a paisagem florida pela janela. Quem diria, as flores brotaram mesmo, pensou. Mas, de que adiantou o trabalho da velhinha? A coitada morreu e não pode ver esta beleza toda.

Nesse instante, o homem escutou uma risada de criança. No banco da frente, um garotinho apontava pela janela entusiasmado:

– Olha mãe, que lindo, quanta flor pela estrada. Como se chamam aquelas azuis?

Então, o homem entendeu o que a velhinha tinha feito. Mesmo não estando ali para contemplar as flores que tinha plantado, a velhinha devia estar feliz. Afinal, ela tinha dado um presente maravilhoso para as pessoas. No dia seguinte, o homem entrou no ônibus, sentou-se próximo a uma janela e tirou um pacotinho de sementes do bolso.

*“O tempo é algo que não volta atrás, portanto,
plante seu jardim e decore sua alma ao invés
de esperar que alguém lhe mande flores.”*

William Shakespeare

FRANCISCO E O LOBO

Há muito tempo atrás, Gúbio, uma cidade na Úmbria, Itália, estava tomada de grande medo. Na floresta da região vivia um grande lobo, terrível e feroz, o qual, não somente devorava os animais, como os homens, de modo que todos do povoado estavam apavorados.

Por este motivo, cercaram a cidade com altas muralhas e reforçaram as portas. Todos andavam armados quando saíam da cidade, como se fossem para um combate.

Certa vez, quando um homem chamado Francisco chegou naquela cidade, estranhou muito o medo do povo. Percebeu que a culpa não podia ser unicamente do lobo. Havia no fundo dos corações uma outra causa que era tão destrutiva, como parecia ser a causa do lobo. Logo, Francisco ofereceu-se para ajudar.

Resolveu sair ao encontro do lobo, sozinho e desarmado, mas, cheio de simpatia e benevolência pelo animal.

O perigoso lobo, de fato, foi ao encontro de Francisco, raivoso e de boca aberta pronto para devorá-lo!

Mas, quando o lobo percebeu as boas intenções de Francisco e ouviu como este se dirigia a ele como a um “irmão”, cessou de correr e ficou muito surpreendido.

As boas vibrações de Francisco de Assis anularam a violência que havia no “irmãozinho” lobo.

De olhos arregalados, viu que esse homem o olhava com muita bondade.

Francisco então falou para o lobo:

– Irmãozinho lobo, quero somente conversar com você, caso você esteja me entendendo, levante, por favor, a sua patinha para mim!

O irmãozinho lobo, então, perante tão forte vibração de amor e carinho, perdeu toda a sua maldade. Levantou confiante, a pata da frente, e calmamente a pôs na mão aberta de Francisco.

Então, Francisco disse-lhe amorosamente:

– Querido irmãozinho lobo, vou fazer um trato com você. De hoje em diante, vou cuidar de você meu irmão. Você vai morar em minha casa, vou lhe dar comida e você irá sempre me acompanhar e

seremos sempre amigos. Você por sua vez, também será amigo de todas as pessoas desta cidade, pois, de agora em diante você terá uma casa, comida e carinho, sendo assim, não precisará mais matar nem agredir ninguém, para sobreviver.

Com a promessa de nunca mais lesar nem homem, nem animal, foi o lobo com Francisco até a cidade.

Também o povo da cidade abandonou sua raiva e começou a chamar o lobo de "irmão", prometendo dar-lhe todos os dias o alimento necessário.

Finalmente, o "irmão lobo" morreu de velhice, pelo que, todos da cidade tiveram grande pesar.

Ainda hoje se mostra em Gúbio, um sarcófago feito de pedra, no qual os ossos do lobo estão depositados e guardados com grande carinho e respeito durante séculos.

*“Todas as coisas da criação, são filhos do Pai e irmãos do homem.
Deus quer que ajudemos aos animais, se necessitam de ajuda.
Todas as criaturas em desgraça têm o mesmo direito
a serem protegidas.”*

São Francisco de Assis

GRATIDÃO

O homem pôr detrás do balcão olhava à rua de forma distraída. Uma garotinha se aproximou da loja e amassou o narizinho contra o vidro da vitrine.

Os olhos, da cor do céu, brilhavam quando viu um determinado objeto. Entrou na loja e pediu para ver o colar de turquesa azul.

– É para minha irmã. Pode fazer um pacote bem bonito?, diz ela.

O dono da loja olhou desconfiado para a garotinha e lhe perguntou:

– Quanto de dinheiro você tem?

Sem hesitar, ela tirou do bolso da saia um lenço todo amarradinho e foi desfazer os nós. Colocou-o sobre o balcão e feliz, disse:

– Isso dá?

Eram apenas algumas moedas que ela exibia orgulhosa.

– Sabe, quero dar este presente para minha irmã mais velha. Desde que morreu nossa mãe ela cuida da gente e não tem tempo para ela. É aniversário dela e tenho certeza que ficará feliz com o colar, que é da cor de seus olhos.

O homem foi para o interior da loja, colocou o colar em um estojo, embrulhou com um vistoso papel vermelho e fez um laço caprichado com uma fita verde.

– Tome! - disse para a garota. Leve com cuidado.

Ela saiu feliz saltitando pela rua.

Ainda não acabara o dia quando uma linda jovem, de cabelos loiros e olhos azuis, adentrou a loja. Colocou sobre o balcão o já conhecido embrulho desfeito e indagou:

– Este colar foi comprado aqui?

– Sim senhora, respondeu o homem.

– E quanto custou?

– Ah!, falou o dono da loja. O preço de qualquer produto da minha loja é sempre um assunto confidencial entre o vendedor e o cliente.

A moça continuou:

– Mas, minha irmã tinha somente algumas moedas! O colar é verdadeiro, não é? Ela não teria dinheiro para pagá-lo!

O homem tomou o estojo, refez o embrulho com extremo carinho, colocou a fita e o devolveu a jovem, dizendo:

– Ela pagou o preço mais alto que qualquer pessoa pode pagar. Ela deu tudo o que tinha.

“Se nossos olhos se afeiçoarem à contemplação da singeleza e da simplicidade, singelos e simples serão nossos corações.”

Bezerra de Menezes

LENÇÓIS SUJOS

Um casal, recém-casados, mudou-se para um bairro muito tranqüilo.

Na primeira manhã que passavam na casa, enquanto tomavam café, a mulher reparou em uma vizinha que pendurava lençóis no varal e comentou com o marido:

– Que lençóis sujos ela está pendurando no varal! Está precisando de um sabão novo. Se eu tivesse intimidade perguntaria se ela quer que eu a ensine a lavar as roupas!

O marido observou calado.

Três dias depois, também durante o café da manhã, a vizinha pendurava lençóis no varal e novamente a mulher comentou com o marido:

– Nossa vizinha continua pendurando os lençóis sujos! Se eu tivesse intimidade perguntaria se ela quer que eu a ensine a lavar as roupas!

E assim, a cada três dias, a mulher repetia seu discurso, enquanto a vizinha pendurava suas roupas no varal.

Passado um mês a mulher se surpreendeu ao ver os lençóis muito brancos sendo estendidos, e empolgada foi dizer ao marido:

– Veja, ela aprendeu a lavar as roupas, será que a outra vizinha lhe deu sabão? Porque eu não fiz nada.

O marido calmamente lhe respondeu:

– Não, hoje eu levantei mais cedo e lavei a vidraça da nossa janela!

“Não exijas dos outros qualidades que ainda não possui.”

Chico Xavier

LIÇÃO DE CRIATIVIDADE

Um cachorrinho perdido na selva vê um tigre faminto correndo em sua direção. Pensa rápido, vê uns ossos no chão e se põe a mordê-los. Então, quando o tigre está pronto para atacá-lo, o cachorrinho diz:

– Ah, que delícia este tigre que acabo de comer!

O tigre para bruscamente e sai apavorado correndo do cachorrinho, e no caminho vai pensando:

– Que cachorro bravo! Por pouco não come a mim também.

Um macaco, que havia visto a cena, sai correndo atrás do tigre e conta como ele tinha sido enganado.

O tigre, furioso, diz:

– Cachorro maldito! Vai me pagar!

O cachorrinho vê que o tigre vem atrás dele de novo, e desta vez, traz o macaco montado em suas costas.

Ah, macaco traidor! O que faço agora?, pensou o cachorrinho.

Em vez de sair correndo, ele ficou de costas, como se não estivesse vendo nada. Quando o tigre está a ponto de atacá-lo de novo, o cachorrinho diz:

– Macaco preguiçoso! Faz meia hora que eu mandei me trazer um outro tigre e ele ainda não voltou!

“Em momentos de crise, só a criatividade é mais importante do que o conhecimento.”

Albert Einstein

MAIS CINCO MINUTOS

No parque, uma mulher sentou-se ao lado de um homem em um banco perto do playground.

– Aquele é meu filho. Ela disse, apontando para um pequeno menino usando um suéter vermelho e que deslizava no escorregador.

– Um bonito garoto - o homem respondeu e completou - aquela usando vestido branco, pedalando sua bicicleta, é minha filha.

Então, olhando o relógio, o homem chamou a sua filha.

– Giuliana, o que você acha de irmos?

E Giuliana suplicou:

– Mais cinco minutos, pai. Por favor, só mais cinco minutos.

O homem concordou e Giuliana continuou pedalando sua bicicleta, para alegria de seu coração.

Os minutos se passaram e o pai novamente chamou sua filha.

– Hora de ir agora.

Outra vez Giuliana pediu:

– Mais cinco minutos, pai. Só mais cinco minutos.

O homem sorriu e disse:

– Está certo!

– O senhor é certamente um pai muito paciente - a mulher comentou.

O homem sorriu e disse:

– O irmão mais velho de Giuliana foi morto por um motorista bêbado no ano passado quando andava com sua bicicleta. Eu nunca passei muito tempo com ele e agora daria qualquer coisa por apenas mais cinco minutos com ele. Eu me prometi não cometer o mesmo erro. Ela acha que tem mais cinco minutos para andar de bicicleta. Na verdade, eu é que tenho mais cinco minutos para vê-la brincar.

Em tudo na vida estabelecemos prioridades. O que são as suas prioridades?

Dê a quem você ama mais cinco minutos de seu tempo hoje!

“O que vale não é o quanto se vive, mas como se vive.”

Martin Luther King

MATANDO UMA CRIANÇA

Certo dia entra no consultório de um obstetra muito experiente, uma jovem com a seguinte abordagem:

– Doutor, o senhor terá de me ajudar num problema muito sério. Este meu bebê ainda não completou um ano e estou grávida novamente. Não quero filhos em tão curto espaço de tempo, mas, num espaço bem maior entre um e outro.

E então o médico perguntou:

– Muito bem. E o que a senhora quer que eu faça?

A mulher, já esperançosa, respondeu:

– Desejo interromper esta gravidez e conto com a ajuda do senhor.

O médico então pensou um pouco e depois do seu silêncio disse a mulher:

– Acho que tenho um método melhor para solucionar o problema. E é menos perigoso para a senhora.

A mulher sorriu, acreditando que o médico aceitaria seu pedido.

E então ele completou:

– Veja bem, minha senhora, para não ter de ficar com os dois bebês de uma vez, em tão curto espaço de tempo, vamos matar este que está em seus braços. Assim, o outro poderá nascer. Se o caso é matar, não há diferença para mim entre um e outro. Até porque, sacrificar este que a senhora tem nos braços é mais fácil, pois, a senhora não correrá nenhum risco.

A mulher apavorou-se e disse:

– Não doutor! Que horror! Matar uma criança é um crime!

O médico sorriu e, depois de algumas considerações, viu que a sua lição surtira efeito. Convenceu a mãe que não há menor diferença entre matar a criança já nascida e matar uma criança ainda por nascer, mas, viva no seio materno.

“A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte.”

Mahatma Gandhi

MUNDO VIRTUAL

Entrei apressado e com muita fome no restaurante. Escolhi uma mesa bem afastada do movimento, pois, queria aproveitar os poucos minutos que dispunha naquele dia atribulado, para comer e consertar alguns problemas de programação de um sistema que estava desenvolvendo, além de planejar minha viagem de férias que a tempos não sabia o que era.

Pedi uma salada e um suco de laranja, afinal de contas, fome é fome, mas, regime é regime. Abri meu laptop e levei um susto com aquela voz baixinha atrás de mim.

– Tio, dá um trocado?

– Não tenho, menino.

– Só uma moedinha para comprar um pão.

– Está bem, compro um para você.

Para variar, minha caixa de entrada estava lotada de e-mails. Fico distraído e dando risadas com as piadas malucas.

– Tio, pede para colocar margarina e queijo também.

Percebo que o menino tinha ficado ali.

– Ok. Vou pedir, mas, depois me deixa trabalhar, estou muito ocupado, tá?

Chega minha refeição e junto com ela meu constrangimento. Faço o pedido do menino, e o garçom me pergunta se quero que mande o garoto ir “a luta”.

Meus resquícios de consciência, me impedem de dizer. Digo que está tudo bem. Deixe-o ficar. Que traga não o pão, mas, uma refeição decente para ele. Então, ele sentou à minha frente e me perguntou:

– Tio, o que você tá fazendo?

– Estou lendo uns e-mails.

– O que são e-mails?

– São mensagens eletrônicas enviadas via Internet.

Sabia que ele não ia entender nada, mas, a título de livrar-me de maiores questionamentos disse:

– É como se fosse uma carta, só que vem pela Internet.

– Tio, você tem Internet?

– Tenho sim, essencial ao mundo de hoje.

– O que é Internet?

– É um local no computador, onde podemos ver e ouvir muitas coisas, notícias, músicas, conhecer pessoas, ler, escrever, sonhar, trabalhar, aprender. Tem de tudo no mundo virtual.

– E o que é virtual?

Resolvo dar uma explicação simplificada, novamente na certeza que ele pouco vai entender e vai me liberar para comer minha refeição, sem culpas.

– Virtual é um local que imaginamos, algo que não podemos pegar, tocar. É lá que criamos um monte de coisas que gostaríamos de fazer. Criamos nossas fantasias, transformamos o mundo em algo, como queríamos que ele fosse.

– Legal isso. Adoro!

– Mocinho, você entendeu o que é virtual?

– Sim, também vivo neste mundo virtual.

– Você tem computador?

– Não, mas meu mundo também é desse jeito... virtual.

Minha mãe trabalha, fica o dia todo fora, só chega muito tarde e quase não a vejo, eu fico cuidando do meu irmão pequeno, que vive chorando de fome e eu dou água para ele pensar que é sopa, minha irmã mais velha sai todo dia, diz que vai vender o corpo, mas não entendo, pois, ela sempre volta com o corpo, meu pai está na cadeia há muito tempo, mas, sempre imagino nossa família toda junta em casa, muita comida, muitos brinquedos, dia de Natal e eu indo ao colégio para virar médico um dia.

– Isso é virtual não é tio?

Fechei meu laptop, não antes que lágrimas caíssem sobre o teclado. Esperei que o menino terminasse de literalmente “devorar” o prato dele, paguei a conta e o troco dei para o garoto, que me retribuiu com um dos mais belos e sinceros sorrisos que já recebi na vida e com um “brigado tio você é legal!”.

Ali, naquele instante, tive a maior prova do virtualismo insensato em que vivemos, todos os dias, enquanto a realidade cruel nos rodeia de verdade e fazemos de conta que não percebemos!

“Miséria é o maior crime moral que pode-se cometer.”

O AMOR

Em uma sala de aula haviam várias crianças. Quando uma delas perguntou à professora:

– Professora, o que é o amor?

A professora sentiu que a criança merecia uma resposta à altura da pergunta inteligente que fizera. Como já estava muito próximo da hora do recreio, pediu para que cada aluno desse uma volta pelo pátio da escola e que trouxesse o que mais despertasse nele o sentimento de amor.

As crianças saíram apressadas e, ao voltarem, a professora disse:

– Quero que cada um mostre o que trouxe consigo.

A primeira criança disse:

– Eu trouxe esta flor, não é linda?

A segunda criança falou:

– Eu trouxe esta borboleta. Veja o colorido de suas asas, vou colocá-la em minha coleção.

A terceira criança completou:

– Eu trouxe este pequenino filhote de passarinho. Ele havia caído do ninho junto com outro irmão. Ele não é uma gracinha professora?

E assim, cada uma das crianças da classe, foi apresentando o seu exemplo.

Terminada a exposição, a professora notou que havia uma criança que tinha ficado quieta o tempo todo. Ela estava vermelha de vergonha, pois, nada havia trazido.

A professora se dirigiu a ela e perguntou:

– Meu bem, porque você nada trouxe?

E a criança, timidamente, respondeu:

– Desculpe, professora. Vi a flor e senti o seu perfume, pensei em arrancá-la, mas preferi deixá-la para que seu perfume exalasse por muito mais tempo. Vi a borboleta, leve, colorida! Ela parecia tão feliz que não tive coragem de aprisioná-la. Vi também o passarinho caído entre as folhas, mas, ao subir na árvore notei o olhar triste de sua mãe e preferi devolvê-lo ao ninho. Portanto, professora, trago comigo o perfume da flor, a sensação de liberdade da borboleta e a

gratidão que senti nos olhos da mãe do passarinho. Como posso mostrar o que trouxe?

A professora, ainda emocionada, agradeceu a pequenina, pois, ela fora a única criança que percebera que só podemos trazer o amor dentro do coração.

“Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seu semelhante.”

Albert Schweitzer

O AMOR DE UMA MÃE NO INFERNO

Foi em dezembro de 1944 que tudo começou. Caminhões chegaram ao campo de concentração de Bergen-Belsen, na Alemanha, e despejaram 54 crianças. A mais velha tinha 14 anos e haviam muitos bebês.

No alojamento das mulheres, Luba Gercak dormia. Acordou sua vizinha de beliche e lhe perguntou:

– Está escutando É choro de criança.

A vizinha de beliche lhe disse que voltasse a dormir. Ela devia estar sonhando.

Todos conheciam a história de Luba. Ainda adolescente, se casara com um marceneiro e tiveram um filho, Isaac. Quando veio a guerra, os nazistas lhe arrancaram dos braços o filho de três anos e o jogaram em um caminhão, junto com outras crianças e velhos. Todos inúteis para o trabalho e, portanto, com destino certo: a câmara de gás. Posteriormente, ela pôde ver um outro caminhão arrastando o corpo, sem vida, do marido.

No primeiro momento, desistira de viver. Depois, a fé lhe visitou a alma e ela percebeu que Deus esperava muito mais dela. Então, passou a ser voluntária nas enfermarias.

Agora, Luba ouvia choro de crianças. Quem seriam?

Abriu a porta do alojamento e viu meninos, meninas, bebês apinhados, em choro, no meio do campo. Separados de seus pais, se encontravam desnutridos e tinham fome e frio.

Luba as trouxe para dentro. E com o intenso protesto das demais ocupantes do infecto alojamento, ela as repreendeu, dizendo:

– Vocês não são mães? Se fossem seus filhos, diriam para que eu os deixasse morrer de frio? Eles são filhos de alguém.

Em verdade, o que suas companheiras temiam era a fúria dos soldados da SS.

Luba agradeceu a Deus por ter lhe enviado aquelas crianças. O seu filho morrera, mas, faria tudo para que aquelas crianças vivessem.

Foi até um oficial da SS no acampamento e lhe contou o que fizera. Pôs sua mão no braço dele e suplicou. Ele se deu conta que ela o tocara, o que era terminantemente proibido, e lhe aplicou um

soco em pleno rosto, fazendo-a cair.

Ela se levantou e com o seu lábio sangrando muito falou:

– Sou mãe. Perdi meu filho em Auschwitz. Você tem idade para ser avô. Por que há de querer maltratar crianças e bebês?

– Fique com elas. Foi a resposta seca do oficial.

Mas, ficar com elas não era suficiente. Era necessário alimentá-las. Nos dias que se seguiram, todas as manhãs, ela perambulava pelo depósito, cozinha e padaria, implorando, barganhando e roubando alimentos.

Os meninos ficavam à janela e quando a viam chegar diziam uns aos outros:

– Lá vem irmã Luba. Ela traz comida pra nós!

À noite, ela cantava canções de ninar e as abraçava. Era a mãe que lhes faltava. As crianças, que falavam holandês, não entendiam as palavras de Luba, que era polonesa, mas, compreendiam seu amor.

Em 15 de abril de 1945, os tanques britânicos entraram no campo, vitoriosos e em seis idiomas passaram a rugir os altofalantes: Estão livres! Livres!

Luba conseguira salvar 52 das 54 crianças que adotara como filhos do coração.

Em abril de 1995, 50 anos após a libertação, cerca de 30 homens e mulheres se reuniram na prefeitura de Amsterdã para homenagear aquela mulher, que recebera, em nome da Rainha Beatriz da Holanda, a medalha de prata por serviços humanitários.

No entanto, declarou que sua maior recompensa era estar com aqueles seus filhos que, com o apoio de Deus, conseguira salvar da sombra dos campos da morte.

Por isso tudo, nunca pensemos que somos muito pequenos para lutar pelas grandes causas ou que estamos sós. Quem batalha pela justiça, tem um insuperável aliado que se chama Deus, nosso Pai Maior.

“Não acredito em choques de civilizações, pois, acredito que haja uma só civilização: a nossa, a civilização humana.”

Sérgio Vieira de Mello

O BARQUEIRO

Um viajante ia caminhando em solo distante, as margens de um grande lago de águas cristalinas. Seu destino era a outra margem.

Ele suspirava profundamente enquanto tentava fixar o olhar no horizonte, quando a voz de um homem coberto de idade, um barqueiro, quebrou o silêncio momentâneo, oferecendo-se para transportá-lo.

O pequeno barco envelhecido, no qual a travessia seria realizada, era provido de dois remos de madeira de carvalho.

Logo seus olhos perceberam o que pareciam ser letras em cada remo. Ao colocar os pés empoeirados dentro do barco, o viajante pôde observar que se tratava de duas palavras, num deles estava entalhada a palavra “acreditar” e no outro “agir”.

Não podendo conter a curiosidade, o viajante perguntou as razões daqueles nomes originais dados aos remos.

O barqueiro respondeu pegando o remo chamado “acreditar” e remando com toda força, o barco então, começou a dar voltas sem sair do lugar em que estava.

Em seguida, pegou o remo “agir” e remou com todo vigor. Novamente o barco girou em sentido oposto, sem ir adiante.

Finalmente, o velho barqueiro, segurando os dois remos, remou com eles simultaneamente e o barco, impulsionado por ambos os lados, navegou através das águas do lago chegando ao seu destino, a outra margem.

Então o barqueiro disse ao viajante:

– Esse porto se chama “auto-confiança”. Simultaneamente é preciso “acreditar” e também “agir” para que possamos alcançá-lo.

“É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas, graça das graças é não desistir nunca.”

Dom Hélder Câmara

O CAVALO E O FAZENDEIRO

Certo dia, o cavalo de um camponês caiu num poço. Não chegou a se ferir, mas, não podia sair dali por conta própria. Por isso, o animal chorou fortemente durante horas, enquanto o camponês pensava no que fazer.

Finalmente, o camponês tomou uma decisão cruel: concluiu que já que o cavalo estava muito velho e que o poço estava mesmo seco, precisaria ser tapado de alguma forma. Portanto, não valia a pena se esforçar para tirar o cavalo de dentro do poço. Ao contrário, chamou seus vizinhos para ajudá-lo a enterrar vivo o animal.

Cada um deles pegou uma pá e começou a jogar terra dentro do poço. O cavalo não tardou a se dar conta do que estavam fazendo com ele e chorou desesperadamente.

Porém, para surpresa de todos, o cavalo aquietou-se depois de algumas pás de terra que levou. O camponês finalmente olhou para o fundo do poço e se surpreendeu com o que viu.

A cada pá de terra que caía sobre suas costas o cavalo a sacudia, dando um passo sobre esta mesma terra que caía ao chão. Assim, em pouco tempo, todos viram como o cavalo conseguiu chegar até a boca do poço, passar por cima da borda e sair dali trotando.

A vida vai te jogar muita terra nas costas. Principalmente, se você já estiver dentro de um poço. O segredo para sair do poço é sacudir a terra que se leva nas costas e dar um passo sobre ela.

Cada um de nossos problemas é um degrau que nos conduz para cima. Podemos sair dos mais profundos buracos se não nos dermos por vencidos. Use a terra que te jogam para seguir adiante!

*“Nunca se abale, pois, até um pé no traseiro,
te faz caminhar pra frente.”*

Charles Chaplin

O CÉU E O INFERNO ÍNTIMOS

Conta-se que certo dia, um samurai, grande e forte, conhecido pela sua índole violenta, foi procurar um sábio monge em busca de respostas para suas dúvidas.

– Monge - disse o samurai, com desejo sincero de aprender - ensina-me sobre o céu e o inferno.

O monge, de pequena estatura e muito franzino, olhou para o bravo guerreiro e, simulando desprezo, lhe disse:

– Eu não poderia ensinar-lhe coisa alguma, você está imundo. Seu mau cheiro é insuportável. Ademais, a lâmina da sua espada está enferrujada. Você é uma vergonha para a sua classe.

O samurai ficou enfurecido. O sangue lhe subiu ao rosto e ele não conseguiu dizer nenhuma palavra, tamanha era sua raiva. Empunhou a espada, ergueu-a sobre a cabeça e se preparou para decapitar o monge.

– Aí começa o inferno, disse-lhe o sábio mansamente.

O samurai ficou imóvel. A sabedoria daquele pequeno homem o impressionara. Afinal, arriscou a própria vida para lhe ensinar sobre o inferno.

O bravo guerreiro abaixou lentamente a espada e agradeceu ao monge pelo valioso ensinamento.

O velho sábio continuou em silêncio.

Passado algum tempo, o samurai, já com a intimidade pacificada, pediu humildemente ao monge que lhe perdoasse o gesto infeliz.

Percebendo que seu pedido era sincero, o monge lhe falou:

– Aí começa o céu.

“A velha lei do olho por olho, deixa todo mundo cego.”

Martin Luther King

O ESTRANHO HOMEM TATUADO

Ele era assustador. Sentado na grama com seu cartaz de papelão, seu cão (que era adorável) e tatuagens por ambos os braços e pescoço. Seu cartaz anunciava que estava cansado e com fome e pedia ajuda.

Eu me sinto compelida a ajudar qualquer um que necessite.

Meu marido, ao mesmo tempo, adora e odeia esta minha “qualidade”.

Isto, frequentemente, o faz nervoso e eu sabia que se me visse naquele momento, ele ficaria nervoso. Mas, ele não estava comigo.

Eu arranquei vagarosamente com o carro e através do retrovisor, contemplei aquele homem, com tatuagem e tudo. Talvez, com quarenta anos.

Usava uma daquelas bandanas amarrada sobre a cabeça, estilo pirata.

Qualquer um poderia ver que ele estava sujo e tinha a barba por fazer.

Mas, se você olhasse bem de perto, veria que suas coisas estavam bem organizadas em um pequeno pacote. Ninguém parava para auxiliá-lo.

Eu via que os outros motoristas davam uma rápida olhada e já prestavam atenção em outra coisa, qualquer outra coisa.

Estava muito quente. Eu podia ver nos olhos do homem, como deprimido e cansado se sentia. O suor escorrendo pelo rosto, enquanto eu estava com o ar condicionado ligado.

Eu peguei minha bolsa e tirei uma nota de dez reais.

Francisco, meu filho mais velho, com doze anos, sabia exatamente o que eu estava querendo fazer.

– Posso levar para ele, mãe?

– Sim, mas tenha cuidado. Eu o adverti e lhe entreguei o dinheiro.

Eu prestei atenção, pelo espelho, enquanto meu filho se aproximou do homem, e com um sorriso tímido, lhe entregou o dinheiro.

Eu vi o homem, assustado, levantar-se, pegar o dinheiro e guardar no bolso de trás.

– Bem, pensei comigo mesma, pelo menos agora ele poderá

comer alguma coisa.

Me senti satisfeita e orgulhosa de mim mesma. Eu tinha feito uma boa ação e agora eu poderia continuar meu dia.

Quando Francisco voltou ao carro, olhou-me com tristeza, os olhos suplicantes, e disse:

– Mãe, o cachorrinho está com muito calor.

Eu sabia que tinha que fazer mais. E pedi ao Francisco:

– Volte e diga-lhe para ficar por ali, estaremos de volta em 15 minutos.

Francisco saiu do carro e correu até o desconhecido tatuado. Eu pude notar como o homem estava surpreso, mas concordou.

Corremos até o supermercado mais próximo. Compramos alguma comida; um saco de ração e uma vasilha de água para o cachorrinho; duas garrafas de água (uma para o cão, uma para o seu dono) e mais alguns biscoitos para o homem.

Voltamos rapidamente ao ponto onde o deixamos e lá estava ele, esperando imóvel.

Ninguém mais parava para ele. Com as mãos tremendo, eu agarrei os sacos e sai do carro, todas as minhas quatro crianças seguiram-me, cada uma carregando um “presente”. Enquanto andávamos até ele, eu tive um pequeno receio: e se ele for perigoso?

Quando olhei em seus olhos vi algo que me assustou e me deixou envergonhada por meu julgamento. Eu vi lágrimas. Ele lutava, como um menino, para segurar as lágrimas.

Há quanto tempo ninguém mostra alguma bondade com este homem?

Eu disse a ele que eu esperava que não estivesse muito pesado para ele carregar e mostrei o que tínhamos trazido.

Ele parecia uma criança no Natal. Quando peguei a vasilha para água, ele a arrebatou de minhas mãos como se fosse ouro e me disse que não tinha como dar água a seu cão.

Meus olhos encheram-se de lágrimas quando ele disse:

– Madame, eu nem sei o que dizer. Então colocou as mãos sobre a cabeça e começou a chorar.

Este homem, este homem "assustador", era tão delicado, tão doce, tão humilde.

Eu sorri, me segurando e disse:

– Simplesmente não diga nada.

Enquanto nos afastávamos, pude percebê-lo ajoelhado, os bra-

ços em torno de seu cão, beijando seu focinho e sorrindo.

Eu tenho tanto..., minhas preocupações agora me parecem tão tolas e insignificantes.

Eu tenho um lar, um bom marido, quatro belas e sadias crianças. Eu tenho uma cama confortável. Eu gostaria de saber onde aquele homem dormiria à noite.

Minha filha, Clara, virou-se para mim e disse com a voz muito doce:

– Mãe, estou me sentindo tão bem.

Embora pareça que nós tenhamos o ajudado. O homem com suas tatuagens é que nos deu um presente, do qual jamais me esquecerei. Ele ensinou que não importa a aparência, dentro de cada um de nós existe um ser humano merecedor de bondade, de compaixão e de aceitação.

A cada noite eu oro para o homem com as tatuagens e seu cão. Eu espero que, ao longo de minha vida, Deus envie mais pessoas como ele para me lembrar do que é realmente importante.

*“Aprendemos a voar como pássaros, a nadar como peixes,
mas não aprendemos a conviver como irmãos.”*

Martin Luther King

O FURO NO BARCO

Um homem foi chamado à praia para pintar um barco. Trouxe com ele tinta e pincéis, e começou a pintar o barco de um vermelho brilhante, como fora contratado para fazer.

Enquanto pintava, percebeu que a tinta estava passando pelo fundo do barco. Percebeu que havia um vazamento e decidiu consertá-lo. Quando terminou a pintura, recebeu seu dinheiro e se foi.

No dia seguinte, o proprietário do barco procurou o pintor e presenteou-o com um belo cheque. O pintor ficou surpreso:

– O senhor já me pagou pela pintura do barco - disse ele.

– Mas, isto não é pelo trabalho de pintura. É por ter consertado o vazamento do barco.

– Foi um serviço tão pequeno que não quis cobrar. Está me pagando uma quantia muito alta por algo tão insignificante!

– Meu caro amigo, você não compreendeu. Deixe-me contar-lhe o que aconteceu.

Quando pedi a você que pintasse o barco, esqueci de mencionar o vazamento. Quando o barco secou, meus filhos o pegaram e saíram para uma pescaria. Eu não estava em casa naquele momento. Quando voltei e notei que haviam saído com o barco, fiquei desesperado, pois, lembrei-me que o barco tinha um furo. Imagine meu alívio e alegria quando os vi retornando sãos e salvos.

Então, examinei o barco e constatei que você o havia consertado! Percebe, agora, o que fez?

Salvou a vida de meus filhos! Não tenho dinheiro suficiente para pagar-lhe pela sua “pequena” boa ação.

“O melhor caminho para o aperfeiçoamento humano é o da ajuda mútua.”

Salvador Arena

O GAROTO E A FLOR

O estacionamento estava deserto quando me sentei para ler embaixo dos longos ramos de um velho carvalho. Desiludido da vida, com boas razões para chorar, pois o mundo estava tentando me afundar, e se não fosse razão suficiente para arruinar o dia, um garoto ofegante se chegou, cansado de brincar.

Ele parou na minha frente, cabeça pendente, disse cheio de alegria:

– Veja o que encontrei!

Na sua mão uma flor e que visão lamentável, pétalas caídas, amassadas.

Querendo me ver livre do garoto com sua flor, fingi pálido sorriso e me virei.

Mas, ao invés de recuar, ele se sentou ao meu lado, levou a flor ao nariz e declarou com estranha surpresa:

– O cheiro é ótimo e é bonita também, por isso a peguei, é para você.

A flor à minha frente estava morta ou morrendo, nada de cores vibrantes como laranja, amarelo ou vermelho, mas, eu sabia que tinha que pegá-la ou ele jamais sairia de lá.

Então me estendi para pegá-la e respondi:

– O que eu precisava.

Mas, ao invés de colocá-la na minha mão, ele a segurou no ar sem qualquer razão. Nessa hora notei, pela primeira vez, que o garoto era cego, que não podia ver o que tinha nas mãos.

Ouvi minha voz sumir aos poucos, lágrimas despontaram ao sol enquanto eu lhe agradecia profundamente por escolher a melhor flor daquele jardim.

– Por nada, ele sorriu.

E então voltou a brincar sem perceber o impacto que teve em meu dia. Me sentei, pus-me a pensar como ele conseguiu enxergar um homem auto-piedoso sob um velho carvalho.

Como ele sabia do meu sofrimento auto-indulgente? Talvez no seu coração ele tenha sido abençoado com a verdadeira visão. Através dos olhos de uma criança cega, finalmente entendi que o problema não era o mundo, e sim eu.

Por todos os momentos em que eu mesmo fui cego, agradei por ver a beleza da vida e apreciei cada segundo que é só meu. Então levei aquela feia flor ao meu nariz e senti a fragrância de uma bela rosa e sorri enquanto via aquele garoto, com outra flor em suas mãos, prestes a mudar a vida de um reflexivo senhor de idade.

*“Se meus olhos não me deixaram aprender,
tive de encontrar uma outra forma.”*

Louis Braille

O HOMEM TRISTE

Você passou por mim com simpatia, mas, quando viu meus olhos parados, indagou em silêncio o porque vagueio pelas ruas.

Talvez, por isso apressou o passo e ainda que eu quisesse chamar, a palavra desfaleceu na boca.

É possível que você suponha que eu desisti do trabalho, no entanto, ainda hoje bati de porta em porta em vão.

Muitos disseram que ultrapassei a idade para ganhar o pão, como se a madureza do corpo fosse condenação à inutilidade.

Outros, desconhecendo que vendi minha melhor roupa para aliviar a esposa enferma, me despediram apressados, crendo que fosse eu um vagabundo sem profissão.

Não sei se você notou quando o guarda me arrancou da frente da vitrine, a gritar palavras duras, como se eu fosse um malfeitor vulgar. Contudo, acredite, nem me passou pela mente a idéia de furto. Apenas admirava os bolos expostos, recordando os filhinhos a me abraçar com fome, quando retorno a casa.

Talvez, tenha observado as pessoas que me endereçavam graças, imaginando que eu fosse um bêbado, porque eu tremia, apoiado ao poste. Afastaram-se todos, com manifesto desprezo, mas, não tive coragem de explicar que não tomo qualquer alimentação há três dias.

A você, todavia, que me olhou sem medo, ousou rogar apoio e cooperação. Agradeço a dádiva que me ofereça em nome do Cristo que dizemos amar, e peço para que me restitua a esperança, a fim de que eu possa honrar com alegria o dom de viver.

Para isso, basta que se aproxime de mim sem asco, para que eu saiba, apesar de todo meu infortúnio, que ainda sou seu irmão.

“Se conheces algum episódio desagradável, acerca da viagem de alguém, cala-te e ora pela paz desse alguém, porque não conheces a estrada que trilharás amanhã, em cujos obstáculos poderás perder o próprio equilíbrio.”

O LENHADOR E A RAPOSA

Em uma aldeia distante, vivia um lenhador que acordava muito cedo e trabalhava o dia inteiro cortando lenha.

Esse lenhador era viúvo e tinha um filho lindo, de poucos meses e também uma raposa, sua amiga, tratada como bicho de estimação e de sua total confiança.

Todos os dias, o lenhador ia trabalhar e deixava a raposa cuidando de seu filho e todas as noites ao retornar do trabalho, a raposa ficava feliz com sua chegada.

Os vizinhos do lenhador alertavam que a raposa era um bicho, um animal selvagem, portanto, não era confiável. Quando ela sentisse fome comeria a criança.

O lenhador sempre retrucando com os vizinhos, falava que isso era uma grande bobagem. A raposa era sua amiga e jamais faria isso.

Os vizinhos insistiam:

– Lenhador abra os olhos! A raposa vai comer seu filho. Quando sentir fome, comerá seu filho!

Certo dia, ao chegar em casa, muito exausto do trabalho e cansado desses comentários, viu a raposa sorrindo como sempre e sua boca totalmente ensangüentada.

O lenhador souou frio e sem pensar duas vezes acertou o machado na cabeça da raposa.

Ao entrar no quarto desesperado, encontrou seu filho no berço dormindo tranqüilamente. Ao lado do berço, uma cobra morta.

O lenhador enterrou o machado e a raposa juntos.

Se você confia em alguém, não importa o que os outros pensem a respeito, siga sempre o seu caminho e seu coração, não se deixe influenciar, e principalmente, nunca tome decisões precipitadas.

“Eu prefiro ser traído a desconfiar de todo mundo.”

Roberto Marinho

O MONGE E A PROSTITUTA

Vivia um monge nas proximidades do templo de Shiva. Na casa em frente, morava uma prostituta. Observando a quantidade de homens que a visitavam, o monge resolveu chamá-la.

– Você é uma grande pecadora – repreendeu-a. Desrespeita a Deus todos os dias e todas as noites. Será que você não consegue parar e refletir sobre a sua vida depois da morte?

A pobre mulher ficou muito abalada com as palavras do monge; com sincero arrependimento orou a Deus, pedindo perdão. Pediu também que o Todo-Poderoso a fizesse encontrar uma nova maneira de ganhar seu sustento.

Mas, não encontrou nenhum trabalho diferente daquele. E, depois de uma semana passando fome, voltou a prostituir-se.

Porém, cada vez que entregava o seu corpo a um estranho, rezava ao Senhor e pedia perdão.

O monge, irritado porque seu conselho não produzira nenhum efeito, pensou consigo mesmo: “a partir de agora vou contar quantos homens entram naquela casa, até o dia da morte desta pecadora”.

E desde esse dia, ele não fazia outra coisa a não ser vigiar a rotina da prostituta: a cada homem que entrava, colocava uma pedra num monte.

Passado algum tempo, o monge tornou a chamar a prostituta e lhe disse:

– Vê este monte? Cada uma dessas pedras representa um dos pecados mortais que você cometeu, mesmo depois de minhas advertências. Agora torno a dizer: cuidado com as más ações!

A mulher começou a tremer, percebendo como se avolumavam seus pecados. Voltando para casa, derramou lágrimas de sincero arrependimento, orando:

– Ó Senhor, quando Vossa misericórdia irá me livrar desta miserável vida que levo?

Sua prece foi ouvida. Naquele mesmo dia, o anjo da morte passou por sua casa e a levou. Por vontade de Deus, o anjo atravessou a rua e também carregou o monge consigo.

A alma da prostituta subiu imediatamente aos céus, enquanto os demônios levaram o monge ao inferno. Ao se cruzarem no meio

do caminho, o monge viu o que estava acontecendo e clamou:

– Oh, Senhor, essa é a Tua justiça? Eu que passei a minha vida em devoção e pobreza, agora sou levado ao inferno, enquanto essa prostituta, que viveu em constante pecado, está subindo ao céu!

Ouvindo isso, um dos anjos respondeu:

– São sempre justos os desígnios de Deus. Você achava que o amor de Deus se resumia a julgar o comportamento do próximo. Enquanto você enchia seu coração com a impureza do pecado alheio, esta mulher orava fervorosamente dia e noite. A alma dela ficou tão leve depois de chorar, que podemos levá-la até o paraíso. A sua alma ficou tão carregada de pedras, que não conseguimos fazê-la subir até o alto.

*“O homem aprendeu a escrever os defeitos
no bronze e as virtudes na água.”*

Ludwig van Beethoven

O NÁUFRAGO

Após um naufrágio, o único sobrevivente agradeceu a Deus por estar vivo e ter conseguido se agarrar a parte dos destroços para poder ficar boiando.

Este único sobrevivente foi parar em uma pequena ilha desabitada, fora de qualquer rota de navegação e ele agradeceu novamente.

Com muita dificuldade e restos dos destroços, ele conseguiu montar um pequeno abrigo para que pudesse se proteger do sol, da chuva, de animais e também para guardar seus poucos pertences, e como sempre, agradeceu.

Nos dias seguintes, a cada alimento que conseguia caçar ou colher, ele agradecia.

No entanto, um dia quando voltava da busca por alimentos, ele encontrou o seu abrigo em chamas, envolto em altas nuvens de fumaça, terrivelmente desesperado, ele se revoltou e gritava chorando:

– O pior aconteceu! Perdi tudo! Deus, por que fizeste isso comigo?

Chorou tanto, que adormeceu, profundamente cansado.

No dia seguinte bem cedo, foi despertado pelo som de um navio que se aproximava.

– Viemos resgatá-lo, disseram.

– Como souberam que eu estava aqui?, perguntou ele.

– Nós vimos o seu sinal de fumaça!

É comum sentirmo-nos desencorajados e até mesmo desesperados, quando as coisas vão mal, mas, Deus age em nosso benefício, mesmo nos momentos de dor e sofrimento.

“É muito difícil discutir o princípio do Universo sem mencionar o conceito de Deus.”

Stephen Hawking

O PACOTE DE BISCOITO

Era uma vez, uma moça que estava à espera de seu vôo, na sala de embarque de um grande aeroporto. Como ela deveria esperar por muitas horas pelo seu vôo, resolveu comprar um livro para matar o tempo. Comprou, também, um pacote de biscoitos.

Sentou-se numa poltrona, na sala VIP do aeroporto, para que pudesse descansar e ler em paz.

Ao seu lado sentou-se um homem.

Quando ela pegou o primeiro biscoito, o homem também pegou um. Ela se sentiu indignada, mas, não disse nada, apenas pensou: “Mas que cara de pau! Se eu estivesse mais disposta, lhe daria um soco no olho para que ele nunca mais esquecesse!”

A cada biscoito que ela pegava, o homem também pegava um. Aquilo a deixava tão indignada que não conseguia nem reagir.

Quando restava apenas um biscoito, ela pensou: “o que será que este abusado vai fazer agora?”

Então, o homem dividiu o último biscoito ao meio, deixando a outra metade para ela.

Ah! Aquilo era demais! Ela estava bufando de raiva!

Então, ela pegou o seu livro e as suas coisas e se dirigiu ao local de embarque.

Quando ela se sentou, confortavelmente, numa poltrona já no interior do avião, olhou dentro da bolsa, e, para sua surpresa, o pacote de biscoitos estava lá, ainda intacto, fechadinho.

Ela sentiu tanta vergonha! Percebeu que a errada era ela, sempre tão distraída! Ela havia se esquecido que seus biscoitos estavam guardados, dentro da sua bolsa.

O homem havia dividido os biscoitos dele sem se sentir indignado, nervoso ou revoltado, enquanto ela tinha ficado muito transtornada, pensando estar dividindo os dela com ele.

E já não havia tempo para se explicar, nem pedir desculpas...

“Miséria é a falta de amor entre os homens.”

O PLANTADOR DE ÁRVORES

Um rei seguia pela estrada com sua comitiva, quando viu um homem velho plantando uma arvorezinha.

Achou aquela atitude muito estranha, já que a árvore demoraria em crescer e, quando pudesse dar frutos, o velho, na certa, não estaria mais lá para aproveitar.

E então, o rei perguntou ao velho plantador de árvores por que insistia numa tarefa tão inútil. Ao que o homem respondeu:

– Fico feliz em plantar, mesmo não sendo eu quem vai colher. Não estamos aproveitando hoje as árvores que foram plantadas há muitos anos? Plantar é o que importa. Não o colher.

O rei considerou sábia a atitude do homem e, comovido, entregou um saco com muitas moedas de ouro como prêmio à sabedoria do plantador de árvores.

E ele agradeceu assim:

– Viu como são as coisas? Eu mal acabei de plantar e já estou colhendo frutos valiosos.

*“O plantio é opcional, mas a colheita é obrigatória.
Por isso, tenha cuidado com o que planta.”*

Pensamento Chinês

O PODER DA GENTILEZA

Samuel era um rabino que, na década de 1930, vivia numa aldeia polonesa. Gostava de dar longas caminhadas pelo campo. Era conhecido pela sua gentileza, pela forma com que a todos se dirigia.

As relações entre cristãos e judeus não eram muito boas, naquela aldeia. Mesmo assim, toda vez que o rabino passava pelo Sr. Müeller, um camponês de origem alemã, o cumprimentava com um sonoro bom dia.

Naturalmente, que não havia resposta. O lavrador lhe voltava as costas, em silêncio.

O rabino, contudo, não desistia. Todos os dias, nas manhãs de sol, passava e cumprimentava o Sr. Müeller.

Finalmente, depois de muito tempo, o lavrador decidiu corresponder ao cumprimento. Primeiro com um leve toque no chapéu. Depois, acrescentou um sorriso. Mais tarde, gritava de volta: bom dia, rabino.

Os anos se passaram. Chegaram os nazistas e o rabino e toda sua família foram feitos prisioneiros e levados a um campo de concentração. O rabino foi sendo transferido de um campo para outro até chegar em Auschwitz.

Desembarcando do trem, ele entrou em uma enorme fila para seleção. Enquanto caminhava ao ritmo da fila, percebeu que lá na frente estava o comandante do campo. Era ele que indicava com um bastão para onde o prisioneiro deveria ir: para a esquerda ou para a direita.

A esquerda queria dizer morte imediata. A direita garantia algum tempo de sobrevivência.

O coração começou a palpitar. A fila avançava e ele pensava: esquerda ou direita? Morrerei ou viverei?

Que tipo de homem, pensou, seria aquele comandante que assim decidia sobre a vida e a morte de outros tantos homens?

Quando estava apenas a uma pessoa de distância do oficial, afastou o medo e olhou com curiosidade para o rosto do comandante. Naquele momento, o homem se voltou e os olhos de ambos se encontraram.

O rabino se aproximou. Era a sua vez. Olhou fixamente para

os olhos que o fitavam e disse baixinho:

– Bom dia, Sr. Müller.

Os olhos do comandante tremeram por um segundo. A seguir, respondeu:

– Bom dia, rabino.

Estendeu o bastão para a frente. Apontou a direita e gritou: passe.

E o rabino passou para a direita, para a vida.

“A guerra traz à tona o pior em cada um de nós.”

Oskar Schindler

O PRESENTE MAIS ESPECIAL

Era uma cidade perdida entre a exuberância da mata e o escarpado da serra.

Uma cidade do interior como muitas outras. Na única escola havia uma só classe de alunos e uma única professora. As crianças, de variadas idades, eram amadas por ela e com carinho acolhidas todos os dias para as horas de ensino. Para aquela mestra, cada menino e menina era uma criatura especial.

Quando chegou o dia do professor, os alunos desejavam lhe dizer que também a amavam muito e lhe levaram presentes.

Agitadas, cada uma delas desejava entregar antes a sua dádiva.

Os filhos do dono da chácara próxima trouxeram uma cesta de frutos. Cada um mais bonito e cheiroso que o outro.

Os filhos do dono da granja trouxeram uma boa quantidade de ovos.

A filha da cozinheira do restaurante trouxe um bonito bolo de cenoura, com cobertura de chocolate.

Os três irmãos que viviam na fazenda lhe trouxeram um pequeno animal, um cabritinho.

A cada um, emocionada, ela abraçava e agradecia.

Por fim, o menino-índio, o único índio na escola, lhe deu uma concha.

Ela ficou encantada com a beleza da concha e, recordando seus próprios tempos de infância, colocou-a no ouvido para escutar o barulho do mar.

Ficou embevecida. Pela sua mente passaram as cenas dos dias em que, criança, brincava na areia, molhava os pés nas ondas que morriam na praia, fazia castelos e fortalezas.

Quando foi abraçar o menino, reparou que suas pernas e pés estavam empoeiradas, que a unha do dedão estava quebrada e que seu calção estava sujo.

A camisa estava molhada de suor. Braços e mãos estavam imundos. Em seu rostinho suado os olhos faiscavam de alegria, percebendo o encanto da professora com a concha.

Foi no confronto com esses olhos que ela se deu conta de que a praia mais próxima estava a três horas de caminhada. Considerando

a volta, isso significava seis horas de caminhada ininterrupta. E perguntou ao menino:

– Mas você foi buscar essa concha para mim tão longe?

Sorrindo ainda, ele respondeu:

– A caminhada faz parte do presente.

“Jamais nos esqueçamos, de que a gentileza e o respeito no trato pessoal, também significam caridade.”

Alex Cardoso de Melo

O REI E A CAMISA

Certa vez um rei adoeceu gravemente. À medida que o tempo passava seu estado de saúde piorava. Os médicos e os sábios tentaram de tudo, mas, nada parecia funcionar. Estavam a ponto de perder as esperanças quando a velha criada gritou:

– Eu lhes mostrarei como salvar o rei. Se vocês puderem encontrar um homem feliz, tirar-lhe a camisa e vesti-la no rei, ele se recuperará.

Então, o rei enviou seus mensageiros. Eles cavalgaram por todos os cantos do reino e não encontraram um homem feliz. Ninguém estava satisfeito; todos tinham uma queixa.

– Aquele alfaiate estúpido! - ouviram um homem rico dizer. Fez as calças muito curtas! E a propósito, a comida está péssima! Este cozinheiro não consegue fazer nada direito?

– O que há de errado com os nossos filhos? - resmungou o moleiro para a esposa. Eles nunca fazem o que mandamos! Não ensinam boas maneiras na escola? E fazem tanto barulho! Mande-os brincar lá fora.

– Meu teto esta novamente vazando - reclamou o artesão. Isto não pode acontecer! Será que o governo não pode fazer alguma coisa com relação a isso?

Os mensageiros do rei não ouviram absolutamente nada além de queixas e lamentações, aonde quer que fossem. Se um homem era rico, não tinha o bastante; se não era rico, era culpa de alguém. Se era saudável, havia uma sogra indesejável em sua vida. Se tinha uma boa sogra, a gripe o estava acometendo. Todos tinham algo do que reclamar.

Finalmente, uma noite o próprio filho do rei, ao passar por uma cabana ouviu alguém dizer:

– Obrigado meu Senhor! Concluí meu trabalho diário e ajudei ao meu semelhante. Comi meu alimento e agora que repousei em minha casa, posso deitar-me e dormir em paz. O que mais poderia eu desejar?

O príncipe exultou por ter, afinal, encontrado um homem feliz. Mandou que levassem a camisa do homem ao rei e pagassem o quanto pedisse.

Mas, quando os mensageiros do rei foram à cabana despir a camisa do homem feliz, descobriram que ele era pobre demais e sequer possuía uma camisa.

*“Recomende aos seus filhos moralidade; somente isso,
e não o dinheiro, poderá fazê-los felizes.”*

Ludwig van Beethoven

O REINO A QUE VOCÊ PERTENCE

Conta-se que certa ocasião, um imperador alemão realizou uma visita à uma das mais afastadas províncias dos seus domínios.

Passando por uma pequena escola, situada à beira da estrada, em uma zona rural, resolveu interromper a viagem e visitar os alunos.

Professores e crianças o receberam com emoção, respeito e acatamento.

No meio de tanto entusiasmo, houve quem improvisasse um discurso para saudar a ilustre personagem.

O imperador ficou surpreso e feliz com a recepção.

Percebendo que a classe era viva, inteligente e desinibida, sentiu-se muito à vontade entre os alunos.

Depois de os ouvir cantar, declamar, discursar, ele resolveu se divertir um pouco com eles. Pediu a seu secretário que lhe trouxesse uma laranja e, mostrando-a aos meninos e meninas, perguntou:

– Qual de vocês é capaz de me responder a que reino pertence esta fruta que tenho na mão?

– Ao reino vegetal. Respondeu de imediato uma garota risonha, de olhos brilhantes e muito comunicativa.

– Surpreendente! Disse o imperador. E continuou:

– Já que você respondeu com tanta precisão, vou lhe fazer duas outras perguntas. Espero que você responda correta e imediatamente. Se me responder sem hesitar, eu lhe dou uma medalha como prêmio. Aceita o desafio?

– Aceito, sim senhor. Falou prontamente a garota.

Então, colocando a mão no bolso de sua farda, tirou uma moeda e a mostrou à menina, indagando:

– E esta moeda, a que reino pertence?

– Ao reino mineral. Disse ela.

– E eu, a que reino pertenço? Questionou o imperador.

Houve um rápido momento de silêncio. Os colegas se entreolharam. A garota apagou o sorriso alegre. Ficou séria e constrangida. Ficou preocupada em ofender o imperador, dizendo que ele pertencia ao reino animal.

Mas, afinal, a resposta seria a correta. Contudo, pensava que

poderia perder a medalha e até ser repreendida.

Então, de repente, uma resposta lhe veio à mente. Seus olhos voltaram a brilhar, um sorriso iluminou a sua face e ela respondeu, alto e claro:

– O senhor pertence ao reino de Deus!

A resposta da menina causou admiração entre os colegas, professora e toda a comitiva que acompanhava o imperador.

Foi, no entanto, o próprio imperador que mais se sentiu tocado pela afirmativa da garota.

Com voz embargada, entregou a medalha prometida e, emocionado, falou:

– Espero que eu seja digno desse reino, minha filha!

“Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível e, de repente, você estará fazendo o impossível.”

São Francisco de Assis

O SORISSO DE DEUS

Havia um pequeno menino que tinha o desejo de se encontrar com Deus. Ele sabia que o caminho era longo. Certo dia, encheu sua mochila com bolo e refrigerante e saiu para brincar no parque.

Quando andou algumas quadras, encontrou um velhinho sentado em um banco da praça. Ele sentou-se junto a ele, abriu sua mochila e ia tomar um gole de refrigerante, quando olhou o velhinho e viu que ele estava com fome, então, lhe ofereceu um pedaço de bolo.

O velhinho, muito agradecido, aceitou e sorriu ao menino. Seu sorriso era tão incrível que o menino quis ver de novo; então, ele ofereceu-lhe seu refrigerante.

Mais uma vez, o velhinho sorriu ao menino. O menino estava tão feliz! Ficaram sentados ali sorrindo, comendo bolo e bebendo guaraná pelo resto da tarde sem falarem um ao outro.

Quando começou a escurecer o menino resolveu voltar para casa, mas, antes de sair deu um grande abraço no velhinho.

Aí, o velhinho deu-lhe o maior sorriso que já havia recebido.

Quando o menino entrou em casa, sua mãe surpresa perguntou ao ver a felicidade estampada em sua face:

– O que você fez hoje que te deixou tão feliz assim?

Ele respondeu:

– Passei a tarde com Deus. Você sabia, que Ele tem o mais lindo sorriso que eu jamais vi?

Enquanto isso, o velhinho chegou em casa com o mais radiante sorriso na face e seu filho perguntou:

– Por onde você esteve que está tão feliz?

E o velhinho respondeu:

– Comi bolo e tomei guaraná no parque, com Deus. Você sabe que Ele é bem mais jovem do que eu pensava?

A face de Deus está em todas as pessoas e coisas que são vistas com os olhos do amor e do coração!

“Os doentes e mais humildes são a imagem de Deus.”

O ÚLTIMO DOS MORTAIS

Um homem triste morava na parte superior de uma velha casa em ruínas. Pardieiro sem dono. Paredões sem ninguém. Supunha-se o último dos mortais.

Contudo, era firme na fé e orava, quase com orgulho, todas as noites: “Deus de bondade, Deus dos aflitos, da terra sois o maior. Deus de bondade, graças Te dou por ainda me alimentar com algumas batatas por dia”. Creio mesmo ser o último dos mortais.

Mais dois anos se passaram, quando, ao sentir-se mais aflito e mais infeliz, resolveu partir ao rumo de outras terras. Quem sabe seria um pouco menos infeliz.

Ele, que sempre saía na direção do quintal à procura das raízes que o sustentavam, desta vez saiu do lado oposto, no propósito de partir. Nunca havia saído por lá.

Ao descer o último aclave, ouviu um barulho.

Alguém gemia, e ele voltou para ver.

Só então, pôde verificar que um aleijado, em chagas, morava embaixo, sobre um leito de palha vivendo somente das cascas de batatas que ele atirava fora.

Naquele momento entendeu que geralmente o ser humano sempre se considera o mais infeliz, sem sequer, pelo menos, olhar para seu lado.

*“Não existe um caminho para a felicidade.
A felicidade é o caminho.”*

Mahatma Gandhi

O VENDEDOR DE BALÕES

Era uma vez, um velho homem que vendia balões numa quermesse. Evidentemente, o homem era um bom vendedor, pois, deixou um balão vermelho soltar-se e elevar-se nos ares, atraindo, desse modo, uma multidão de jovens compradores de balões.

Havia ali perto um menino negro. Estava observando o vendedor e, é claro, apreciando os balões.

Depois de ter soltado o balão vermelho, o homem soltou um azul, depois um amarelo e finalmente um branco.

Todos foram subindo até sumirem de vista.

O menino, de olhar atento, seguia a cada um. Ficava imaginando mil coisas, mas, uma coisa o aborrecia, o homem não soltava o balão preto.

Então, aproximou-se do vendedor e lhe perguntou:

– Moço, se o senhor soltasse o balão preto, ele subiria como os outros?

O vendedor de balões sorriu compreensivelmente para o menino, arrebentou a linha que prendia o balão preto e enquanto ele se elevava nos ares disse:

– Não é a cor filho, é o que está dentro dele que o faz subir.

*“Não lamentamos tanto os crimes dos perversos,
quanto o estarrecedor silêncio dos bondosos.”*

Martin Luther King

O VEREDICTO

Conta uma antiga lenda que, em uma grande cidade na Idade Média, um homem muito religioso foi injustamente acusado de ter assassinado uma mulher.

Na verdade, o autor era uma pessoa influente do reino e, por isso, desde o primeiro momento procurou-se um “bode expiatório” para acobertar o verdadeiro assassino.

O homem foi levado a julgamento e a decisão, que já havia sido tomada antes mesmo de julgá-lo, foi a condenação à forca. Ele sabia que tudo seria feito para condená-lo e que teria poucas chances de sair vivo desta história.

O juiz, que também estava combinado para levar o pobre homem à morte, simulou um julgamento justo, fazendo uma proposta ao acusado que provasse sua inocência.

Disse o juiz:

– Sou de uma profunda religiosidade e por isso vou deixar sua sorte nas mãos do Senhor; vou escrever em um pedaço de papel a palavra inocente e noutro pedaço a palavra culpado. Você sorteará um dos papéis e aquele que sair será o veredicto. O Senhor decidira seu destino, determinou o juiz.

Sem que o acusado percebesse, o juiz separou os dois papéis, mas, em ambos escreveu a palavra “culpado”, de maneira que, naquele instante, não existia nenhuma chance do acusado se livrar da forca.

Não havia saída. Não haviam alternativas para aquele pobre homem.

O juiz colocou os dois papéis em uma mesa e mandou o acusado escolher um. O homem pensou alguns segundos e pressentindo a vibração, aproximou-se confiante da mesa, pegou um dos papéis e rapidamente colocou-o na boca e o engoliu.

Os presentes ao julgamento reagiram surpresos e indignados com a atitude do homem.

– Mas o que você fez? E agora? Como vamos saber qual o seu veredicto?

– É muito fácil, respondeu o homem. Basta olhar o outro pedaço que sobrou e saberemos que acabei engolindo o seu contrário.

Imediatamente o homem foi libertado.

Por mais difícil que seja uma situação, não deixe de acreditar e de lutar até o último momento.

Seja criativo! Quando tudo parecer perdido, ouse!

*“Não peçamos tarefas iguais às nossas forças,
mas, forças iguais às nossas tarefas.”*

Helen Keller

O ZELADOR DA FONTE

Conta uma lenda austríaca que em determinado povoado havia um pacato habitante da floresta que foi contratado pelo conselho municipal para cuidar das piscinas que guarneciam a fonte de água da comunidade.

O cavaleiro com silenciosa regularidade, inspecionava as colinas, retirava folhas e galhos secos, limpava o limo que poderia contaminar o fluxo da corrente de água fresca.

Ninguém lhe observava as longas horas de caminhada ao redor das colinas, nem o esforço para a retirada de entulhos.

Aos poucos, o povoado começou a atrair turistas. Cisnes graciosos passaram a nadar pela água cristalina.

Rodas d'água de várias empresas da região começaram a girar dia e noite.

As plantações eram naturalmente irrigadas, a paisagem vista dos restaurantes era de uma beleza extraordinária.

Os anos foram passando. Certo dia, o conselho da cidade se reuniu, como fazia semestralmente.

Um dos membros do conselho resolveu inspecionar o orçamento e colocou os olhos no salário pago ao zelador da fonte.

De imediato, alertou aos demais e fez um longo discurso a respeito de como aquele velho estava sendo pago há anos, pela cidade.

E para quê? O que é que ele fazia, afinal? Era um estranho guarda da reserva florestal, sem utilidade alguma.

Seu discurso a todos convenceu. O conselho municipal dispensou o trabalho do zelador.

Nas semanas seguintes, nada de novo. Mas no outono, as árvores começaram a perder as folhas.

Pequenos galhos caíam nas piscinas formadas pelas nascentes. Certa tarde, alguém notou uma coloração meio amarelada na fonte. Dois dias depois, a água estava escura. Mais uma semana e uma película de lodo cobria toda a superfície ao longo das margens.

O mau cheiro começou a ser exalado. Os cisnes emigraram para outras bandas. As rodas d'água começaram a girar lentamente, depois pararam. Os turistas abandonaram o local. A enfermidade chegou ao povoado.

O conselho municipal tornou a se reunir, em sessão extraordinária e reconheceu o erro grosseiro cometido. Imediatamente, tratou de novamente contratar o zelador da fonte.

Algumas semanas depois, as águas do autêntico rio da vida começaram a clarear. As rodas d'água voltaram a funcionar. Voltaram os cisnes e a vida foi retomando seu curso.

*“O único lugar aonde sucesso vem antes
do trabalho é no dicionário.”*

Albert Einstein

PARE, POR FAVOR!

Um jovem e bem sucedido executivo dirigia por sua vizinhança, correndo um pouco demais em seu novo carro.

Observando crianças se lançando entre os carros estacionados, diminuiu um pouco a velocidade, quando achou ter visto algo.

Enquanto passava, nenhuma criança apareceu.

De repente, um tijolo espatifou-se na porta lateral do carro!

Ele freou bruscamente e deu ré até o lugar de onde teria vindo o tijolo. Saltou do carro e pegou bruscamente uma criança, empurrando-a contra um veículo estacionado e gritou:

– Por que isso? Quem é você? Que besteira você pensa que está fazendo? Este é um carro novo e muito caro, aquele tijolo que você jogou vai me custar muito dinheiro. Você tem alguma noção do que acaba de fazer?

– Por favor, senhor, me desculpe, eu não sabia mais o que fazer! Ninguém estava disposto a parar e me atender.

Neste momento, lágrimas corriam do rosto do garoto, enquanto apontava na direção dos carros estacionados.

– Meu irmão é paraplégico e na descida ele caiu de sua cadeira de rodas, e eu não consigo levantá-lo sozinho.

Soluçando, o menino perguntou ao executivo:

– O senhor poderia me ajudar a recolocá-lo em sua cadeira de rodas? Ele está um pouco machucado e assustado e é muito pesado para mim.

Movido internamente, muito além das palavras, o jovem motorista, engolindo sua surpresa, dirigiu-se ao juvenzinho, colocando-o em sua cadeira de rodas.

Tirou seu lenço, limpou as feridas e arranhões, verificando se tudo estava bem.

– Obrigado, e que Deus possa abençoá-lo, disse a criança a ele.

O homem então viu o menino se distanciar, empurrando o irmão em direção a casa.

Foi um longo caminho de volta para o carro, um longo e lento caminho de volta. Ele nunca consertou a porta amassada. Deixou assim, para lembrá-lo de não ir tão rápido pela vida, que alguém ti-

vesse que atirar um tijolo para obter a sua atenção.

Deus sussurra em nossas mentes e fala aos nossos corações.

Algumas vezes, quando nós não temos tempo de ouvir, ele tem de jogar um tijolo em nós. E a escolha é nossa: ouvir o sussurro ou esperar pelo “tijolo”.

“A maior de todas as doenças é o sentimento que a pessoa tem de ser indesejada, de estar abandonada e relegada ao esquecimento por todos. O maior de todos os males é a falta de amor e a terrível indiferença para com o nosso semelhante.”

Madre Teresa

PEDAÇO DE CARVÃO

O pequeno Gianlucca entra em casa, após a aula, batendo forte os seus pés no assoalho da casa. Seu pai, que caminhava para o quintal para fazer alguns serviços na horta, ao ver aquilo chama o menino para uma conversa. Gianlucca, de oito anos de idade, o acompanha desconfiado. Antes que seu pai dissesse alguma coisa, fala irritado:

– Pai, estou com muita raiva. O Fabinho não deveria ter feito aquilo comigo. Desejo tudo de ruim para ele.

Seu pai, um homem simples, mas cheio de sabedoria, escuta calmamente o filho que continua a reclamar:

– O Fabinho me humilhou na frente dos meus amigos. Não aceito. Gostaria que ele ficasse doente sem poder ir à escola.

O pai escuta tudo calado enquanto caminha até um abrigo onde guardava um saco cheio de carvão. Levou o saco até o fundo do quintal e o menino o acompanhou, calado. Gianlucca vê o saco ser aberto e antes mesmo que ele pudesse fazer uma pergunta, o pai lhe propõe algo:

– Filho, faz de conta que aquela camisa branquinha que está secando no varal é o seu amiguinho Fabinho e cada pedaço de carvão é um mau pensamento seu, endereçado a ele. Quero que você jogue todo o carvão do saco na camisa, até o último pedaço. Depois eu volto para ver como ficou.

O menino achou que seria uma brincadeira divertida e iniciou a tarefa. O varal com a camisa estava longe do menino e poucos pedaços acertavam o alvo.

Uma hora se passou e o menino acabou com os carvões. O pai que espiava tudo de longe se aproxima do menino e lhe pergunta:

– Filho como está se sentindo agora?

– Estou cansado, mas estou alegre, porque acertei muitos pedaços de carvão na camisa.

O pai olha para o menino, que fica sem entender a razão daquela brincadeira, e carinhoso lhe fala:

– Venha comigo até o meu quarto filho, quero lhe mostrar uma coisa.

O filho acompanha o pai até o quarto e é colocado na frente de um grande espelho onde pode ver seu corpo todo.

Que susto! Gianlucca só conseguia enxergar seus dentes e os olhinhos.

O pai, então lhe diz ternamente:

– Filho, você viu que a camisa quase não se sujou; mas, olhe só para você. O mau que desejamos aos outros é como o que lhe aconteceu. Por mais que possamos atrapalhar a vida de alguém com nossos pensamentos, a borra, os resíduos, a fuligem, ficam sempre em nós mesmos.

Cuidado com seus pensamentos, eles se transformam em palavras;

Cuidado com suas palavras, elas se transformam em ações;

Cuidado com suas ações, elas se transformam em hábitos;

Cuidado com seus hábitos, eles moldam o seu caráter;

Cuidado com seu caráter, ele controla o seu destino.

“Só vencemos o adversário com amor, nunca com ódio.”

Mahatma Gandhi

PERSISTÊNCIA E FÉ

Esta é a história de um garoto que vivia apenas com seu pai. Ambos tinham uma relação de amizade e respeito muito especial.

O menino pertencia à equipe de futebol de sua escola. Normalmente, não tinha oportunidade de jogar, ou melhor, quase nunca. Mesmo assim, seu pai estava presente em todas as partidas, lhe fazendo companhia.

Quando entrou no segundo grau, o jovem insistiu em participar da equipe de futebol do colégio. E seu pai, sempre o orientava e explicava que ele não tinha que jogar se não quisesse realmente.

Mas, o garoto amava futebol e não faltava em nenhum treino ou jogo, estava decidido a dar o melhor de si e se sentia comprometido. Os colegas o chamavam de “esquenta banco”, porque vivia sentando como reserva.

No entanto, seu pai, com espírito lutador, sempre estava presente fazendo-lhe companhia, dizendo-lhe palavras de consolo e dando-lhe todo apoio que um filho podia esperar.

Quando ingressou na universidade, tentou entrar na equipe de futebol e todos estavam certos de que não conseguiria, mas, ele venceu a todos entrando na equipe.

O treinador disse-lhe que o tinha aceitado porque ele demonstrava jogar de corpo e alma em cada um dos treinos e ao mesmo tempo transmitia à equipe grande entusiasmo.

A notícia encheu seu coração por completo, correu ao telefone mais perto e ligou para seu pai, que compartilhou com ele a emoção.

Sempre enviava ao pai os ingressos para assistir aos jogos da universidade. O jovem atleta era muito persistente, nunca faltou a nenhum treino ou jogo durante os quatro anos de universidade e também nunca teve a chance de participar de nenhum jogo.

Era a final da temporada e minutos antes de começar o primeiro jogo das eliminatórias, o treinador lhe entregou um telegrama.

O jovem leu e ficou em silêncio por alguns instantes. Respirou fundo e, tremendo, disse ao treinador:

– Meu pai morreu esta manhã. Existe algum problema se eu faltar ao jogo hoje?

O treinador o abraçou e disse:

– Tire o resto da semana de folga, filho, e nem pense em vir no sábado.

Chegou o sábado e o jogo não estava bom. Quando a equipe estava com três gols de desvantagem o jovem entrou no vestiário, colocou o uniforme em silêncio, correu até o treinador e lhe fez um pedido, quase uma súplica:

– Por favor, deixe eu jogar. Eu tenho que jogar hoje, falou com insistência.

O treinador não queria escutá-lo. Afinal, não podia deixar que seu pior jogador entrasse no final das eliminatórias.

Mas, o jovem insistiu tanto que, finalmente, o treinador, sentindo pena, deixou:

– Ok filho, pode entrar, o campo é todo teu.

Minutos depois, o treinador, a equipe e o público, não podiam acreditar no que estavam vendo.

O pequeno desconhecido, que nunca tinha participado de nenhum jogo, estava sendo brilhante, ninguém podia detê-lo em campo, corria facilmente e realizava jogadas como uma estrela.

Sua equipe começou a fazer gols até empatar o jogo e nos últimos segundos o rapaz fez o gol que deu a vitória à sua equipe.

As pessoas gritavam emocionadas e ele foi carregado por todo o campo.

Finalmente, quando tudo terminou, o treinador notou que o jovem se afastara e estava sentado, em silêncio e pensativo.

Aproximou-se dele e falou:

– Garoto não posso acreditar, esteve fantástico! Conte-me, como conseguiu?

O rapaz olhou para o treinador e lhe disse:

– O senhor sabe que meu pai morreu, mas, o que o senhor não sabia é que ele era cego. Meu pai assistiu a todos os meus jogos, mas, hoje era a primeira vez que ele podia me ver jogando.

E com um sorriso molhado de lágrimas concluiu:

– Eu quis mostrar a ele que sim, que eu podia jogar bem.

“Nas horas graves, os olhos ficam cegos; é preciso, então, enxergar com o coração.”

Antoine de Saint-Exupery

PÉS GRANDES, CORAÇÃO ENORME

Existia, há algum tempo, uma sorveteria famosa, sempre lotada nos dias de calor.

Sorvete delicioso. Sabores variados. Clientela bem atendida.

Homens, mulheres, crianças, todos faziam fila e aguardavam pacientemente a sua vez. Tudo por um sorvete gostoso. Refrescante.

A menina sozinha, com o dinheiro na mão, também entrou na fila.

Esperou, sem reclamar, mesmo quando uns garotos passaram à sua frente, sem cerimônia e sem polidez.

Quando chegou ao caixa, antes que pudesse falar qualquer coisa, o funcionário lhe ordenou que saísse e lesse o cartaz na porta.

Ela baixou a cabeça, engoliu em seco e saiu. E leu o cartaz, bem grande, na porta de entrada que dizia: “proibido entrar descalço!”.

Olhou para os seus pés descalços e sentiu as lágrimas em seus olhos e o gosto do sorvete não comprado se diluindo na boca.

La se retirando, cabisbaixa, quando uma mão forte a tocou no ombro. Era um homem alto e muito grande. Para a menininha, ele parecia um gigante.

Foi com ela até o meio-fio, sentou-se e tirou os seus sapatos número 44 e os colocou em frente a ela.

Depois, a suspendeu e enfiou os pés dela nos seus sapatos.

– Eu fico aqui, esperando, disse ele. Vá buscar o seu sorvete! Não tenho pressa, completou.

Ela foi deslizando os pés, arrastando os sapatos, até o caixa.

Comprou sua ficha e saiu, vitoriosa, com seu sorvete na mão.

Quando foi devolver os sapatos para aquele homem, ela se deu conta de que se ele tinha pés enormes, muito maior ainda era o seu coração.

“Solidariedade não se agradece, comemora-se.”

Betinho

QUANDO A BONDADE SE EXPRESSA

O rapaz estava desempregado. Fora despejado e dormia no carro. Carro, aliás, que ele não tinha sequer dinheiro para colocar combustível.

Chegou o dia em que estava com fome. Sem dinheiro para comprar alguma coisa, desesperou-se. Noite fria, estômago reclamando, entrou numa lanchonete. Como não sabia quando seria sua próxima refeição, comeu até não poder mais.

Quando chegou a hora de pagar, fingiu que tinha perdido sua carteira. Fez um barulho enorme e começou a procurá-la por todo lugar. Virou a lanchonete de cabeça para baixo.

De trás do balcão o cozinheiro, que era também o dono do lugar, saiu e foi até onde estava o rapaz. Abaixou-se, fingindo que apanhava alguma coisa do chão, e entregou ao moço cem reais, dizendo-lhe:

– Acho que você deixou cair quando entrou.

O rapaz ficou mais confuso ainda, mas, pagou a conta e saiu rapidinho.

– E se o dono do dinheiro aparecer? Ele se perguntava, andando pela rua.

Até que se deu conta que, na verdade, o dono da lanchonete fingira achar o dinheiro.

Colocou gasolina no carro e rodou para outra cidade. Enquanto dirigia, agradecia a Deus o gesto daquele piedoso desconhecido. E prometeu que, se sua vida viesse a melhorar, faria aos outros, o que aquele homem fizera por ele.

O tempo passou. Ele teve fracassos, reveses. Até que, afinal, as dores da pobreza passaram.

Foi então, que decidiu que era hora de honrar a promessa e cumprir o voto feito naquela noite escura de inverno. Pelos anos seguintes, ele iniciou sua jornada de doações. Queria dar, mas, não queria que as pessoas o agradecessem.

Começou a identificar pessoas realmente necessitadas. Assim, a família de um garoto de 14 anos, que sofria de leucemia, encontrou uma boa soma de dinheiro em sua caixa de correio. Uma viúva, com sete crianças e dois netos, foi surpreendida com várias notas, coloca-

das embaixo de sua porta. Um jovem que precisava de um transplante de pulmão respirou aliviado, quando em sua conta apareceu a expressiva soma que precisava para a cirurgia. Ele pagou aluguel, prestações de carro, contas de mercado, sempre sem aviso e sem ficar por perto para elogios.

A sua alegria era a expressão no rosto das pessoas beneficiadas. Agora só faltava agradecer a quem o socorreu, quando precisou.

Procurou pelo dono da lanchonete, durante quase um ano. O local conhecido estava fechado. Conseguiu o endereço de sua residência e arranjou um encontro, dizendo-se historiador e que desejava fazer uma matéria sobre pessoas antigas daquela localidade.

Chegou carregado de presentes, além de avultada quantia em dinheiro. Ao se deparar com o seu benfeitor de outrora, disse-lhe:

– Eu sou aquele sujeito que você ajudou, 29 anos atrás. Você mudou a minha vida, naquela noite.

O ex-dono da lanchonete, agora aposentado, com 81 anos de idade, chorou, tamanha emoção, ao lado da sua esposa, agora gravemente doente, lutando contra um câncer e o mal de Alzheimer.

Por causa da situação, estava atolado em contas hospitalares. O dinheiro fora mandado por Deus.

Para o antigo beneficiado era um simples gesto de gratidão. Para aquele idoso o dinheiro era o acenar de um novo tempo, sem provações.

“Qualquer ato de amor é um trabalho pela paz.”

Madre Teresa de Calcutá

RECONHECIMENTO

Sonhei que fui ao céu e um anjo me mostrava as diversas áreas lá existentes. Andamos até que entramos numa sala de trabalho cheia de anjos. Meu anjo-guia parou em frente ao primeiro departamento e disse:

– Esta é a “Seção de Recepção”. Aqui, são recebidas as orações com petições à Deus.

Olhei em volta da área e vi que ela estava tremendamente ocupada com um montão de anjos, pondo em ordem pedidos escritos em volumosas folhas de papel e em bilhetes escritos por pessoas de todo o mundo.

Seguimos então adiante, por um longo corredor, até que chegamos à segunda seção. O anjo disse:

– Esta é a área de “Embalagem e Entrega”. Aqui, as graças e bênçãos solicitadas são processadas e entregues às pessoas que as pediram.

Notei, outra vez, como estavam todos ocupados ali. Havia muitos anjos trabalhando intensamente nessa área, já que tantas bênçãos têm sido solicitadas. Elas estavam sendo empacotadas para entrega na terra.

Finalmente, lá no fim do longo corredor, paramos na porta de uma área muito pequena. Para minha grande surpresa, só um anjo estava sentado ali, desocupado, não fazendo nada.

– Esta é a “Seção de Reconhecimento” - disse-me calmamente meu amigo - que pareceu embaraçado.

– Como é isso? Não há nenhum trabalho acontecendo por aqui, perguntei.

– É tão triste. O anjo suspirou.

– Depois que as pessoas recebem as bênçãos que pediram, poucos enviam confirmação de reconhecimento.

– E como se confirma que recebemos as bênçãos de Deus? Perguntei.

– Simples. O anjo respondeu. Basta dizer, “grato, Senhor”.

– E quais bênçãos devem ser reconhecidas? - Perguntei.

E ele respondeu-me:

1. Se tiver alimento em sua geladeira, roupas nas suas costas,

um teto sobre sua cabeça e um lugar para dormir, você é mais rico que 75% dos moradores deste mundo;

2. Se você tem dinheiro no banco, em sua carteira ou algumas moedas sobrando em casa, você está entre os 8% mais bem sucedidos do mundo;

3. E se você tem seu próprio computador, você é parte do 1% do mundo que tem essa oportunidade;

4. Mas também, se você acordou hoje de manhã com mais saúde que doença, você é mais abençoado que os muitos que nem sequer sobreviverão a este dia;

5. Se você nunca experimentou o temor da batalha, a solidão da prisão, a agonia da tortura, nem as dores de sofrimento da fome, você está à frente de 700 milhões de pessoas no mundo;

6. Se puder ir a uma igreja, mesquita ou sinagoga, sem o temor de apanhar, ser preso, torturado ou sem medo da morte, você é abençoado e invejado por mais de três bilhões de pessoas, que não pode reunir-se com outros de sua fé;

7. Se seus pais ainda estão vivos e casados, você é uma raridade;

8. Se você pode manter sua cabeça erguida e pode sorrir, você não é a norma, você é um raro exemplo à tantos que estão em dúvida e em desespero;

E, finalmente, se você conseguiu ler esta reflexão, você é mais abençoado que dois bilhões de pessoas no mundo que absolutamente não sabem ler.

“Os covardes são incapazes de agradecer verdadeiramente, reconhecer o valor ou de demonstrar amor. Isto é para os corajosos.”

Martin Luther King

RECONSTRUINDO O MUNDO

O pai estava tentando ler o jornal, mas o filho pequeno não parava de perturbá-lo. Já cansado daquilo, arrancou uma folha que mostrava o mapa do mundo, cortou-a em vários pedaços e entregou-a ao filho.

– Pronto, aí tem algo para você fazer. Eu acabo de lhe dar um mapa do mundo e quero ver se você consegue montá-lo exatamente como ele é.

Voltou a ler seu jornal, sabendo que aquilo ia manter o menino ocupado pelo resto do dia. Quinze minutos depois, porém, o garoto voltou com o mapa.

– Sua mãe andou lhe ensinando geografia? - perguntou o pai, aturdido.

– Nem sei o que é isso, pai - respondeu o menino. Acontece que do outro lado da folha tinha o retrato de um homem. E, uma vez que consegui reconstruir o homem, eu também reconstruí o mundo.

*“Devemos ensinar às nossas crianças, que
somos parte de uma enorme família.”*

Salvador Arena

RIQUEZA E POBREZA

Aquela mãe era muito especial. Com dez filhos, ela conseguiu educar sua filha até a segunda série, sem que ela se desse conta da pobreza em que vivia.

Afinal, a menina tinha tudo que precisava: nove irmãos e irmãs para brincar, livros para ler, uma boneca feita de retalhos e roupas limpas que ela habilmente remendava ou, às vezes, fazia.

À noite, ela lavava e trançava o cabelo da filha, para que ela fosse à escola no dia seguinte. Seus sapatos estavam sempre limpos e engraxados.

A menina era feliz na escola. Adorava o cheiro de lápis novos e do papel grosso que a professora distribuía para os trabalhos.

Até o dia em que, subindo os degraus da escola, encontrou duas meninas mais velhas. Uma segredou para a outra:

– Olha, essa é a menina pobre. E riram.

Julia ficou transtornada. No caminho para casa, ficou imaginando porque as meninas a consideravam pobre. Então olhou para seu vestido e, pela primeira vez, notou como era desbotado, um vinco na bainha denunciava que tinha sido aproveitado.

Olhou para os pesados sapatos de menino que estava usando e se sentiu envergonhada por serem tão feios.

Quando chegou em casa, sentia pena de si própria. Também, pela primeira vez, descobriu que o tapete da cozinha era velho, que havia manchas de dedos na pintura meio descascada das portas.

Tudo lhe pareceu feio e acanhado. Trancou-se em seu quarto até a hora do jantar perguntando-se porque sua mãe nunca lhe contara que eles eram pobres.

Decidiu sair do quarto e enfrentar sua mãe.

– Nós somos pobres? Perguntou de repente e ficou esperando que sua mãe negasse ou desse uma explicação satisfatória.

– Pobres? Repetiu a mulher, pousando a faca com que descascava batatas.

– Não, não somos pobres. Olhe para tudo que temos. Apontou para os filhos que brincavam na outra sala.

Através dos olhos de sua mãe, a menina pôde ver o fogo da lareira que enchia a casa com seu calor, as cortinas coloridas e os

tapetes de retalhos que enfeitavam a casa. Viu o prato cheio de biscoitos de aveia sobre a cômoda. Do lado de fora, o quintal que oferecia alegria e ventura para dez crianças.

– Talvez, algumas pessoas pensem que somos pobres em matéria de dinheiro, mas, temos tanto.

E com um sorriso, a mulher se virou para preparar mais uma refeição para sua família. Em sua grandeza, ela nem se dava conta que, a cada noite, ela alimentava muito mais do que estômagos vazios. Ela alimentava o coração e a alma de cada um dos seus filhos.

“Tenho a firme convicção de que nenhuma riqueza de bens materiais pode fazer progredir o homem, mesmo que ela esteja nas mãos de homens que demandam uma meta superior. Pode alguém imaginar Moisés, Jesus, Buda ou Gandhi, armados de um saco de dinheiro de milionário?”

Albert Einstein

SEM JULGAMENTOS

Havia numa aldeia um velho, muito pobre, que possuía um lindo cavalo branco.

Numa manhã ele descobriu que o cavalo não estava na cocheira. Os amigos disseram ao velho:

– Mas que desgraça, seu cavalo foi roubado!

E o velho respondeu:

– Calma, não cheguem a tanto. Simplesmente digam que o cavalo não está mais na cocheira. O resto é julgamento de vocês.

As pessoas riram do velho.

Quinze dias depois, de repente, o cavalo voltou. Ele havia fugido para a floresta. E não apenas isso; ele trouxera uma dúzia de cavalos selvagens consigo.

Novamente as pessoas se reuniram e disseram:

– Velho, você tinha razão. Não era mesmo uma desgraça, e sim uma benção.

E o velho disse:

– Vocês estão se precipitando novamente. Quem pode dizer se é uma benção ou não? Apenas digam que o cavalo está de volta.

O velho tinha um único filho que começou a treinar os cavalos selvagens. Apenas uma semana mais tarde, ele caiu de um dos cavalos e fraturou as pernas. As pessoas se reuniram e, mais uma vez, se puseram a julgar:

– E não é que você tinha razão, velho? Foi uma desgraça seu único filho perder o uso das duas pernas.

E o velho disse:

– Mas vocês estão obcecados por julgamentos, hein? Não se adiantem tanto. Digam apenas que meu filho fraturou as pernas. Ninguém sabe ainda se isso é uma desgraça ou uma benção.

Aconteceu que, depois de algumas semanas, o país entrou em guerra e todos os jovens da aldeia foram obrigados a se alistar, menos o filho do velho. E a maioria dos que foram para a guerra, morreram.

Quem é obcecado por julgar, cai sempre na armadilha de basear seu julgamento em pequenos fragmentos de informação, o que o levará a conclusões precipitadas. Nunca encerre uma questão de for-

ma definitiva, pois, quando um caminho termina, outro começa, quando uma porta se fecha, outra se abre. Às vezes enxergamos apenas a desgraça, e não vemos a benção que ela nos traz.

“Nunca é tão fácil perder-se como quando se julga conhecer o caminho.”

Provérbio Chinês

SER FELIZ É UMA DECISÃO

Uma senhora de 92 anos, chamada Isaura, delicada, bem vestida, com o cabelo bem penteado e um semblante calmo, precisou se mudar para uma casa de repouso.

Seu marido havia falecido recentemente e a mudança se fez necessária, pois, ela era deficiente visual e não havia quem pudesse ampará-la em seu lar.

Uma neta dedicada a acompanhou.

Após algum tempo aguardando pacientemente na sala de espera, a enfermeira veio avisá-las que o quarto estava pronto.

Enquanto caminhavam, lentamente, até o elevador, a neta, que já havia vistoriado os aposentos, fez-lhe uma descrição visual de seu pequeno quarto, incluindo as flores na cortina da janela.

A senhora sorriu docemente e disse com entusiasmo:

– Eu adorei!

– Mas a senhora nem viu o quarto. Observou a enfermeira.

Ela não a deixou continuar e acrescentou:

– A felicidade é algo que você decide antes da hora. Se eu vou gostar do meu quarto ou não, não depende de como os móveis estão arranjados, e sim de como eu os arranjo em minha mente. E eu já me decidi gostar dele.

E continuou:

– É uma decisão que tomo a cada manhã quando acordo. Eu tenho uma escolha, posso passar o dia na cama remoendo as dificuldades que tenho com as partes de meu corpo que não funcionam há muito tempo ou posso sair da cama e ser grata por mais esse dia. Cada dia é um presente e meus olhos se abrem para o novo dia das memórias felizes que armazenei. A velhice é como uma conta no banco, minha filha, de onde você só retira o que colocou antes.

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode recomeçar agora e fazer um novo fim.”

Chico Xavier

TELHA DE VIDRO

Nem sempre a vida segue o curso que se deseja, que se espera. Assim foi com Adriana.

Depois da morte de seus pais, ela, ainda bem moça, deixou a cidade em que nascera para morar na fazenda, com os tios que mal conhecia. Moraria na casa que havia sido construída por seu bisavô, há muito tempo.

Era uma casa muito antiga e a maior parte de seus móveis eram peças pesadas e escuras que ali estavam há mais tempo do que as pessoas saberiam dizer.

Seus tios eram pessoas simples, acostumados com a vida que sempre viveram, desconfiados com tudo que pudesse alterar a rotina que lhes dava segurança.

A chegada de Adriana representou para eles um certo transtorno. Onde ficaria instalada a menina?

Como não havia um cômodo mais apropriado, deram-lhe um quarto pequeno, que ficava no sótão.

Nem o tamanho reduzido, nem o cheiro de mofo incomodaram Adriana. O que lhe entristecia naquele quartinho abafado era apenas o fato de não ter janelas.

Não se podia ver o sol, nem o céu, nem as árvores do quintal ou as flores do jardim. A luz limitava-se a entrar timidamente pela porta.

A falta de claridade naquele quartinho parecia encher ainda mais de tristeza o coração dolorido da moça.

Até que um dia, depois de muito ter chorado em silêncio, Adriana, decidida a voltar a sorrir, pediu que lhe trouxessem da cidade uma telha de vidro.

Um pouco desconfiados, seus tios acabaram cedendo.

Daí, um milagre aconteceu.

Mesmo sem janelas o quarto de Adriana, antes tão sombrio, passou a ser a peça mais alegre da fazenda. Tão claro que, ao meio-dia, aparecia uma renda de arabesco de sol nos ladrilhos vermelhos, que só a partir de então conheceram a luz do dia.

A lua branda e fria também se mostrava, às vezes, pelo clarão da telha milagrosa. E algumas estrelas audaciosas arriscaram surgir

no espelho onde a moça se penteava.

O quartinho que era feio e sem vida, fazendo os dias de Adriana cinzentos, frios, sem luar e sem clarão, agora estava tão diferente. Passou a ser cheio de claridade, luzes e brilho.

Adriana voltou a sorrir.

Toda essa mudança só porque um dia ela, insatisfeita com a própria tristeza, decidiu colocar uma telha de vidro no telhado daquela casa antiga, trazendo para dentro da sua vida a luz e a alegria que faltavam.

“Nunca compreenderemos o quanto um sorriso pode fazer.”

Madre Teresa de Calcutá

TRABALHAR COM ALEGRIA

Havia uma fazenda onde os trabalhadores viviam tristes e isolados uns dos outros.

Eles estendiam suas roupas surradas no varal e alimentavam seus magros cães com o pouco que sobrava das refeições.

Todos que viviam ali trabalhavam na roça do senhor Mateus, dono de muitas terras, que exigia trabalho duro, pagando muito pouco por isso.

Um dia, chegou ali um novo empregado, seu nome era José Antônio. Era um jovem agricultor em busca de trabalho. Foi admitido e recebeu, como todos, uma velha casa onde iria morar enquanto trabalhasse ali.

O jovem, vendo aquela casa suja e abandonada, resolveu dar-lhe vida nova. Cuidou da limpeza e, em suas horas vagas, lixou e pintou as paredes com cores alegres e brilhantes, além de plantar flores no jardim e nos vasos. Aquela casa limpa e arrumada destacava-se das demais e chamava a atenção de todos que por ali passavam.

Ele sempre trabalhava alegre e feliz na fazenda e os outros trabalhadores sempre lhe perguntavam como ele conseguia trabalhar feliz e cantando com o pouco dinheiro que ganhava.

José Antônio olhava para os amigos e dizia que o trabalho era tudo o que ele tinha e que, ao invés de blasfemar e reclamar, preferia agradecer a Deus pelo trabalho, pois, quando o aceitou sabia das condições. Não seria justo que agora ficasse reclamando. Faria com capricho e amor aquilo que aceitou fazer.

Os outros, que acreditavam serem vítimas das circunstâncias e abandonados pelo destino, olhavam para José Antônio admirados e não acreditavam que ele pudesse pensar assim.

O entusiasmo do rapaz, em pouco tempo, chamou a atenção do fazendeiro, que passou a observá-lo à distância. Ele refletia que alguém que cuidava com tanto carinho da casa que ele havia emprestado, cuidaria com o mesmo capricho da sua fazenda.

Para o senhor Mateus, ele era o único na fazenda que pensava como ele. E como já estava velho, precisava de alguém que lhe ajudasse na administração da fazenda. Num final de tarde, foi até a casa do rapaz e, após tomar um café bem fresquinho, ofereceu ao jovem,

o cargo de administrador da fazenda.

Com muita felicidade ele aceitou prontamente e seus amigos agricultores novamente voltaram a lhe perguntar, o que fazia algumas pessoas serem bem sucedidas e outras não.

E o jovem José Antônio, agora um próspero administrador de fazenda respondeu-lhes com muita serenidade que em suas andanças, aprendeu muita coisa e o principal é que nenhum de nós é vítima do destino, pois, dentro de nós existe a capacidade de realizar e dar vida nova à tudo que nos cerca. Só que isso depende, única e exclusivamente, de cada um de nós.

“A paz em nós não resulta de circunstâncias externas e sim da nossa tranqüilidade de consciência no dever cumprido.”

Chico Xavier

TRÊS DIAS PARA VER

O que você olharia se tivesse apenas três dias de visão?

Helen Keller, cega e surda desde bebê, escreveu um ensaio que diz mais ou menos assim:

Às vezes o meu coração anseia por ver tudo aquilo que só conheço pelo tato. Se eu consigo tanto prazer com um simples toque, quanta beleza poderia ser revelada pela visão! E imaginei o que mais gostaria de ver se pudesse enxergar, digamos, por apenas três dias.

O primeiro dia seria muito ocupado. Eu reuniria todos os meus amigos queridos e olharia seus rostos por muito tempo, imprimindo em minha mente as provas exteriores da beleza que existe dentro deles.

Também fixaria os olhos no rosto de um bebê, para poder ter a visão da beleza ansiosa e inocente. E gostaria de olhar nos olhos fiéis e confiantes de meus dois cães.

À tarde daria um longo passeio pela floresta, contagiando meus olhos com as belezas da natureza. E rezaria pela glória de um pôr de sol colorido. Creio que nessa noite não conseguiria dormir.

No dia seguinte, eu me levantaria ao amanhecer para assistir ao empolgante milagre da noite se transformando em dia. Contemplaria, assombrada, o magnífico panorama de luz com que o sol desperta a terra adormecida.

Como gostaria de ver o desfile do progresso do homem, visitaria os museus.

Tentaria sondar a alma do homem por meio de sua arte. Veria então, o que conheci pelo tato. Todo o magnífico mundo da pintura me seria apresentado.

À noite de meu segundo dia seria passada no teatro ou no cinema.

No terceiro dia, a cidade seria meu destino. Iria aos bairros pobres, às fábricas, aos parques onde as crianças brincam. Viajaria pelo mundo visitando os bairros estrangeiros.

E meus olhos estariam sempre abertos, tanto para as cenas de felicidade quanto para as de tristeza, de modo que eu pudesse descobrir como as pessoas vivem e trabalham, e compreendê-las melhor.

À meia-noite, uma escuridão permanente outra vez se cerraria

sobre mim. Claro, nesses três curtos dias eu não teria visto tudo que queria ver. Só quando as trevas descessem de novo é que me daria conta do quanto eu deixara de apreciar.

*“Não há melhor maneira de agradecer a Deus pela visão,
do que dar ajuda a alguém que não a possui.”*

Helen Keller

UM CERTO HOMEM

Um homem, seu cavalo e seu cão, caminhavam por uma estrada. Depois de muito caminhar, esse homem se deu conta de que ele, seu cavalo e seu cão haviam morrido num acidente.

Às vezes, os mortos levam tempo para se dar conta de sua nova condição. A caminhada era muito longa, morro acima, o sol era forte e eles ficaram suados e com muita sede. Precisavam desesperadamente de água.

Numa curva do caminho, avistaram um portão magnífico, todo de mármore, que conduzia à uma praça calçada com blocos de ouro no centro, da qual havia uma fonte de onde jorrava água cristalina.

O caminhante dirigiu-se ao homem que numa guarita, guardava a entrada.

– Bom dia, ele disse.

– Bom dia, respondeu o homem.

– Que lugar é este, tão lindo?, ele perguntou.

– Isto aqui é o céu, foi a resposta.

– Que bom que nós chegamos ao céu, estamos com muita sede, disse o homem.

– O senhor pode entrar e beber água à vontade, disse o guarda, indicando-lhe a fonte.

– Meu cavalo e meu cachorro também estão com sede.

– Lamento muito, disse o guarda. Aqui não se permite a entrada de animais.

O homem ficou muito desapontado porque sua sede era grande. Mas, ele não beberia, deixando seus amigos com sede. Assim, prosseguiu seu caminho.

Depois de muito caminharem morro acima, com sede e cansaço multiplicados, eles chegaram a um sítio, cuja entrada era marcada por uma porteira velha semi-aberta.

A porteira se abria para um caminho de terra, com árvores dos dois lados que lhe faziam sombra. À sombra de uma das árvores, um homem estava deitado, cabeça coberta com um chapéu, parecia que estava dormindo:

– Bom dia, disse o caminhante.

– Bom dia, disse o homem.

– Estamos com muita sede, eu, meu cavalo e meu cachorro.

– Há uma fonte naquelas pedras, disse o homem e indicando o lugar. Podem beber a vontade.

O homem, o cavalo e o cachorro foram até a fonte e mataram a sede.

– Muito obrigado, ele disse ao sair.

– Voltem quando quiserem, respondeu o homem.

– A propósito, disse o caminhante, qual é o nome deste lugar?

– Céu, respondeu o homem.

– Céu? Mas, um homem em uma guarita, ao lado de um portão de mármore, alguns quilômetros abaixo, disse que lá era o céu!

– Aquilo não é o céu, aquilo é o inferno.

O caminhante ficou perplexo.

– Mas então, disse ele, essa informação falsa deve causar grandes confusões.

– De forma alguma, respondeu o homem. Na verdade, eles nos fazem um grande favor. Porque lá ficam aqueles que são capazes de abandonar até seus melhores amigos.

*“Um homem é ético quando ajuda toda forma de vida
e evita ferir toda a coisa que vive.”*

Albert Schweitzer

UM CORAÇÃO DE OURO

A escola e a flor. A flor e a escola...

Tudo ia muito bem quando o inspetor de alunos entrou na minha sala. Pedi licença e foi falar com Dona Janete, minha professora.

Ele apontou para mim e para a flor no copo. Depois saiu.

A professora olhou para mim com tristeza. Quando terminou a aula, me chamou.

– Quero falar uma coisa com você, Zezé. Espere um pouco.

Ela ficou arrumando a bolsa que não acabava mais.

– Nosso inspetor de alunos me contou uma coisa feia de você, Zezé. É verdade?

Balancei a cabeça afirmando:

– Da flor? É sim, senhora. Levanto mais cedo e passo na casa do Serginho. Quando o portão está só encostado, eu entro depressa e roubo uma flor. Mas, lá tem tanta que nem faz falta.

– Sim, mas isso não é direito. Você não deve fazer mais isso. Isso não é um roubo, mas já é um “pequeno furto”.

– Não é não, Dona Janete. O mundo não é de Deus? Tudo que tem no mundo não é de Deus? Então as flores são de Deus também.

Ela ficou espantada com a minha lógica.

– Só assim que eu podia, professora. Lá em casa não tem jardim. Flor custa dinheiro e eu não queria que a mesa da senhora ficasse sempre de copo vazio.

Ela engoliu em seco.

– De vez em quando a senhora não me dá dinheiro pra comprar um sonho recheado?

– Poderia lhe dar todos os dias, mas você some.

– Eu não poderia aceitar todos os dias.

– Por quê?

– Porque tem outros meninos pobres que também não trazem merenda.

Ela tirou o lenço da bolsa e passou disfarçadamente nos olhos.

– A senhora não vê a Corujinha?

– Quem é a Corujinha?

– Aquela moreninha do meu tamanho, que usa óculos e a mãe

enrola o cabelo dela em coquinhos, amarrando com cordão.

– Sei, a Dorotéia.

– É sim, senhora. As outras meninas não gostam de brincar com ela porque é moreninha e pobre demais. Então ela fica no canto, sempre sozinha. Eu divido o sonho que a senhora me dá com ela.

– Dessa vez, ela ficou com o lenço no nariz muito tempo.

– A senhora, de vez em quando, em vez de dar pra mim, podia dar pra ela. A mãe dela lava roupa para fora e tem 11 filhos, todos pequenos. Minha avó, todo sábado, dá um pouco de feijão e de arroz para ajudá-los e eu, divido meu sonho com ela, porque mamãe ensinou que “a gente deve dividir a pobreza da gente com quem é ainda mais pobre”.

As lágrimas estavam descendo.

– Eu não queria fazer a senhora chorar. Eu prometo que não roubo mais flores e que vou ser cada vez mais aplicado.

– Não é isso, Zezé. Venha cá.

Ela pegou as minhas mãos entre as dela.

– Você vai prometer uma coisa, porque você tem um coração maravilhoso, Zezé.

– Eu prometo, mas não quero enganar a senhora. Eu não tenho um coração maravilhoso. A senhora diz isso porque não me conhece em casa.

– Não tem importância. Para mim você tem.

– De agora em diante não quero que você me traga mais flores.

Só se você ganhar alguma. Promete?

– Prometo, sim senhora. E o copo? Vai ficar sempre vazio?

– Nunca esse copo vai ficar vazio. Quando eu olhar para ele vou sempre enxergar a flor mais linda do mundo. E vou pensar:

– Quem me deu essa flor foi o meu melhor aluno. Está bem?

Agora ela ria.

Soltou minhas mãos e falou com doçura:

– Agora pode ir “coração de ouro”.

“Quanto mais auxiliardes ao próximo, mais amplo auxílio recebereis do Senhor.”

Bezerra de Menezes

UM PRESENTE VALIOSO

Em uma pequena escola primária, na periferia da cidade de São Paulo, havia uma particularidade, seus alunos sentavam em dupla, em antigas carteiras pregadas ao chão.

Nesta escola, estudava o pequeno Josias, que cursava a primeira série do ensino fundamental.

No final da segunda semana de aula, Josias conversa, animadamente, com sua mãe, contando as novidades de sua recente vida escolar, a professora, as atividades e detalhes da vida de seu mais novo amiguinho, Jurandi, um menino negro, morador de uma favela localizada na região da escola, com quem passou a dividir sua carteira naquele dia, após este trocar de lugar e, conseqüentemente, companheiro de carteira, cinco vezes nas últimas duas semanas.

Ao ouvir detalhes de seu novo companheiro sua mãe, buscando disfarçar seu descontentamento, faz um comentário e em seguida questiona:

– Que interessante! Quanto tempo demorará até a professora realizar o rodízio entre os companheiros novamente?

– Ah, eu não sei mamãe, mas se ela disser que mudará o Jurandi de lugar, eu pedirei para continuar a ser o seu companheiro de carteira – respondeu Josias.

Após alguns dias, a mãe de Josias marcou uma reunião com a professora. Esta a recebeu na sala dos professores com um semblante simpático e triste ao mesmo tempo.

– A senhora é a mãe do pequeno Josias? Suponho que deseje um novo companheiro de carteira para o seu filho - disse a professora. Por favor, aguarde apenas alguns minutos, pois, estou terminando de atender outra mãe.

Muito próximo dali, a professora conversava com a mãe de Jurandi, que demonstrava ansiedade em seus questionamentos e o diálogo pôde ser ouvido pela mãe de Josias:

– Como Jurandi está se saindo? Espero que esteja acompanhando o ritmo das outras crianças. Se estiver encontrando dificuldades ou criando problemas, por favor, me avise.

Ela insistiu perguntando:

– Ele está criando algum problema professora? Por que ele

teve que trocar de carteira tantas vezes, já nos primeiros dias de aula?

A mãe de Josias percebia a situação constrangedora em que se encontrava a professora, pois, ela sabia a resposta para o questionamento daquela mulher e ficou admirada com a resposta gentil da professora:

– Não, Jurandi não está causando problema algum. Porém, tento mudar as crianças de lugar, diariamente, até encontrarem o parceiro ideal.

– Neste exato momento a mãe de Josias, interrompeu a conversa, se apresentou dizendo que seu filho estava muito feliz em ter Jurandi como seu novo companheiro e que esperava que eles continuassem a serem amigos por muito tempo, mesmo que em seu íntimo o desejo permanecesse sendo, o de um novo companheiro de carteira para o seu filho.

Por diversas ocasiões Jurandi convidou Josias para ir até sua casa, porém, sua mãe utilizou de todos os artifícios e desculpas possíveis para se esquivar do convite.

Entretanto, alguns dias depois do último convite, aconteceria um fato que mudaria de vez a sua visão com relação a esta amizade.

Era o dia do aniversário da mãe de Josias. Ao retornar para casa, depois de mais um dia de aula, seu filho trazia em sua pequena mão uma folha de caderno dobrada. Deu-lhe um grande beijo, entregando o pequeno pacote, que imediatamente foi desdobrado. Dentro, ela encontrou pequenas margaridas, retiradas do pátio da escola, um “Feliz Aniversário” desenhado com lápis de cor e enfeitado com bastante purpurina e duas moedas de um Real.

– Foi o Jurandi que mandou - disse Josias. É o dinheiro de seu lanche. Quando disse que hoje era o seu aniversário, ele praticamente me obrigou a lhe trazer este presente. Disse que você é uma grande amiga, porque foi a única mãe que não o obrigou a mudar de companheiro de carteira.

“Muito distante, próximo às nuvens e junto à luz do Sol estão minhas maiores aspirações. Sei que não posso alcançá-las neste momento, mas, todos os dias, eu posso olhar para cima, contemplar sua beleza e seguir meu caminho, acreditando que um dia este será o meu destino.”

UMA CASA NO CAMINHO

O pequeno Ricardo não agüentou o cheiro bom do pão e falou:

– Pai, estou com fome!

O pai, Agenor, sem ter um tostão no bolso, caminhando desde muito cedo em busca de um trabalho, olha com os olhos marejados para o filho e pede mais um pouco de paciência.

– Mas pai, desde ontem não comemos nada, eu estou com muita fome!

Envergonhado, triste e humilhado em seu coração de pai, Agenor pede para o filho aguardar na calçada enquanto entra na padaria a sua frente.

Ao entrar, dirige-se a um homem no balcão:

– Meu senhor, estou com meu filho de apenas seis anos na porta, com muita fome, não tenho nenhum tostão, pois, saí cedo para buscar um emprego e nada encontrei, eu lhe peço que em nome do Senhor me forneça um pão para que eu possa matar a fome desse menino, em troca posso varrer o chão de seu estabelecimento, lavar os pratos e copos ou outro serviço que o senhor precisar!

Amaro, o dono da padaria, estranha aquele homem de semblante calmo e sofrido, pedir comida em troca de trabalho e pede para que ele chame seu filho.

Agenor pega o filho pela mão e apresenta-o à Amaro, que imediatamente, pede que os dois sentem-se junto ao balcão, onde manda servir dois pratos de comida com arroz, feijão, bife e ovo.

Para o pequeno Ricardo era um sonho, comer após tantas horas na rua. Para Agenor, uma dor a mais, já que comer aquela comida maravilhosa fazia-o lembrar-se da esposa e de seus outros dois pequenos filhos que ficaram em casa apenas com um punhado de fubá. Grossas lágrimas desciam dos seus olhos já na primeira garfada.

A satisfação de ver seu filho devorando aquele prato simples como se fosse um manjar dos deuses e a lembrança de sua pequena família em casa, foi demais para seu coração tão cansado de mais de dois anos de desemprego, humilhações e necessidades.

Amaro se aproxima de Agenor e percebendo a sua emoção, brinca para relaxar:

– Ô Maria! Sua comida deve estar muito ruim... Olha o meu

amigo, está até chorando de tristeza desse bife, será que é sola de sapato?!?

Imediatamente, Agenor sorri e diz que nunca comeu comida tão apetitosa e que agradecia a Deus por ter esse prazer.

Amaro pede então que ele sossegue seu coração, que almoçasse em paz e depois conversariam sobre trabalho.

Mais confiante, Agenor enxuga as lágrimas e começa a almoçar, já que sua fome já estava nas costas.

Após o almoço, Amaro convida Agenor para uma conversa nos fundos da padaria, onde havia um pequeno escritório.

Agenor conta então que há mais de dois anos havia perdido o emprego e desde então, sem uma especialidade profissional, sem estudos, ele estava vivendo de pequenos biscates aqui e acolá, mas, que há mais de dois meses não recebia nada.

Amaro resolve então contratar Agenor para serviços gerais na padaria e penalizado, faz para o homem uma cesta básica com alimentos para pelo menos quinze dias.

Agenor com lágrimas nos olhos agradece a confiança daquele homem e marca para o dia seguinte seu início no trabalho.

Ao chegar em casa com toda aquela “fatura”, Agenor é um novo homem, sentia esperanças, sentia que sua vida iria tomar novo impulso. Deus estava lhe abrindo mais do que uma porta era toda uma esperança de dias melhores.

No dia seguinte, às cinco da manhã, Agenor estava na porta da padaria, ansioso para iniciar seu novo trabalho. Amaro chega logo em seguida e sorri para aquele homem que nem ele sabia porque estava ajudando. Tinham a mesma idade, trinta e dois anos e histórias de vida muito diferentes, mas, algo dentro dele chamava-o para ajudar aquela pessoa.

E, ele não se enganou, durante um ano, Agenor foi o mais dedicado trabalhador daquele estabelecimento, sempre honesto e extremamente zeloso com seus deveres.

Certo dia, Amaro chama Agenor para uma conversa e fala da escola que abriu vagas para a alfabetização de adultos um quarteirão acima da padaria e que ele fazia questão que Agenor fosse estudar.

Agenor nunca esqueceu seu primeiro dia de aula: a mão trêmula nas primeiras letras e a emoção da primeira carta.

Doze anos se passam desde aquele primeiro dia de aula e vamos encontrar agora o doutor Agenor Baptista de Medeiros, advoga-

do, abrindo seu escritório para seu primeiro cliente, e depois outro, e mais outro...

Ao meio-dia ele desce para um café na padaria do amigo Amaro, que fica impressionado em ver o “antigo funcionário” tão elegante em seu primeiro terno.

Mais dez anos se passam e agora o doutor Agenor Baptista, já com uma clientela que mistura os mais necessitados que não podem pagar e os mais abastados que o pagam muito bem, resolve criar uma instituição que oferece aos desvalidos da sorte, que andam pelas ruas, pessoas desempregadas e carentes de todos os tipos, um prato de comida diariamente na hora do almoço. Mais de duzentas refeições são servidas diariamente naquele lugar que é administrado pelo seu filho, o agora nutricionista Ricardo Baptista.

Tudo mudou, tudo passou, mas a amizade daqueles dois homens, Amaro e Agenor impressionava a todos que conheciam um pouco da história de cada um. Contam que aos oitenta e dois anos os dois faleceram no mesmo dia, quase que na mesma hora, morrendo placidamente com um sorriso de dever cumprido.

O filho Ricardo mandou gravar na frente da “Casa do Caminho”, que seu pai fundou com tanto carinho, os seguintes dizeres:

“Um dia eu tive fome e você me alimentou. Um dia eu estava sem esperanças e você me deu um caminho. Um dia acordei sozinho, e você me deu Deus, e isso não tem preço. Que Deus habite em seu coração e alimente sua alma. E, que te sobre o pão da misericórdia para estender a quem precisar.”

“Nenhuma atividade no bem é insignificante. As mais altas árvores são oriundas de minúsculas sementes e o bem que praticares em algum lugar é teu advogado em toda parte.”

Chico Xavier

UMA LIÇÃO DE AMOR

Nos anos 60, um senhor de nome Benedito, prestava serviços domésticos na residência de Chico Xavier.

Num certo período, Chico passou a sair de casa todos os dias à hora do almoço. Não informava aonde ia, dizia apenas que visitaria um enfermo necessitado de atenção. Comumente solicitava:

– Benedito, faça o favor de preparar um franguinho bem macio, que preciso levar a um doente. Lembre-se de que deve ficar bem tenro, pois, ele está muito fraco. Precisa fortalecer-se, pouco a pouco, dia a dia!

Quem seria o doente que mereceria tanta dedicação de Chico.

Assim, diariamente saía levando uma vasilha com o alimento. Benedito, porém, morria de curiosidade em conhecer tão ilustre doente, mas Chico não o revelava.

Certo dia, Benedito resolveu segui-lo pelas ruas de Uberaba. Atravessaram o bairro, entraram num matagal e mais à frente ele estacou o passo, a cena era por demais comovente e inesperada, ao mesmo tempo.

No fundo da mata Chico atendia o misterioso doente: um cãozinho vira-lata machucado e faminto.

*“Sei que sou apenas uma formiguinha, daquelas bem pequenininhas.
Mas é melhor ser uma formiguinha do que não ser nada.”*

Chico Xavier

UMA LIÇÃO DE PERDÃO NA ESCRAVIDÃO

Um escravo, criado com ensinamentos sobre a importância do perdão e do amor ao próximo, tornou-se de grande valor para o seu senhor, por causa da sua honradez e bom comportamento; tanto, que seu senhor o elevou à uma posição de importância, isto é, administrador das suas fazendas.

Numa ocasião, o seu senhor desejou comprar mais vinte escravos, e mandou que o novo administrador os escolhesse, dizendo que queria os mais fortes e os que trabalhassem melhor.

O escravo foi ao mercado e começou a sua busca; fixou a vista num velho e decrépito escravo e disse ao senhor que aquele havia de ser um dos escolhidos.

O senhor ficou surpreso com a escolha e não queria concordar, sem entender nada, o pobre velho pediu que fossem indulgentes com ele.

O negociante então, disse que se eles comprassem vinte, daria o velho de graça.

A compra, portanto, foi feita e os escravos foram levados para as fazendas do seu novo senhor; mas o antigo escravo tratou o velho decrépito com muito mais cuidado e atenção do que a qualquer dos outros.

Levou-o para sua casa, dava-lhe da sua comida, quando tinha frio, levava-o para o sol, quando tinha calor colocava-o debaixo das árvores de cacau, à sombra.

Admirado das atenções que o seu antigo escravo dispensava a um outro escravo, seu senhor lhe perguntou por que fazia isso.

– Decerto não se interessaria tanto por ele sem ter algum motivo especial: é teu parente, talvez teu pai?

O pobre escravo respondeu:

– Não senhor, ele não é meu pai.

– É então o teu irmão mais velho?

– Não senhor, ele não é meu irmão.

– Então é teu tio ou outro parente?

– Não tenho parentesco algum com ele, nem mesmo é meu amigo.

– Então - perguntou o seu senhor - por que motivo tem tanto

interesse por ele?

– Ele é meu inimigo, senhor, respondeu o escravo, Vendeu-me a um negociante, mas aprendi que devemos perdoar os nossos inimigos e que quando o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer, e quando ele tiver sede, dá-lhe de beber, e esta é a oportunidade que tenho de colocar meus aprendizados em prática.

“Para tornar-se verdadeira, a paz deve nascer do espírito.”

Mahatma Gandhi

UMA OFERTA CARIDOSA

Certo dia, um rapaz pobre, que vendia mercadorias de porta em porta para pagar seus estudos, viu que só lhe restava uma simples moeda de dez centavos e ele tinha muita fome.

Decidiu que pediria comida na próxima casa em que ofereceria seus produtos. Porém, seus nervos e sua vergonha o traíram quando uma encantadora mulher jovem abriu a porta. Em vez de comida, pediu um copo de água.

Ela pensou que o jovem parecia faminto e assim lhe deu um grande copo de leite.

Ele bebeu devagar e depois lhe perguntou:

– Quanto lhe devo?

– Não me debes nada - respondeu ela - minha mãe sempre nos ensinou a nunca aceitar pagamento por uma oferta caridosa.

Ele disse:

– Pois te agradeço de todo coração.

Quando o jovem rapaz saiu daquela casa, não só se sentiu mais forte fisicamente, mas também sua fé em Deus e nos homens, ficou fortalecida. Ele já estava resignado a se render, deixar tudo, abandonar a faculdade de medicina, muito cara para a sua realidade.

Anos depois essa jovem mulher ficou gravemente doente. Os médicos locais estavam confusos e a enviaram à uma grande cidade da região, onde chamaram um especialista para estudar sua rara enfermidade.

Chamaram o maior especialista da região. Quando este escutou o nome do povoado de onde ela viera, uma estranha luz encheu seus olhos, era sua cidade natal e ele imediatamente subiu ao quarto da paciente.

Vestido com sua bata de doutor reconheceu-a imediatamente. Retornou ao quarto de observação determinado a fazer o melhor para salvar aquela vida. A partir daquele dia dedicou atenção especial àquela paciente.

Depois de uma demorada luta pela vida da enferma, ganhou a batalha. Finalizado o seu trabalho pediu à administração do hospital que lhe enviasse a fatura total dos gastos para aprová-la. Ele a conferiu e depois escreveu algo, mandando entregá-la no quarto da pacien-

te.

Ao receber a fatura, a paciente tinha medo de abri-la, pois, sabia que levaria o resto de sua vida para pagar todos os gastos.

Mas, finalmente abriu, seu semblante ficou tomado de espanto, e lágrimas de alegria e gratidão correram por sua face com uma nota escrita na fatura que dizia:

“Pago totalmente, muitos anos atrás, com um copo de leite”.

“Em resposta a uma ética da exclusão, estamos todos desafiados a praticar uma ética da solidariedade.”

Betinho

UMA SÓLIDA AMIZADE

No século IV a.C., em Siracusa, na Sicília, existiam dois amigos inseparáveis, Pítias e Damon. Nada havia que um não fizesse pelo outro.

Certo dia, o rei de Siracusa, Dionísio, aborreceu-se ao tomar conhecimento de certos discursos que Pítias vinha fazendo.

O jovem pensador andava dizendo ao público, que nenhum homem devia ter poder ilimitado sobre outro. E que os tiranos absolutos eram reis injustos.

Presos - ambos os amigos - Pítias reafirmou perante a autoridade real as suas idéias. O que dizia ao povo era a verdade e, portanto a sustentaria, custasse o que custasse.

Acusado de traição, Pítias foi condenado à morte. Como seu último desejo, pediu ao rei que o deixasse dizer adeus à sua mulher e filhos e colocar os assuntos domésticos em ordem.

Dionísio riu do desejo do condenado:

– Vejo que além de injusto e tirano, você também me considera um tolo. Se sair de Siracusa, tenho certeza que nunca mais voltará, disse o rei.

Foi nesse momento, que Damon adiantou-se e ofereceu-se como garantia. Ficaria em Siracusa como prisioneiro, até o retorno do amigo.

– Pode ter certeza de que Pítias voltará. Nossa amizade é bem conhecida. Eu ficarei aqui.

Ainda um tanto desconfiado, Dionísio examinou os dois amigos, alertando Damon que, se Pítias não voltasse, ele morreria em seu lugar, e aceitou a oferta.

Pítias partiu e Damon foi atirado na prisão.

Muitos dias se passaram. Pítias não voltava e o rei foi verificar como estava o ânimo do prisioneiro. Estaria arrependido de ter feito o acordo?

– Seu tempo está chegando ao fim, sentenciou o rei de Siracusa. Será inútil implorar misericórdia. Você foi um tolo em confiar em seu amigo. Achou mesmo que ele voltaria para morrer?

Com firmeza, Damon respondeu:

– É um mero atraso. Talvez, os ventos não lhe tenham permiti-

do navegar. Talvez, teve um imprevisto na estrada. Guardo a certeza que, se for humanamente possível, ele chegará a tempo.

Dionísio admirou-se da confiança do prisioneiro.

Chegou o dia fatal. Damon foi retirado da prisão e levado à presença do carrasco.

Lá estava o rei, sarcástico, gozando sua vitória.

– Parece que seu amigo não apareceu. Que acha dele agora?

Perguntou.

– É meu amigo. Confio nele, foi a resposta de Damon.

Nem terminara de falar e as portas se abriram, deixando entrar Pítias cambaleante.

Estava pálido, ferido e a exaustão lhe tirava o fôlego. Atirou-se nos braços do amigo.

– Graças aos céus, você está vivo! - falou soluçando. Parece que tudo conspirava contra nós. Meu navio naufragou numa tempestade. Depois, bandidos me atacaram na estrada. Recusei-me, contudo, a perder a esperança e aqui estou. Estou pronto para cumprir a minha sentença de morte.

Dionísio ouviu com espanto as palavras. Era-lhe impossível resistir ao poder de tal lealdade.

Emocionado, declarou:

– A sentença está revogada. Jamais acreditei que pudessem existir tamanha fé e lealdade na amizade. Vocês mostraram como eu estava errado. É justo que ganhem a liberdade. Em troca, porém, peço um grande auxílio.

– Que auxílio? Perguntaram os amigos.

– Ensinem-me a ter parte em tão sólida amizade.

*“A paz não pode ser mantida a força,
só conseguida pela compreensão.”*

Albert Einstein

UMA TAÇA DE SORVETE

Numa época em que um sorvete custava muito menos do que hoje, um menino de dez anos entrou na lanchonete de um hotel e sentou-se junto a uma mesa.

Uma garçonete colocou um cardápio na frente dele.

– Quanto custa um sundae?, ele perguntou.

– Cinquenta centavos, respondeu a garçonete.

O menino puxou as moedas do bolso e começou a contá-las.

– Bem, quanto custa o sorvete simples?, ele perguntou.

A essa altura, mais pessoas estavam esperando por uma mesa e a garçonete, perdendo a paciência, respondeu “trinta e cinco centavos”, de maneira brusca.

O menino, mais uma vez, contou as moedas e disse:

– Eu vou querer, então, o sorvete simples.

A garçonete trouxe o sorvete simples, a conta, colocou na mesa e foi atender outros clientes.

O menino acabou o sorvete, pagou a conta no caixa e saiu.

Quando a garçonete voltou, ela começou a chorar a medida em que limpava a mesa, pois ali, ao lado do prato, havia quinze centavos em moedas, ou seja, o menino não pediu o sundae porque queria que sobrasse a gorjeta para ela.

Não feche os olhos para as pequenas coisas do dia a dia, não as ignore, porque você pode estar deixando uma grande oportunidade passar sem perceber e esta oportunidade, pode ser aquela que justamente mudaria a sua vida.

“Não se mede o valor de um homem pelas suas roupas ou pelos bens que possui. O verdadeiro valor de um homem é o seu caráter, suas idéias e a nobreza dos seus ideais.”

Charles Chaplin

UMA VIRTUDE VALIOSA

A seguinte oração foi encontrada entre os pertences pessoais de um judeu, morto num campo de concentração:

“Meu Senhor, peço que não te lembres apenas dos homens de boa vontade; Lembra-Te também dos homens de má vontade.

Não Te lembres apenas das crueldades, sevícias e todas as violências que eles praticaram: lembra-Te também dos frutos que produzimos por causa do que eles nos fizeram. Lembra-Te da paciência, coragem, confraternização, humildade, grandeza de alma e fidelidade que nossos carrascos, terminaram por despertar em nossas almas.

Permite então, Senhor, que todos os frutos por nós produzidos, possam servir para salvar as almas dos homens de má vontade”.

“Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia de nossas vidas é quando os homens têm medo da luz.”

Platão

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela minha sombra que me segue, pois significa que eu ando ao sol, sobre uma boa terra, onde trilho meus caminhos.

Pelo prato de comida que tenho a mesa, seja ele singelo ou repetitivo, pois, muitos bem próximos a mim, desejariam intensamente ter um pedaço de pão para saciar a fome.

Pela família maravilhosa. Saudável, feliz e unida, que contraria as estatísticas de aumento no número de lares incompletos e infelizes.

Pela alegria e saúde de meu cãozinho, minoria em um mundo onde tantos animais de estimação são abandonados ou sacrificados diariamente por se tornarem “um estorvo”.

Pela água fresca a que tenho acesso, lembrando que muitos, no mundo todo, morrem por ausência de um pouco de água que lhes mantenha a vida.

Pelo gosto amargo do remédio, pois significa, que além de ter paladar, tenho acesso à medicação farta e eficaz, uma utopia para muitas pessoas em minha própria comunidade.

Pelas paredes que precisam ser pintadas, pela lâmpada que precisa ser trocada, pela fechadura que enrosca, porque isso significa que tenho minha sagrada moradia.

Pela vizinha que usa roupas com “cores berrantes” e canta desafinado, pois, significa que posso ver e ouvir.

Pelo cansaço que sinto ao final do dia, porque significa que tenho saúde para trabalhar.

Pelo despertador que toca pela manhã, quando ainda gostaria de permanecer dormindo um pouco mais, porque significa que mereci a bênção de acordar por mais um dia.

Pela única vaga livre que encontro no final do estacionamento, pois, significa que além de ter a felicidade de poder andar, tenho a ventura de ter um meio de transporte.

Pelos impostos que pago, por ter uma fonte de renda. Muitos desejariam estar no meu lugar e não se importariam em ter tal desconto em seu salário, porque teriam um salário.

Por todas as críticas que faço às coisas que não aceito, porque significa que vivo em um país onde gozo de liberdade de expressão.

Finalmente, agradeço a Deus pela minha vida maravilhosa, “cheia de pequenos problemas”, pois, tenho a certeza de que eu sou capaz de resolver cada um deles, da melhor maneira possível. E diante da ausência de qualquer coisa que desejo, penso muito antes de reclamar. Penso em tudo que Deus já me dispõe e que tanto me beneficia com conforto, alegria, paz, amor, harmonia, saúde e prosperidade. E neste momento, agradeço imensamente por ser um privilegiado e oro por todos aqueles que não desfrutam dessas mesmas oportunidades.

Caso algum texto deste livro tenha sua fonte original contestada, solicitamos que entrem em contato para que possamos adotar todas as medidas cabíveis para a solução da questão, uma vez que, não temos o objetivo de infringir qualquer lei de direito autoral em vigor. Salientamos ainda que, não temos nenhuma finalidade comercial, sendo a distribuição desta obra, assim como das demais ferramentas e projetos de conscientização e motivação desta organização, totalmente gratuitos e de cunho meramente humanitário.

*"Jamais subestime o poder de suas ações.
Com um pequeno gesto você pode mudar a
vida de uma pessoa, para melhor ou para pior,
pois, a gentileza e o respeito no trato pessoal,
também significam caridade."*

Alex Cardoso de Melo



*"Um homem não morre quando
deixa de existir e sim quando
deixa de sonhar."*

www.meusonhonaotemfim.org.br